

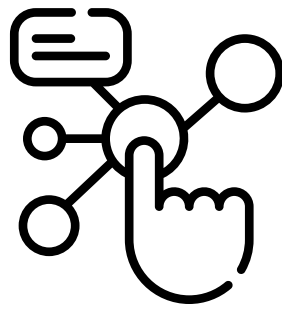


Shirley da Rocha Afonso  
(Organizadora)

# AS VIVÊNCIAS E OS DESAFIOS DO ORIENTADOR EDUCACIONAL: PRÁTICAS ESTRATÉGICAS NO CENÁRIO ESCOLAR



**CP**  
Centro  
Paula Souza



MATERIAL INTERATIVO



# AS VIVÊNCIAS E OS DESAFIOS DO ORIENTADOR EDUCACIONAL: PRÁTICAS ESTRATÉGICAS NO CENÁRIO ESCOLAR

Shirley da Rocha Afonso  
(Organizadora)

SÃO PAULO  
2023



MATERIAL INTERATIVO

## FICHA CATALOGRÁFICA

As vivências e os desafios do Orientador Educacional: práticas estratégicas no cenário escolar [livro eletrônico] / Adriana Araujo da Silva...[et al.]; organizado por Shirley da Rocha Afonso. – 1.ed. – São Paulo : Centro Paula Souza, 2023.

130 f. : il.  
Inclui bibliografia e ilustrações  
Disponível em: [cetec.cps.sp.gov.br](http://cetec.cps.sp.gov.br)  
ISBN 978-65-87877-47-1

Livro eletrônico – 1. Estratégias educacionais. - 2. Vivências gerenciais. – 3. Gestão Escolar. - 4 Orientador Educacional. – . I. Guerra, Lucilia, II. Afonso, Shirley. III. Centro Paula Souza. Cetec Capacitações.

Palavras-chave: Vivências escolares. Integração. Acolhimento. Integração social. Orientação educacional. Escola.

CDD 306.43  
CDU 37



## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

<b>GOVERNADOR</b>	Tarcísio Gomes de Freitas
<b>VICE-GOVERNADOR</b>	Felício Ramuth
<b>SECRETÁRIO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO</b>	Vahan Agopyan



## CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

<b>DIRETORA SUPERINTENDENTE</b>	Laura Laganá
<b>VICE-DIRETORA SUPERINTENDENTE</b>	Emilena Lorenzon Bianco
<b>CHEFE DE GABINETE DA SUPERINTENDÊNCIA</b>	Armando Natal Maurício
<b>COORDENADORA DA PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA</b>	Helena Gemignani Peterossi
<b>COORDENADOR DO ENSINO SUPERIOR DE GRADUAÇÃO</b>	Rafael Ferreira Alves
<b>COORDENADOR DO ENSINO MÉDIO E TÉCNICO</b>	Almério Melquíades de Araújo
<b>COORDENADORA DE FORMAÇÃO INICIAL E EDUCAÇÃO CONTINUADA</b>	Marisa Souza
<b>COORDENADORA DE INFRAESTRUTURA</b>	Bruna Fernanda Ferreira
<b>COORDENADORA DE GESTÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA</b>	Magda de Oliveira Vieira
<b>COORDENADOR DE RECURSOS HUMANOS</b>	Vicente Mellone Junior
<b>COORDENADORA DA ASSESSORIA DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA</b>	Emilena Lorenzon Bianco
<b>COORDENADORA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO</b>	Dirce Helena Salles

Rua dos Andradas, 140 - Santa Ifigênia  
01208-000 - São Paulo - SP



## EXPEDIENTE

**ORGANIZAÇÃO** Shirley da Rocha Afonso

**AUTORES** Adriana Araujo da Silva  
Alzira de Barros  
Ana Paula Haiek Martinez  
Cibele Ramos Rocha  
Deise Maria Marques da Silva Ramos  
Elane Conde da Silva  
Iria Aparecida Martins  
José Roberto Medeiros de Faria  
Luciana Luna Furlan  
Luciana Santos Legnaioli Martins Cunha  
Lucimara Alves Aguiar Basso  
Lucimara de Sousa Teixeira  
Maria Antonieta Nardin França  
Patrícia Helena Cardoso Buim  
Paula Fabiana da Silva Aguiar  
Regiane Moraes Silva  
Renata Aparecida Rodrigues Ferreira Dias  
Renata Nascimento Ribeiro  
Rita de Cássia Pádula  
Roseli Fernandes Rocha  
Samanta Regina Sales Pianta Raviccini  
Yara Therezinha de Almeida Lozano

**EDITORA** Centro Paula Souza

**REVISÃO TÉCNICA E DE TEXTO** Edna Aparecida Rodrigues da Silva

**CRIAÇÃO, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO** Jefferson J. A. Santana

**RESPONSÁVEL PELO CURSO DE  
CAPACITAÇÃO PARA OS ORIENTADORES  
EDUCACIONAIS EM 2021** Rosemeire de Fátima Ferraz

**IMAGENS ILUSTRATIVAS** Flaticon.com  
Freepik.com  
Midjourney

# BOAS-VINDAS

Sabe aquela história que movimenta as conversas no horário do café? Sabe aquela história que após ser contada, ouve-se o seguinte comentário: Nossa, isso dá um livro? Pois bem. Ao longo de alguns meses, fomos desafiados a buscar em nossa memória essas histórias que nos marcaram profundamente e sempre que temos oportunidade passamos adiante aos nossos companheiros de trabalho.

Nesta capacitação, buscamos situações que pudessem ser compartilhadas com outros professores a fim de multiplicar boas práticas, inspirando outros profissionais a partir de uma situação da rotina escolar. Hoje a Educação é solidária. Eu aprendo com e pelo outro.

Esta capacitação, em especial, viveu dois momentos muito significativos: o primeiro, evidentemente, está pautado nas memórias de cada orientador educacional envolvido nesta produção. Escolher a melhor história, retomá-la e refletir sobre a atuação é um exercício muito importante de autoavaliação. Depois, o momento da partilha. Dividir com outros colegas professores as boas práticas é um exercício contínuo de capacitação, pois por modelagem re(construímos) nossa prática.

Este livro é hoje publicado porque um grupo de professores extremamente engajado se envolveu nesta proposta e assumiu o desafio aqui proposto: escrever um livro.

Muitas histórias chegaram e cada uma trouxe sua emoção, sua verdade... Os temas são os mais variados possíveis, caminhamos desde pandemia, transtornos de aprendizagem, inclusão, gravidez na adolescência, escuta empática, atividades extracurriculares, aspectos comportamentais e relações interpessoais...

Embora pareça distante, a temática dos textos se une pela figura do Orientador Educacional. Este, com sua postura diferenciada, atuou de forma a privilegiar a Educação Integral, apropriando-se de cada oportunidade escolar para educar.

Ao longo da leitura desse livro, você vai se identificar, vai se emocionar, vai se capacitar, vai se inspirar, vai se humanizar.

**Boa leitura!**

*Rosemeire de Fatima Ferraz*



# APRESENTAÇÃO

**D**iscutir as estratégias de acolhimento ao aluno, adotadas pelos Orientadores Educacionais em cada Etec é reconhecer a importância dos fatores desencadeadores dos diferentes fenômenos ocorridos dentro do espaço escolar. Com o intuito de refletir sobre a função social da escola para sociedade e aluno e compreender a atuação desse profissional para promover um percurso formativo do aluno com vistas à convivência escolar saudável, cooperativa e colaborativa, assim, iniciou a apresentação dos Orientadores Educacionais que se dispuseram a relatar as experiências e estratégias utilizadas em ocasiões importantes.

A estratégia **O VOO ALÇADO PELA PERSEVERANÇA**, por Adriana Araujo da Silva, que diz respeito à estratégia utilizada ao reconhecer o comportamento e sentimentos expressos por seus alunos, principalmente, quando se percebe as mudanças emocionais sem motivos aparentes. Muitas vezes, o “olhar” acurado do Orientador Educacional pode revelar a importância em prevenir situações graves.

**ESCOLA: LUGAR DE IGUALDADE E EQUIDADE**, de Alzira de Barros, destaca o benefício do uso de tecnologia de comunicação para identificar as necessidades e prioridades de alunos, a fim de subsidiar os diferentes de acessos ao espaço de aprendizagem. Ela conta como foi organizar o Plano de Orientação para Aprendizagem a Distância e como foi possível organizar os espaços educacionais para os alunos pudessem evoluir em seu itinerário formativo.

Ana Paula Haiek Martinez apresenta a estratégia **EDUCAR E ACOLHER: O PAPEL DA ESCOLA**. É a descrição de como sucedeu a parceria interinstitucional com outra escola estadual; como foi possível proporcionar a melhoria da qualidade de vida os alunos com as chances de ingresso em cursos profissionalizantes. Relata sobre as dificuldades e a busca por orientação profissional para os alunos-irmãos, que estavam frequentando a mesma série escolar.

Durante a organização da gestão escolar, as vezes é importante refletir sobre as rivalidades que existem entre alunos, cursos e escolas. Em como esta pode prejudicar a integração entre as turmas de alunos e, por isso, é necessária desenvolver estratégias para superar esse tipo de problemas dentro do espaço escolar. Isso, é apresentado por Cibele Ramos Rocha, quando relata sobre a **INTEGRAÇÃO EM MEIO AO CAOS**.

Nessa estratégia, observa-se a história sobre a criação de um grupo de representantes de classes forte, integrado e participativo, motivado a incentivar todos





alunos unirem-se em prol de um ambiente escolar harmonioso. Para aumentar a participação dos alunos em atividades escolares e extraescolares, o grupo de representantes promoveram a criação do grêmio estudantil e propuseram atividades interescolar de forma remota durante a pandemia COVID-19 como, jogos online, sessões de filmes e séries.

O relato sobre **MUTISMO SELETIVO E A INTEGRAÇÃO SOCIAL** é destacado por Deise Maria Marques da Silva Ramos, que ressalta a importância do papel de observador do Orientador Educacional; sobre o “perceber” a mudança de comportamento do aluno dentro do espaço escolar. Diz respeito sobre a importância em detectar os mínimos sinais apresentados pelo aluno, a fim de proporcionar o início de tratamentos específicos com profissionais especializados. Destaca a importância e o papel social da escola em saber acolher o aluno e seus familiares frente aos problemas identificados dentro desse espaço.

Elane Conde da Silva, destaca a importância sobre observar o rendimento escolar do aluno e como ele é afetado por mudanças de comportamentos. A estratégia **UTOPIA SOCIAL: CULTO À MAGREZA** apresentada diz respeito à atenção afetiva e emocional do aluno no espaço escolar. Como foi possível traçar um plano para desenvolver empatia, motivação e autoestima.

O relato de Iria Aparecida Martins sobre **A REALIDADE QUE NOS CERCA** inicia-se ressaltando sobre a função social do Orientador Educacional para a escola e o aluno. Diz respeito sobre a construção pedagógica num processo democrático de aprendizagem. Com isso em mente, ela conta sobre uma experiência que exigiu atenção sobre como são estabelecidas as relações interpessoas em momentos de crise e como o espaço escolar pode ser aproveitado para fortalecer estas relações.

A estratégia **SOBRE O TEMPO E AS PALAVRAS** de José Roberto Medeiros de Faria aborda a maneira como a escola enfrentou o conflito sobre o processo de escolarização e insatisfação de alunos. Ele relata que foi necessário estabelecer reuniões constantes para debates diversos, além de oferecer instrumentos e recursos paradidáticos com diferentes temas na tentativa de envolver os alunos.

Luciana Luna Furlan traz em seu texto **A ESCUTA DO CORAÇÃO** a reflexão sobre a importância do Orientador Educacional no ambiente escolar, pois, é capaz de fortalecer a relação entre aluno e escola e oportunizar a superação de dificuldades e conflitos interpessoais no ambiente escolar. Ela alerta para o momento de isolamento social, que foi capaz de gerar inseguranças e desmotivação para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, para isso, se faz necessário o uso de tecnologias para incentivar os processos educacionais.





A pandemia de Covid-19 trouxe diferentes desafios para a escola e um deles foi o isolamento social. Este problema prejudicou o processo da aprendizagem de muitos alunos e coube à escola desenvolver estratégias que superassem esses desafios. Isso é relatado na estratégia de Luciana Santos Legnaioli Martins Cunha, em **UMA NOVA OPORTUNIDADE**, quando ela descreve a importância de oferecer recursos tecnológicos e digitais para acompanhar e desenvolver as aprendizagens dos alunos.

**LUZ DOS OLHOS – A VISÃO DO CORAÇÃO** é uma estratégia descrita por Lucimara Alves Aguiar Basso, que narra sua experiência na unidade escolar por meio da história de um dia comum de trabalho. Nesta história ela conta sobre a estratégia estabelecida para solucionar a dificuldade de aprendizagem de um aluno com limitações visuais.


O **CASO HENRIQUE** de Lucimara de Sousa Teixeira relata a importância em observar as experiências de convivências e laços afetivos estabelecidos nas relações interpessoais. No relato, a professora conta sobre como implantou a estratégia de observação, compreensão e acolhimento do aluno em ambiente escolar para identificar as mudanças de comportamentos e a necessidade de acompanhamento especializado.

A importância em fornecer infraestrutura adequada, capaz de atender os alunos de maneira efetiva. É importante analisar a função social a que se destina a escola e como ela consegue atender as necessidades da comunidade envolta. Esse é o alerta feito por Maria Antonieta Nardin França ao relatar a experiência **DEFICIÊNCIA VISUAL: TRANSPONDO MUROS, DERRUBANDO BARREIRAS**. Ela descreve como implantou uma estratégia de solução para o problema identificado e como desempenhou a função de Orientadora Educacional na escola.

A estratégia **MAIS UMA HISTÓRIA DE CISTO** de Patrícia Helena Cardoso Buim é um relato sobre sua experiência em implantar um processo organizado, que visa integrar os alunos ao ambiente escolar e formação educacional. No entanto, desta que o orientador tem também a função de oferecer suporte emocional e afetivo de forma que oriente opções de solução de problemas, como por exemplo, a abordagem da gravidez na adolescência.

**A VIDA REFLETIDA NA ESCOLA** de Regiane Moraes Silva descreve a importância do orientador educacional atender e orientar os alunos, integrando e apoiando os processos de ensino e aprendizagem. Destaca a importância em observar o ambiente escolar e identificar as mudanças de desempenho de aprendizagem dos alunos para propor a resolução de problemas.

O relato de Renata Aparecida Rodrigues Ferreira Dias sobre a **INCLUSÃO: APRENDIZADO PARA TODA A COMUNIDADE ESCOLAR** descreve a importân-



cia em implantar estratégias de convivência em ambiente escolar. É necessário desenvolver processos de acolhimento e empatia para promover experiências positivas.

Rita de Cássia Pádula destaca a importância em implantar estratégias de comunicação e transmissão de informações adequadas em ambiente escolar. Descreve a experiência vivenciada e como superou a situação **LIDANDO COM A DIVERSIDADE**, que deixou vulneráveis aluno e escola.

Durante a pandemia de Covid-19, o Orientador Educacional vivenciou situações que exigiram sua capacidade para propor soluções de problemas e conflitos, como exemplo acompanhar o aluno em seu processo de aprendizagem em modalidade de ensino digital. Essa é **UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO** contada por Roseli Fernandes Rocha.

A estratégia **CAFÉ + PROSA, FALA E ESCUTA ACOLHEDORA**, de Samanta Regina Sales Pianta Raviccini, alerta para a função social dos profissionais da educação. Orienta que a escuta e o acolhimento são essenciais para compreender o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Ela descreve sua experiência para implantar estratégia de escola ao aluno durante o período de pandemia Covid-19. Uma experiência, que utilizou a plataforma Teams para compartilhar reflexões e debates com alunos.

Paula Fabiana da Silva Agüero descreve a implantada sobre **O DIÁLOGO COMO CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO**. Nela, é relatado a experiência ocorrida no ambiente escolar e como encontrou uma solução para desenvolver uma estratégia com êxito.

**SUPERANDO ADVERSIDADES**, de Renata Nascimento Ribeiro, é uma estratégia que destaca a reflexão sobre o enfrentamento de problemas, em como adaptar as situações para enfrentá-las. Descreve como a escola assume a função social para a comunidade escolar e sobre como as estratégias adaptativas podem promover as relações interpessoais e de aprendizagem com os alunos.

As ações educativas motivadoras e diferenciadas, muitas vezes, são estratégias bem-sucedidas em ambiente escolar. Elas promovem aprendizagem por desafiar mudanças de comportamento. É capaz de envolver alunos e professores em um movimento que mobiliza a comunicação e construção de novos saberes. Essa reflexão é possível observar ao ler a estratégia **DESAFIO FAÇA ACONTECER** implantada por Yara Therezinha de Almeida Lozano.

Essas estratégias são resultados do Projeto Cetec Capacitações Orientador Educacional: vivências e práticas, de Rosemeire de Fátima Ferraz. Nele, são propostas a formação continuada de orientadores educacionais, a fim de subsidiar



a compreensão sobre sua função social no ambiente escolar e promover a mudança de comportamentos das relações interpessoais.

O projeto destaca, que o orientador educacional é responsável pelo acompanhamento do desenvolvimento pessoal do aluno oferecendo instrumentos de suporte para a formação em valores. Deve promover a construção das relações interpessoais e implantar estratégias de reflexão sobre enfrentamento de problemas, a fim de solucioná-los.

Com isso tudo, convido a todos à leitura de cada estratégia para suscitar a reflexão sobre novas estratégias de construção das relações interpessoais em ambiente escolar para promover um processo de aprendizagem com qualidade.

*Shirley da Rocha Afonso<sup>1</sup>*

1. Enfermeira. Cetec Capacitações – Coordenadora de Projetos em Saúde, Centro Paula Souza.

# PREFÁCIO

O trabalho do Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão é articular saberes e apoiar o crescimento de professores e equipes gestoras das unidades escolares.

A formação continuada é uma realidade no Centro Paula Souza há mais de 30 anos e, por sua natureza provocativa, traz inquietude àqueles que dela usufruem, pois, para avançar, é importante que se busque a melhoria contínua de processos e produtos.

Trazer palestrantes e proporcionar a riqueza de capacitações que ajudem nesse trabalho é fundamental, uma vez que novos subsídios são incorporados à reflexão e dão potência às mudanças necessárias ao crescimento.

Entretanto, sempre há aprendizados quando se realiza a troca de boas práticas entre os pares. As capacitações oferecem momentos em que a aprendizagem se dá pelas vivências que descobrimos, pelas realidades que são expostas e pelas soluções encontradas pelos colegas.

Muito peculiar ao trabalho dos Orientadores Educacionais, que fazem um trabalho atencioso, muitas vezes exaustivo e sempre indispensável, estão as histórias de estudantes. Estes que são os atores principais das escolas, objeto de atenção e trabalho de todas as frentes, trazem os contextos diferenciados, as crises existenciais, as dúvidas muito pertinentes, as dificuldades que se impõem em todos os âmbitos de suas vidas, para o ambiente escolar.

Recepcionados e acolhidos pelos Orientadores Educacionais, são percebidos por suas singularidades e atendidos em suas necessidades das mais variadas formas.

Essa demanda por atenção é crescente na atualidade, pois, cada vez mais, os estudantes entendem que precisam ser ouvidos e para aqueles que não têm esta compreensão, são percebidos pelos profissionais da Orientação Educacional e cuidados igualmente.

O trabalho aqui apresentado é fruto de uma formação, promovida pelo Centro de Capacitação e conduzido pela Profa. Rosemeire Ferraz, a quem agradecemos a iniciativa. A coleta de relatos do árduo e sensível trabalho





dos orientadores se manifesta como um recorte de tantas ações realizadas por estes profissionais e que, muitas vezes, são desconhecidas, inclusive da equipe escolar.

Trazer os casos e como as questões impostas foram encaminhadas poderá, certamente, oferecer subsídios aos leitores e fazer com que articulem novos caminhos para apoiar os estudantes em situações equivalentes.

O valor da experiência do outro tem que ser colocado em destaque, à parte os repertórios individuais de estudantes e orientadores além de contextos escolares diversos, muitos casos se assemelham.

A escola é um grande laboratório humano, onde se erra e acerta o tempo todo, pois a imprevisibilidade das pessoas é a constante. Entretanto os profissionais da Orientação Educacional têm a tarefa de equalizar diferenças, mediar conflitos e atender às situações que tangenciam as personalidades diversas. É rico, porém, desafiador.

Os professores formam profissionais, formam pessoas e a equipe escolar viabiliza e colabora na construção dessa obra.

Os aspectos que não estão diretamente conectados às competências técnicas e aos saberes científicos ou profissionais podem ser decisivos na qualidade da formação global do indivíduo. Portanto, a equipe que apoia o bom desenvolvimento de todas as competências e habilidades, é decisiva para que o trabalho seja bem realizado e os estudantes possam não apenas passar pela escola, mas serem transformados por ela.

Os relatos aqui trazidos, oferecem pistas da atividade importante e agregadora de parte desta valente equipe escolar, que torna a escola humanizada e sensível às necessidades dos estudantes de forma extensível às suas famílias, afinal não se pode formar pessoas sem educar a sensibilidade delas e, parte desta educação, se dá com empatia e escuta.

Que estas trajetórias sejam agregadoras para todos que as lerem e que os exemplos aqui trazidos possam inspirar novas histórias de cuidado e acolhimento no ambiente escolar.

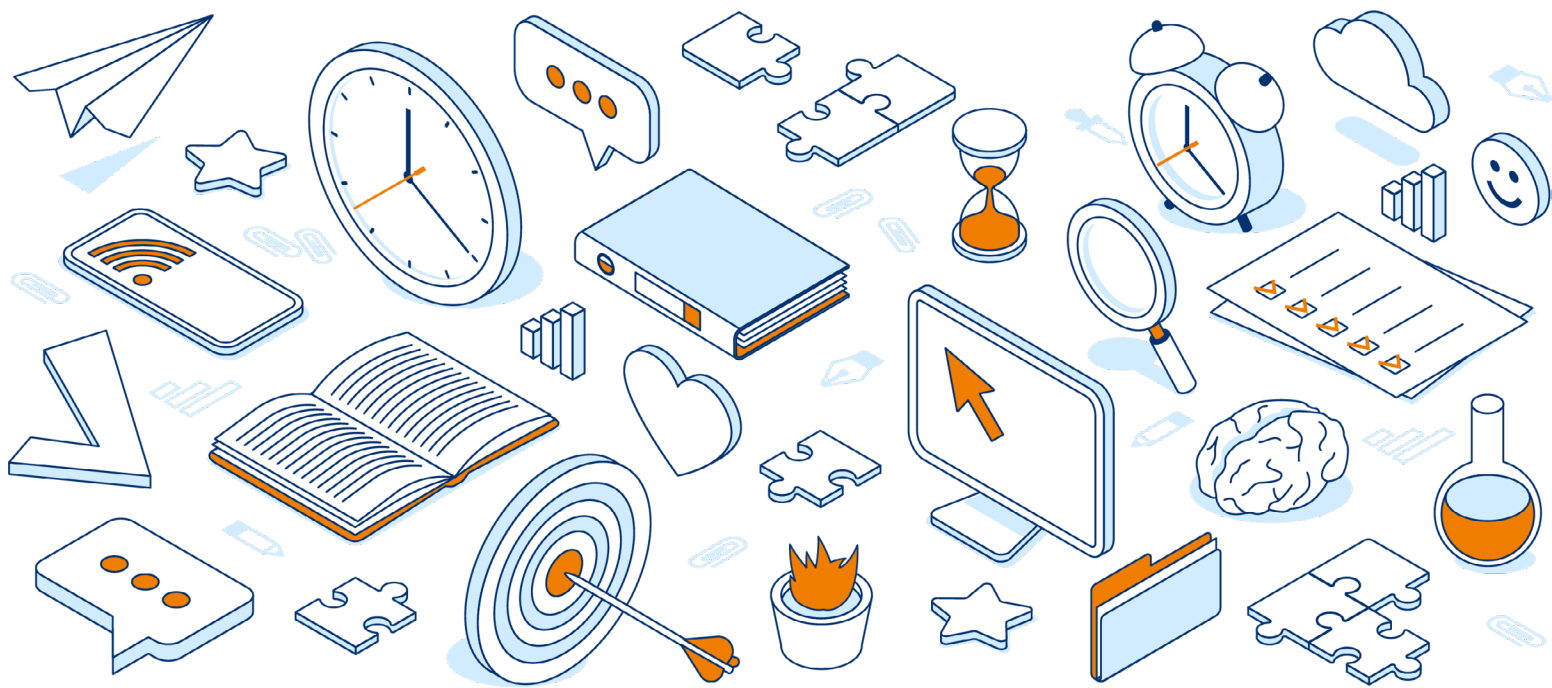
*Lucilia Guerra<sup>2</sup>*

2. Diretora do Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão do Centro Paula Souza.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	16
O VOO ALÇADO PELA PERSEVERANÇA .....	18
ESCOLA: LUGAR DE IGUALDADE E EQUIDADE.....	23
EDUCAR E ACOLHER: O PAPEL DA ESCOLA .....	27
INTEGRAÇÃO EM MEIO AO CAOS.....	31
MUTISMO SELETIVO E A INTEGRAÇÃO SOCIAL.....	35
UTOPIA SOCIAL: CULTO À MAGREZA.....	41
A REALIDADE QUE NOS CERCA .....	45
SOBRE O TEMPO E AS PALAVRAS.....	48
A ESCUTA DO CORAÇÃO.....	53
UMA NOVA OPORTUNIDADE.....	57
LUZ DOS OLHOS: A VISÃO DO CORAÇÃO .....	60
CASO HENRIQUE .....	65
DEFICIÊNCIA VISUAL: TRANSPONDO MUROS, DERRUBANDO BARREIRAS .....	69
MAIS UMA HISTÓRIA DE CISTO .....	74
A VIDA REFLETIDA NA ESCOLA .....	85
INCLUSÃO: APRENDIZADO PARA TODA A COMUNIDADE ESCOLAR.....	90
LIDANDO COM A DIVERSIDADE .....	94
UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO .....	98
CAFÉ + PROSA, FALA E ESCUTA ACOLHEDORA .....	103
O DIÁLOGO COMO CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO .....	108
SUPERANDO ADVERSIDADES.....	112
DESAFIO FAÇA ACONTECER.....	116
Autores.....	121





# INTRODUÇÃO

A atividade dos professores responsáveis pela orientação e apoio educacional tem sido de fundamental importância para o desenvolvimento de todo o trabalho na escola. A função, que integra a equipe escolar e foi criada em 2013, busca realizar a articulação do fazer pedagógico com o desenvolvimento humano; também cuida da preservação das relações interpessoais, além de colaborar com o planejamento estratégico da unidade, exercendo grande esforço para que todos estejam focados no mesmo objetivo de promoção da educação de qualidade e da formação de pessoas agentes de transformação social.

Compreendendo a grande relevância para a comunidade escolar, o cuidado, a escuta ativa dos estudantes e dos professores, o acolhimento e orientação do estudante, além do apoio à família são ações que exigem do Orientador Educacional (OE) a capacidade de envolver a todos no real propósito educativo, preparar para a vida e na capacidade de buscar a saúde emocional de tantos que convivem no dia a dia escolar.

Ao contrário do que se possa pensar, o OE não está na escola apenas para mediar conflitos, mas, além de ser o elo entre os estudantes e a gestão, planeja a oferta de educação integral, educação que pensa os estudantes holisticamente e os apresenta aos professores para que apoiem a construção de saberes alinhada aos interesses pessoais dos estudantes, que, por sua vez, almejam espaço na sociedade para evidenciar sua singularidade, muitas vezes recoberta por histórias de vida de grande complexidade.



Desvendar essa complexidade e driblar os desafios presentes todos os dias na escola parecem preencher as tarefas desses indispensáveis profissionais, contudo, mais do que isso, os OEs se tornam um caminho seguro para que os estudantes peçam apoio em suas trajetórias, demonstrem quem são e o que esperam para o futuro. Essa estrada vai ao encontro dos professores, que conseguem, pelo olhar sensível do OE, compreender as dificuldades dos estudantes e atendê-los de forma adequada à sua particularidade.

No atendimento às famílias dos estudantes, a visão pedagógica e humana do OE ganha palco, e ações são planejadas em conjunto, escola e família, para o sucesso dos objetivos educacionais propostos. Nesse contexto, a participação das famílias é fundamental para o bom desempenho dos estudantes, atitude que se revela no apoio que os familiares e/ou responsáveis dão para que os estudantes amadureçam e adquiram a formação que pretendem. Nesse sentido, as dificuldades encontradas são, em grande medida, lapidadas pelo OE, e o impacto no desenvolvimento integral do estudante é reduzido, ações criadas no sentido de uma educação humanizada e cidadã.

Pensando na escola de forma pragmática, sabe-se que ela sempre foi o lugar de conteúdos, avaliações, compromissos e entregas. Entretanto, no presente, a escola também se mostra como o espaço para o convívio, das amizades que são construídas para toda a vida, do relacionamento humanizado com professores que serão lembrados muitos anos depois, além das adversidades e das reconciliações.

Esta é uma representação do ecossistema da nossa sociedade; e, manter toda essa atividade dentro de um saudável perfil de fluxo, é de vital importância, pois o que se deve levar da escola são os aprendizados, os amigos e o modelo de um mundo possível, aberto ao diálogo, à tolerância e à reconciliação. Assim, o aprendizado na escola vem dos livros, da troca de ideias com os professores, das pesquisas, das práticas, mais ainda dos exemplos de vida que os estudantes têm contato nesse ambiente de crescimento e ressignificação.

Portanto, o trabalho do OE traz consigo a responsabilidade de fazer com que a trajetória dos estudantes pertença a um universo harmônico, de promoção individual e coletiva. Assim como as outras funções na equipe escolar, assumir a função de OE representa uma dicotomia, pois é, sem dúvida, uma tarefa árdua, porém sublime. Tal tarefa exige o esforço da concórdia, o exercício da educação integral baseada em valores éticos e atitudes de excelência. Assim, ela representa o empenho em ser gente e fazer gente crescer. Por tudo e por tanto, nossa gratidão aos valiosos Orientadores Educacionais.

*Lucilia Guerra*





# O VOO ALÇADO PELA PERSEVERANÇA

*Adriana Araújo da Silva<sup>3</sup>*

Um dia eu tive a chance de ter ao meu alcance o que fez transformar  
sonho em realidade, escuridão em brilho no olhar  
Eu vi que na verdade  
a dor um dia pode ter fim  
Achei a liberdade, ela tava dentro de mim O meu coração me diz  
agora eu já sou feliz [...]

**(Borboletas. Luciana Mello, 2007)**

Como é prática, começamos o ano de 2018 recebendo os alunos, com reunião de pais; *tour* pela escola; alunos veteranos curiosos pelos alunos novos; alunos de terceiro ano, querendo mostrar que são veteranos e têm mais experiências com tudo no espaço; enfim, adolescentes com seus sonhos e energia para “dar e vender”.

A dinâmica escolar estava frenética e ainda contávamos com a formação da nova equipe do Grêmio. Não tínhamos muitos alunos interessados e tivemos que fazer um trabalho de estimulação para o engajamento dos alunos calouros na criação de chapas. Contávamos que, com o processo de adaptação acontecendo, os alunos adeririam ao Grêmio Estudantil.

3. Etec de Peruipe



Após, aproximadamente, 15 dias do início de ano letivo, muitos já haviam se “enturmado”. Em meio a todo esse movimento, apareceu uma aluna que começou a chamar atenção por todos da escola. Ela era muito calada, não saía muito da sala de aula na hora do intervalo e de forma tímida circulava pela escola. Em alguns momentos, conversando com alguns alunos de sua sala, ela achava graça, pois alguns eram bem extrovertidos. Vou chamá-la neste relato de Fê, que pode remeter a fé, esperança, força de energia e outros atributos positivos que podem ser colocados aqui.

O caminho que Fê passou pela escola em seu tempo de estudante no Ensino Médio pode ser visto como um divisor de águas, não sei se teria em outro espaço, as mesmas oportunidades que ela teve durante seu trajeto conosco.

Fê, muitas vezes, foi vista como uma aluna depressiva. Seus colegas mais próximos tinham mais informações sobre a vida pessoal e eles reportavam, às vezes, o que se passava com ela. As primeiras situações revelaram, através de seus colegas, que ela estava automutilando.

Nesse mesmo ano, havia muitos casos de jovens e adolescentes que apresentavam este tipo de comportamento. Isso, foi confirmado por alguns pais que chegaram a comunicar, em particular, sobre seus filhos, que estavam vindo do 9º ano.

Situações de automutilação se tornaram tão recorrentes, sobretudo, no período pandêmico conforme a revista Viva Bem UOL pontuou:

Cerca de um em cada cinco adolescentes relata já ter se ferido para aliviar algum tipo de dor de fundo emocional. O dado vem de uma revisão de 36 estudos realizados em países, como Estados Unidos, Canadá e Nova Zelândia. O trabalho foi publicado no periódico científico *suicide and Life-Threatening Behavior* da American Association of Suicidology. No Brasil, ainda não há estatísticas sobre esse fenômeno, mas os médicos têm notado um crescimento no número de casos [...] (OLIVEIRA, 2020).

O caso dessa aluna nos preocupava. Então, chamei a Fê para uma conversar, com todo cuidado. Notei que ela usava frequentemente um agasalho comprido, quente. Isso, era um indício de que ela tentava esconder algo.

Ao conversar com a aluna, perguntei se estava gostando da escola. Ela falou com bastante ânimo que sim. Eu apresentei qual era a minha função na escola e informei que os alunos costumavam a me procurar para conversar sobre qualquer situação conflituosa, além de regularmente organizar algumas ações para auxiliá-los. Disse ainda, que havia realizado uma pesquisa sobre jovens que se cortavam e estava pensando em passar esta palestra aos alunos. Durante a nossa conversa mostrei a Fê o material e pedi sua opinião. Neste momento, Fê foi se abrindo aos poucos e acabou mostrando as marcas de sua pele,



nas cochas, disse que se sentia aliviada com tal ação e que não estava se sentindo bem, tinha vontade de morrer.

Já estávamos realizando um trabalho de plantão com um psicólogo parceiro na escola, ele vinha uma vez por semana. Às quartas feiras, ele estava disponível aos alunos durante a hora do almoço e eu organizava quem iria conversar, pois, os alunos se interessaram bastante.

Percebemos a carência dos jovens em relatar seus conflitos a alguém. Nosso psicólogo os ouvia, mas, não comunicava o que os afligia e mantinha, evidentemente, suas conduta de Código de Ética. É um trabalho voluntário, que até hoje continua ajudando muito. Principalmente, nesse tempo de pandemia. Atender outros alunos, com outras histórias.

No entanto, algumas situações passavam em conversa com a Orientação Educacional e confirmava, casos como o da Fê. No relato da aluna, constatou-se que ela estava passando por um momento familiar muito difícil. Havia descoberto que sua mãe biológica vendeu-a para sua mãe atual, quando era bebê.

Ela sempre soube que era adotada e gostava da família. Fê tinha uma vida tranquila, como uma adolescente qualquer. No entanto, a sua mãe adotiva ficou doente, em estado vegetativo, ao ponto de ter de usar fraldas. Foi então, que Fê começou a faltar às aulas com a justificativa de ajudar em casa. Nesse período, o Conselho Tutelar foi até a casa de Fê e, por causa da escola, descobriram que a adoção era ilegal. Isso, ocorreu quando ela estava terminando o ensino fundamental.

O Conselho Tutelar encontrou o pai biológico e pediu para que ficasse com a filha. Desse modo, toda história que estava por trás de sua adoção foi revelada a Fê. E então, os conflitos começaram em uma combinação de mudança de segmento escolar, de cidade e família. Ela estava sofrendo, pois, foi forçada a sair do ambiente de sua família e perder todos os amigos. Logo em seguida, a sua mãe de criação faleceu.

Muitas vezes relatou, que gostava de ir à escola e ficar por mais tempo, pois, a escola a deixava participar de muitas coisas e aliviava suas dores. Preferia ficar na escola ao invés de sua nova casa.

Em meio a tudo isso, Fê já havia conquistado seu espaço na escola. Fazia parte do Grêmio Estudantil e já tinha certa visibilidade entre os alunos.

Todo esse contexto de rejeição familiar pode gerar danos muito sérios à saúde mental de um adolescente. A psicóloga do Hospital Santa Mônica, Ayde Câmara, aborda algumas situações sobre o assunto. Ela explica os impactos da relação entre rejeição familiar e saúde mental, descrevendo como isso pode afetar uma vida futura.



Crianças rejeitadas pelos pais ou pelos familiares próximos crescem com uma lacuna emocional muito grande, o que faz com que elas se sintam constantemente diminuídas e abandonadas. Quando essa carência emocional não é preenchida com amor, carinho, atenção, compreensão e acolhimento, esse histórico familiar gera graves consequências na saúde mental [...] (HOSPITAL SANTA MÔNICA, 2021).

Esses aspectos, com certeza estavam fazendo parte dos comportamentos que a aluna estava apresentando na escola: a automutilação, a depressão e pensamentos suicidas para agravar mais a situação.

Houve também um momento ruim, em que uma situação de *bullying* aconteceu dentro da escola. Um aluno colocou algumas mensagens ofensivas nas redes sociais e foram direcionadas à Fê. Havia-se espalhado pela escola, que Fê não mais frequentaria as aulas e abandonaria o curso, pois, estava com muita vergonha... Eram coisas horríveis sobre sua aparência, com muita falta de “coração” etc.

Mas, a reação dos colegas de escola foi surpreendente. Seus colegas, principalmente sua grande amiga de sala de aula, mobilizaram os outros alunos para conversar no auditório da escola, uma vez que ninguém sabia sobre o autor da discriminação.

A palestra, que ocorreu sob a monitoria da equipe gestora escolar, gerou um impacto muito grande àquela situação. Fê não estava presente, mas, seus amigos “tocaram no coração”, abordando todas as batalhas que Fê já havia passado. Então, montaram uma caixa com muitas mensagens positivas de ânimo e nós ligamos para ela retornar; que ficaria tudo bem.

Quando a aluna foi acolhida com este presente, não sabia expressar tal surpresa. Tudo se renovou. E Fê, em seu caminho, continua enfrentando cada situação e vencendo as batalhas.

No ano de 2018, ocorreu a eleição de Grêmios Estudantil. Duas chapas muito fortes se formaram. Durante todo o processo eleitoral, reivindicaram debates, tempo maior de campanha, revisão de votos.... Enfim, uma verdadeira campanha democrática, com direito à alteração de ânimos... Mas deu tudo certo.

A chapa que perdeu a eleição, no final ajudou nos projetos do Grêmios eleito que incluía projetos sociais, como o ADOTE UM SORRISO. Fê estava como vice-presidente do Grêmios e, de vez em quando, ficava envolvida com os assuntos do Grêmios ao invés das coisas sobre sua formação. Mas tudo isso, foi “louvável”!

O projeto Social, que o Grêmios conduziu já existia anteriormente, porém, foi muito bem conduzido por esta turma que trabalhou com as crianças do Abrigo da CAPI “Casa de Amparo e Proteção à Infância”.



Foi um encontro mágico, com as crianças no final do ano! Fê ficou quieta, olhando as crianças e imagino o que se passou por sua cabeça naquele momento. Ver crianças abandonadas, esperando por adoção. Foi um momento de grande aprendizagem para os alunos e professores envolvidos: resgate de valores, solidariedade, empatia.

O grupo da escola, que se uniu ao Grêmio, foi do Curso de Turismo Receptivo, o qual, com atividades recreativas, pôde fazer muitas crianças sorrirem e, por isso, o nome do projeto.

Esse Grêmio foi reeleito, contemplando alunos novos na escola. Fê foi convidada a ser Presidente do Grupo, que assumiu com toda energia. Em 2020, Fê se formou no 3º ano do Ensino Médio Etim em Informática e, neste ano, informou que está trabalhando.

A reflexão coletiva dos alunos sobre o episódio da Fê amadureceu o grupo como um todo e também mostrou como é importante demonstrar acolhimento ao outro.

## REFERÊNCIAS

HOSPITAL SANTA MÔNICA. **Como lidar com a rejeição familiar. Entenda.** Hospital Santa Mônica, 2021. Disponível em: <<https://hospitalsantamonica.com.br/rejeicao-familiar/>>. Acesso em: maio, 2021.

MELLO, Luciana. **Borboletas.** São Paulo: S de Samba: 2007.

OLIVEIRA, Fábio de. **Adolescentes que se automutilam: Por quê?** Viva Bem UOL, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/06/02/adolescentes-que-se-automutilam-por-que.htm>>. Acesso em: maio, 2021.





# ESCOLA: LUGAR DE IGUALDADE E EQUIDADE

*Alzira de Barros*<sup>4</sup>

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

(1 Coríntios 13:1,2)

Por causa do período pandêmico que estamos passando desde o ano de 2020, no qual o isolamento social é necessário como meio de evitar o contágio de Covid-19, mas que, conseqüentemente, reduz a interação entre os adolescentes em período escolar, enfrentamos muitos desafios quando as aulas passaram a ser remotas.

A partir de então, eu, enquanto Orientadora Educacional, passei a realizar uma busca ativa com a finalidade de identificar os alunos que não possuíam acesso à *internet* quando as aulas *on-line* através da Plataforma Microsoft Teams começaram. Nossa primeira

4. Etec Dr. Demétrio Azevedo Junior



preocupação foi o que faríamos para garantir que todos os estudantes pudessem acompanhar o ensino remotamente. O acesso à *internet* ea dispositivos eletrônicos seriam fundamentais para a participação nas aulas erealização das tarefas, mas infelizmente tínhamos alunos com dificuldades de acesso e, que não podiam participar das aulas remotas, outros com limitações para realizar as tarefas usando apenas o aparelho celular.

A princípio, pensávamos que fosse algo passageiro e logo estaríamos de volta à nossa escola, no entanto, o tempo foi passando e a situação se agravando. Hoje, há pouco mais de um ano no ensino remoto, não temos ainda certeza de uma volta com 100% dos nossos alunos na modalidade presencial. Os professores se sentem receosos, porque a maioria ainda não foi vacinada, mas compreendem a necessidade da reabertura da escola para atendimento aos alunos em situação de vulnerabilidade.

Diante desse contexto, fizemos contato através de telefone, whatsapp, e/ou e-mail com os alunos e seus familiares e, assim, identificamos vários deles sem acesso à internet e muitos sem condições de estudar em casa, uma vez que não possuíam sequer um aparelho celular e, quando o tinham, era apenas um para a família toda.

Mesmo o Centro Paula Souza distribuindo chips com pacotes de dados móveis de internet para os alunos com necessidade socioeconômica, o problema se resolveu parcialmente, pois, dependendo do local de moradia, não havia sinal da operadora Tim, que fora contratada na ocasião.

Além de todas as dificuldades de acesso, os problemas familiares se acentuaram com a pandemia e, durante esses contatos, tive conhecimento de que dentre os alunos, um aluno e sua família encontravam-se em situação de vulnerabilidade social.

Naquele momento, a mãe do aluno relatou que havia perdido a casa e que todos estavam abrigados em casa de familiares. Fiquei bastante comovida, pois, o aluno não tinha a mínima condição emocional e nem financeira para acompanhar as aulas remotamente. Acalmei a mãe e falei que ajudaríamos o estudante a permanecer no curso. Sabendo disso, a escola, para auxiliar o aluno X matriculado no Novotec, passou a entregar Plano de Orientação para Aprendizagem a Distância (POAD) impressos. Com o conteúdo teórico em mãos, ele desenvolveu as atividades solicitadas, embora com dificuldade, já que, devido à falta de meios de contatos virtuais, não contou com as explicações dos professores. O aluno conseguiu ser aprovado para a série seguinte, mesmo que em regime de Progressão Parcial de Estudos em três componentes.

No ano de 2021, permanecemos com as aulas *on-line*, porém, devido ao estado de São Paulo estar na fase laranja do plano de reabertura, no mês de março, a direção da escola organizou um rodízio para receber os alunos em ambiente presencial, seguindo todos





os protocolos de segurança. Entrei em contato com a mãe do aluno X e ele compareceu nos dois dias agendados para a sua turma. A mãe retornou para contar que o aluno chegou chorando em casa, tamanha foi a emoção em estar na escola para assistir às aulas presencialmente, até mesmo por causa das mudanças de rotina que aconteceram em sua vida e de seus pais.

Porém, por causa da evolução do cenário da pandemia e do agravamento do número de casos, o Estado regrediu a situação de isolamento social para a fase emergencial e voltamos para as aulas *on-line*.

Nesse contexto de aulas virtuais, com o objetivo de auxiliar os alunos mais necessitados a ter acesso ao ensino remoto, a campanha “Professores em movimento, por uma educação colaborativa e cristã” surgiu através da iniciativa de um grupo de professores e colaboradores. Em meio ao constante crescimento das desigualdades, este projeto possibilitou que muitos alunos da rede pública da cidade fossem beneficiados, recebendo os dispositivos doados para acesso às aulas.

A mãe do aluno X relatou que o filho não teria condições de realizar, novamente, as atividades impressas sem ouvir as explicações dos professores. Desse modo, através da campanha de arrecadação de aparelhos celulares, foi disponibilizado ao aluno um aparelho e o chip fornecido pelo Centro Paula Souza. Com este problema resolvido surgiu um novo, onde o aluno residia não tinha sinal da operadora.

Levei o caso ao Diretor e, então, ficou definido que o aluno poderia ir diariamente até a escola para usar um computador e assistir às aulas *on-line*, para que desse modo, com as orientações dos docentes, pudesse realizar as tarefas. Avisamos a mãe do aluno e, no dia seguinte, lá estava ele, feliz por participar das aulas e interagir com professores e colegas. De chinelos, o aluno caminhava seis quilômetros para chegar à escola, até que o Diretor conseguiu a liberação do passe escolar junto à Prefeitura Municipal. Acreditamos que a escola está cumprindo o seu papel social, por integrar e manter o estudante vinculado à educação básica, mesmo diante de tantas adversidades que fomentam a decisão oposta.

Sensibilizados com a situação do aluno, fizemos uma campanha e arrecadamos roupas e calçados, além de cesta básica para a família já que os pais se encontravam desempregados e enfrentavam dificuldades diversas.

Em contato com algumas empresas da cidade, o diretor da Etec identificou e negociou um estágio remunerado com quatro horas diárias para esse aluno; assim sendo, ele começou a trabalhar no contraturno e acrescentou renda mensal às finanças da família.

O empresário que concedeu o estágio ficou bastante comovido com a história de



vida do aluno e, ao mesmo tempo, animado por influenciar para a mudança no cotidiano desse aluno, com oferta de trabalho remunerado, contribuindo assim, para a melhoria da qualidade de vida dessa família.

A efetividade das intervenções foi visível quando o corpo docente realizou o conselho de classe intermediário do primeiro bimestre de 2021. Naquele momento, constatamos que o aluno obteve um desempenho satisfatório nos componentes curriculares de seu curso, atestando, por conseguinte, a influência da presença frequente ao ensino remoto.

Diariamente, continuamos com o trabalho em parceria com os alunos e, em especial com os familiares, mesmo que por meios tecnológicos (telefone, whatsapp, e-mail, entre outros) o retorno tem sido positivo, pois gera uma relação de confiança entre a escola, os alunos e seus familiares.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.





# EDUCAR E ACOLHER: O PAPEL DA ESCOLA

*Ana Paula Haick Martinez*<sup>5</sup>

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. Análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

(Paulo Freire)

Há 110 anos, educar e acolher sempre foram a tradição na instituição de ensino profissionalizante, em Santos. Nós, que trabalhávamos no velho casarão há menos tempo, testemunhávamos regularmente o retorno de ex-alunos e aprendizes gratos pela instrução recebida.

Exaltavam a importância do período em que frequentaram aquela escola e o que receberam dela, como isto influenciou na sua formação pessoal e profissional. Alguns viviam em outros países, mas, na passagem pela cidade, faziam questão de visitar aquele ambiente singular e muito importante na vida deles. Sempre mencionavam a dedicação e o carinho dos mestres que encontraram em sua trajetória.

5. Etec Dona Escolástica Rosa



Recentemente, a centenária instituição de ensino, por meio de uma parceria criada pelo Governo do Estado, recebeu um grupo de alunos que realizaria um determinado curso profissionalizante e o qual fora criado especificamente para o grupo X. Os alunos deste grupo, diferente daqueles que ingressavam ordinariamente e passavam por um rigoroso processo seletivo obrigatório, pertenciam a outra rede de ensino e por questões relacionadas à sua condição de vulnerabilidade social foram selecionados para realizarem um curso profissionalizante concomitante à realização do Ensino Médio regular, a fim de ampliar suas chances de ingresso e sucesso no mercado de trabalho e conseqüente melhoria em sua qualidade de vida.

Assim que o curso iniciou, não demorou muito para que os docentes, responsáveis por esses alunos, mantivessem a atenção voltada a dois irmãos pertencentes deste grupo X. Os olhares dos docentes seguiam dois caminhos: tanto pelo desempenho de ambos nas aulas, o qual apresentava-se bem distinto quanto pela relação estabelecida entre eles, durante a realização das aulas, atividades e avaliações.

Logo os docentes desse novo grupo iniciaram uma peregrinação diária pela sala de Orientação e Apoio Educacional. Em geral, os comentários convergiam em reclamações dirigidas aos irmãos, que apesar de terem idades diferentes frequentavam a mesma série escolar, tanto no Ensino Médio que cursavam em outra rede de ensino como no curso profissionalizante ofertado pela escola. Nas conversas com a Orientadora Educacional e com a Coordenadora Pedagógica, os comentários sempre giravam em torno da apatia e da dificuldade de concentração de um dos irmãos, o mais velho deles, e de como o outro o blindava na realização das tarefas e apresentação dos trabalhos.

Este fato, porém, não impedia que os professores os avaliassem individualmente. Conforme as avaliações foram acontecendo a situação só piorava, pois, o aluno com maiores dificuldades as demonstravam em questões mais básicas para a realização do curso, tais como ler, escrever ou realizar contas simples. A comparação entre eles era inevitável. O irmão com melhor desempenho sentia-se constrangido em ter um aproveitamento superior ao outro.

Em geral, existe uma divisão de funções, tarefas e acordos na dinâmica familiar e, mesmo em ambiente diferente como o acadêmico, os alunos tendem a reproduzir esta mesma dinâmica, com os mesmos hábitos e problemas. Logo, é importante que as escolas acompanhem irmãos, gêmeos ou não, a fim de que se permita identificar e evidenciar as potencialidades sufocadas pelos atores das relações familiares.

O irmão com melhor desempenho acadêmico, sempre que possível, tentava minimizar as frustrações do outro irmão com dificuldades de aprendizagem. Essa proteção não colaborava para o aprimoramento do desempenho do irmão, mas sim, retardava a busca por uma ajuda e a possibilidade de solucionar o problema.



Devido ao baixo rendimento desse aluno, seus pais eram constantemente chamados à escola para buscar uma saída, como, criação de estratégias e orientação à família para a melhora do desempenho da aprendizagem. Porém, somente o pai comparecia e, apesar de se comprometer a trabalhar em conjunto com os educadores e seguir as orientações fornecidas pela equipe escolar, nada parecia funcionar.

De acordo com o relato dos professores, o aluno continuava apático, demonstrando baixa autoestima e não se envolvia nas atividades propostas.

Finalizado o semestre, o rendimento de toda a turma e dos irmãos, especificamente, foi alvo de ampla discussão na reunião do Conselho de Classe. Como resultado, o aluno foi promovido em alguns componentes (pelo apoio e ajuda do irmão) e retido em outros componentes. Outra vez, os responsáveis foram chamados e foram relatadas, o pai foi o único a comparecer novamente, as dificuldades do aluno que abrangiam a falta de concentração durante as aulas, compreensão das explicações dos professores, mínima autogestão para a realização das atividades e avaliações, incapacidade de guardar as informações transmitidas, entre outras.

Apesar dos professores dedicarem atenção especial ao aluno, havia uma barreira que não conseguiam transpor e impedia o aluno de completar seu processo de ensino-aprendizagem. Dessa vez, o pai decidiu agir de maneira diferente para melhorar as questões acadêmicas do filho, procurando a orientação de um profissional da saúde para identificar as reais dificuldades de aprendizagem.

No início do semestre seguinte, o aluno chegou modificado. Parecia mais interessado, compreendendo melhor as orientações e solicitações dos professores e interagindo melhor com os colegas. Também apresentava maior capacidade de guardar as informações, preparando-se para as avaliações e com maior poder de concentração. O pai procurou a Orientação Educacional para informar que o filho iniciara acompanhamento com médico especializado, o qual incluía sessões de terapia e a utilização de medicamentos controlados; o que atendeu às expectativas da escola, uma vez que todos haviam assumiram um comportamento de carinho especial.

Infelizmente, essa situação durou apenas um curto período. Algum tempo depois, a equipe começou a notar que ele voltara a apresentar a mesma postura apática de antes. Seu desempenho caíra novamente. Ele voltou a apresentar o comportamento inicial, sem entusiasmo e disperso. Ao indagarmos o responsável a respeito fomos informados que ele não encontrava a medicação indicada pelo médico, mas que se esforçava para adquiri-la.

Esta informação nos causou grande estranheza, por tratar-se de medicação muito comum e amplamente conhecida. Cerca de dois meses após e, diante da insistência da



escola em saber se a terapia recomendada pelo médico seguia, o responsável do aluno confessou que decidira não seguir com o tratamento do filho, pois, havia recebido aconselhamento religioso para declinar do tratamento proposto para seu filho.

Diante da notícia, ainda perplexos e frustrados, a equipe do apoio educacional da escola tentou persuadir o pai, mostrando a diferença de desempenho e de atitude de seu filho com e sem o tratamento, embasada, principalmente, no relato dos professores da turma. Não houve acordo e ele continuou firme no propósito de não seguir o tratamento do filho. Como consequência, o aluno ficou novamente retido e acabou desistindo do curso, pois, não vislumbrava a possibilidade de sucesso escolar naquela instituição.

A nós, equipe do Apoio Educacional, ficou a pergunta: por que um pai amoroso e dedicado, cerceia do filho a possibilidade de sucesso acadêmico e pessoal? Por que interfere, inclusive, no desempenho de outro filho que não possui dificuldades, mas, que se culpa pelo bom desempenho, não deixando suas potencialidades aflorem plenamente e se diferencie ainda mais do irmão, ao passo que a escola, com quem este aluno não possui parentesco ou uma relação de longa data, luta por ele, se preocupa e desenha estratégias que visam o seu sucesso?

Essa história visa ressaltar a importância do papel da escola, como agente transformador da sociedade. Vale lembrar que o trabalho não se encerra nos atores frequentadores do ambiente escolar, ele se estende às famílias destes as quais devem trabalhar unidas à escola, permitindo-se somar esforços e transformar-se positivamente.

## REFERÊNCIAS

PONTES, Ana Paula. **Parentes na mesma sala de aula**. Revista Crescer, 2008. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI-11831-15153,00-PARENTES+NA+MESMA+SALA+DE+AULA.html>>. Acesso em: 20 mai. 2021.





# INTEGRAÇÃO EM MEIO AO CAOS

*Cibele Ramos Rocha*<sup>6</sup>

Já podaram seus momentos Desviaram seu destino Seu sorriso de menino  
Quantas vezes se escondeu Mas renova-se a esperança Nova aurora a cada dia

E há que se cuidar do broto Pra que a vida nos dê flor e fruto

(Milton Nascimento / Wagner Tiso)

Nas escolas técnicas da minha região e talvez em várias outras, com as quais tive contato próximo ou não, percebo que existe muita rivalidade entre os Cursos Técnicos e de Ensino Médio. Juro que não entendo qual a raiz dessa questão ou mesmo os motivos dessa rivalidade.

Em experiências anteriores como docente, coordenadora de curso ou como orientadora, por vezes, tentei realizar atividades que visassem unir a escola como um todo permitindo a integração entre as turmas e alunos de diferentes idades e cursos. Mas, infelizmente essa tarefa sempre pareceu muito difícil e desafiadora.

Percebo que a pandemia trouxe uma oportunidade nunca vista (por mim, pelo menos) de aproximação dessas turmas. No ano de 2021, depois de alguns anos de Coordena-

6. Etec Prof. Elias Miguel Júnior

ção do Ensino Médio e um ano somente em sala de aula, tive a oportunidade de regressar ao posto de Orientadora de Apoio Educacional da Etec Prof. Elias Miguel Jr., de Votorantim.

Confesso que já comecei o ano letivo cheia de disposição e com muita vontade de trabalhar, afinal estava morrendo de saudades de participar da Gestão Escolar. Esta, permite-me transitar por todos os eventos escolares de forma mais ativa e colaborativa.

Uma das minhas primeiras ações nesse cargo foi orientar e auxiliar as turmas nos processos de eleição de representantes de classe, o que acarretou a formação de um grupo forte, integrado e participativo dos alunos interessados a realizar atividades em prol da integração entre eles e com a unidade escolar. Essa equipe de representantes era coesa e muito unida. Todos os representantes eram participativos e proativos, sempre tomando à frente para as tomadas de decisão e realizando as solicitações que lhes eram feitas prontamente. Claro, que alguns eram mais comunicativos e participativos que outros, o que muitas vezes acarreta num destaque dentre os demais.

Nesta questão, vale ressaltar que são Competências da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) dois itens que dizem respeito sobre a organização de grupos estudantis para o aprimoramento do ensino.

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2017, p. 9).

Alinhados à BNCC, depois de várias conversas entre nós - Orientação de Apoio Educacional e alunos, em algumas reuniões realizadas de forma remota, percebemos que todos os representantes apresentavam questões semelhantes como, falta de participação de alguns colegas, preocupações constantes com alunos que mal frequentavam as aulas remotas e até falta de motivação em se comunicarem com a própria turma em grupos sociais, pois muitas vezes poucos respondiam e realizavam suas solicitações.

Portanto, percebemos que tínhamos uma necessidade em comum: aumentar a participação dos alunos nas atividades escolares e até extraescolares. Por isso, tomamos algumas decisões juntos como, fortalecer o grupo de alunos por meio da criação de um grêmio estudantil e buscar motivação para todos da comunidade escolar com a realização de uma gincana de integração dos cursos de Ensino Médio Integrados e dos Cursos Técnicos. O desafio foi aceito e iniciado com muito sucesso!





Alguns membros dessa equipe conseguiram organizar-se com os demais alunos interessados das várias turmas e, juntos, montaram uma Chapa de Grêmio. Por diversas vezes, incentivei-os e pedi que tentassem falar com os colegas, até que finalmente surgiu um pequeno grupo de estudantes de uma turma que começou a procurar contato com outros alunos da escola através da comunicação positiva entre os representantes e, enfim, o grupo formou-se com seus 17 membros cheios de vontade para trabalhar pela integração dos estudantes da Etec. Tínhamos também membros das Classes Descentralizadas e até do Ensino Híbrido (alunos com aulas da Base Comum ministradas por professores da Secretaria da Educação e os professores da Etec ministrando as disciplinas técnicas) que a escola atende em outra cidade.

A princípio, os componentes da chapa estavam com receio e não sabiam muito bem quais ações poderiam realizar, já que estamos em plena pandemia e, na situação em que encontramos, dificilmente teremos um retorno integral das turmas às aulas presenciais. Sendo assim, os próprios componentes pediram a realização de uma reunião comigo, para os nortear sobre quais as possíveis atividades poderiam realizar. Nesta reunião, os alunos mostraram o quanto estavam tímidos e inseguros, tentando visualizar o que seriam capazes de contribuir para a escola e para seus colegas.

Durante nossa conversa, procurei acalmá-los em relação aos seus anseios e suas dúvidas, tranquilizando-os em seus questionamentos referentes a quais atividades eles efetivamente poderiam realizar durante o ensino remoto ou até mesmo o híbrido. Sinalizei algumas questões, que acredito serem importantes para a socialização dos discentes.

Como não seria possível fazer uma festa presencial, por causa dos protocolos e cuidados do isolamento físico, insisti que pensassem em ações a distância, pois, eles precisariam ter momentos se conhecerem; trocar as ideias e conversar sobre assuntos aleatórios, que não fossem somente ligados à escola.

Expliquei para os integrantes da chapa o quanto a gincana teria um papel fundamental nessa socialização e que, justamente por isso, criei essa abertura de participação em eventos com as turmas dos cursos técnicos noturnos também. O detalhe está em que não acontecia isso, anteriormente!

Percebi que, durante essa explanação, todos os presentes acalmaram-se, pois perceberam que não precisavam de nenhuma ação, assim, tão grandiosa para ser considerada relevante das atividades escolares. Afinal, neste momento em que vivemos, no qual existe uma necessidade de aproximação social, mesmo que a distância, qualquer pequena ação que promova a interação entre o grupo discente é importante e necessária.



Neste bate papo, surgiram algumas ideias e propostas do próprio grupo, como criar grupos numa rede social chamada “Discord”, em que se podem realizar atividades *on-line*, como jogos e marcar sessão de filmes e séries. Eu desconhecia esta opção, mas já sabia que alguns alunos usavam essa rede para alguns jogos, principalmente no início do isolamento. Além dessa ideia, pensamos em ações como campanha de doação de alimentos, de sangue e alguns campeonatos de jogos *on-line*.

Essa turma de alunos é constituída por alunos com idade entre 15 a 39 anos, cheios de vontade para trabalhar com essas ações. São motivados a envolver e evoluir profissionalmente.

Sabemos que ações como essas são importantíssimas para o desenvolvimento sociocognitivo. Com o crescimento da equipe, percebi que, mesmo em tão pouco tempo, eles amadureceram tanto e, atal ponto, que se tornaram um grupo ideal para levar adiante c o m os projetos dos alunos.

Aevolução dos integrantes da equipe foi muito perceptível. Sei que serão capazes de conquistar a maioria dos alunos e permitir que haja uma integração entre as turmas, fazendo com que mais e mais alunos participem das ações e se motivem a estar presentes nas aulas remotas. Quem sabe até melhorar os rendimentos escolares e ir além de suas próprias expectativas!

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

MILTON, Nascimento; TISO, Wagner. Coração De Estudante. Roteiro: Wagner Tiso e Milton Nascimento. Música: **Coração de Estudante**. S.I: Universal Music Ltda, Canal Brasil, 2013. Son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=KsqAfD4BkwA&ab\\_channel=MiltonNascimentoVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=KsqAfD4BkwA&ab_channel=MiltonNascimentoVEVO)>. Acesso em: 28 jun. 2021.





# MUTISMO SELETIVO E A INTEGRAÇÃO SOCIAL

*Deise Maria Marques da Silva Ramos<sup>7</sup>*

A maior recompensa para o trabalho do homem não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se torna com isso.

(John Ruskin)

Na trajetória como Coordenadora de Orientação e Apoio Educacional, desde 2013, foram e são inúmeras as experiências. A cada ano que se passa, temos contato com jovens e adultos com diferentes personalidades, comportamentos e situações-problemas.

No ano de 2017, em especial, deparei-me com um aluno que não tinha nenhuma comunicação na expressão verbal e não verbal. O aluno, aqui chamado de Pedro, estava matriculado na 1ª série do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio.

Segundo as informações recebidas dos professores e dos coordenadores do curso do respectivo aluno, ele não respondia à chamada; não falava; não participava das aulas expressando-se verbalmente.

7. Etec Philadelpho Gouvêa Netto



O aluno não tinha reação comunicativa com ninguém. Por isso, agendei uma reunião com o aluno, mas não obtive sucesso. Ele não se comunicava de forma alguma. Posteriormente, um grupo de alunos preocupados com o colega procurou-me, pois, Pedro não comia; não ia ao banheiro; não falava nada; ficava isolado no intervalo; sentado em um banco no pátio.

A minha formação em Psicologia sinalizava de forma latente um comportamento fora dos padrões, que necessitava uma investigação mais profunda. Diante de minha experiência profissional, percebia que havia algo a ser diagnosticado, portanto, necessitava de uma intervenção de um profissional da área médica, para aquele tipo de comportamento.

Foi agendada, então, uma reunião com os responsáveis, na qual compareceu apenas a mãe. Ela foi recepcionada na sala da Orientação Educacional e relatou que estava muito feliz pelo filho estar em nossa escola, sendo um dos primeiros classificados no vestibulinho. Parabenizei a pelo êxito do filho no processo seletivo e iniciamos a nossa conversa.

A partir daí, fui relatando sobre ele ser muito tímido que não falava com ninguém e se isso era natural dele em ambientes sociais ou familiares. Ela comentou que ele sempre foi muito tímido, falava muito pouco em casa e com a família. Perguntei à mãe sobre as outras escolas que ele já tinha frequentando e ela comentou que o filho não dava trabalho.

Com muito cuidado, orientei sobre a importância da comunicação em sala de aula, pois, desde responder à chamada; responder à alguma pergunta do professor; fazer algum trabalho em grupo; apresentação oral de algum trabalho ou outras situações, a linguagem está presente no ambiente escolar.

E por fim, orientei a possibilidade de levá-lo ao médico ou psicólogo para que as informações profissionais ajudassem a escola a lidar com ele. Ela recebeu essa orientação de forma tranquila, disse que tinha convênio médico, iria providenciar a consulta e depois daria um retorno.

O papel da instituição escolar neste momento foi fundamental, pois, desde o acolhimento do aluno/família, a Orientadora Educacional realizou uma reunião com a equipe gestora (Direção, Coordenação Pedagógica, Coordenação) para a apresentação do caso. Logo em seguida, foi realizada também uma reunião com o corpo docente do respectivo curso para orientar, por exemplo, metodologias diferenciadas para esse caso específico.

Com o passar do tempo, tive o retorno da mãe com o laudo do filho, com “Mutismo Seletivo”. De acordo com o site [dicio.com](http://dicio.com), mutismo significa “Mudez; estado ou qualidade de quem não consegue falar ou perdeu essa capacidade”. Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV:



O Mutismo Seletivo consiste em um fracasso persistente para falar em situações sociais específicas (por exemplo, na escola, com parceiros de brincadeiras) onde seria esperado que falasse, apesar de fazê-lo em outras situações (DSM-IV, 2002, p.148).

Outra definição, que pode ajudar ao entendimento sobre o Mutismo Seletivo é,

O Mutismo Seletivo (MS) é um transtorno de ansiedade infantil complexo que se caracteriza pela dificuldade de um indivíduo se comunicar verbalmente em determinadas situações sociais. Apesar de parecer com um comportamento de timidez, tal transtorno envolve muito mais do que apenas não se sentir à vontade em falar com pessoas e não representa uma recusa intencional de articular palavras. Apesar de poder ser percebido ainda na infância, o Mutismo Seletivo pode se estender pela adolescência e pela vida adulta sem ser de fato diagnosticado (JOHNSON & WINTGENS, 2017).

Diante do diagnóstico médico, a mãe retornou à escola para levar o laudo e compartilhar algumas orientações. A mãe disse que a forma de tratamento seria, primeiramente, medicamentosa. Naquele momento, não seria indicada a terapia psicológica, pois, não teria condição de fazê-la diante da dificuldade de comunicação. Mas, pediu o apoio da escola e da família.

Algumas características que ajudam identificar o mutismo seletivo são, segundo Ramirez, 2020:

Dificuldade para interagir com outras crianças;

1. Falta de comunicação com professores;
2. Dificuldade para se expressar, mesmo que através de gestos;
3. Timidez excessiva;
4. Isolamento social;
5. Dificuldade em ir ao banheiro em ambiente não familiar ou de comer na escola.

Os estudos realizados trazem que, o mutismo seletivo não tem uma causa específica, no entanto, pode ser desencadeada por algumas situações podendo estar relacionada com alguma experiência negativa ou traumas pela qual a criança passou, como, entrar numa nova escola, viver num ambiente familiar muito protetor ou ter pais muito autoritários. Além disso, o desenvolvimento dessa desordem pode estar relacionado com fatores genéticos, uma vez que é mais comum de acontecer em crianças cujos pais possuem transtornos emocionais e/ ou de comportamento ou estar relacionado com traços da personalidade da criança como vergonha, preocupação excessiva, medo e apego, por exemplo.



Esse tipo de comportamento diagnosticado, somente nesse momento, poderia ter sido amenizado desde o seu início, na educação infantil. Dessa forma, a educação brasileira fica muito a desejar, pois, esse aluno apresentava as características muito antes. Já nas escolas por onde ele passou, provavelmente, a família não recebeu a devida orientação. Se o aluno fosse assistido nas fases iniciais poderia ter mais chances de superar os traumas, que estão embutidos no mutismo.

O papel da escola neste momento foi de acolhimento e inclusão à rotina escolar. Incluir o aluno em atividades centradas às novas metodologias de ensino, interação com professores e colegas, pensando na responsabilidade e apoio diante da rede protetiva. Esta, foi instituída pelas políticas públicas criadas pelo governo por intermédio do Centro Paula Souza, visando a proteção e o desenvolvimento global dos alunos. Dessa forma, podemos trabalhar juntamente com a família com um olhar cuidadoso para fazer as devidas intervenções.

Algumas semanas depois, a mãe do aluno ligou para avisar que ele iria faltar e, com isso, aproveitei a ausência do aluno para realizar orientações aos outros alunos que não sabiam como lidar com o colega diante de alguns comportamentos apresentados. Por exemplo, como não falar com ninguém, não se alimentar, não ir ao banheiro, não responder aos professores. Foi um momento muito bom, de muita conversa, muitas perguntas e também de esclarecimentos.

Enfim, pude falar o que era o Mutismo Seletivo, suas características e quais os tratamentos. Os alunos perguntaram se era uma doença transmissível; se poderiam ajudá-lo e como; se o aluno iria falar com o restante dos colegas em algum dia, entre outras questões. Foi um bate-papo esclarecedor para todos. Solicitei que o acolhessem nos trabalhos em grupo, na interação durante o recreio e aulas e, por fim, todos se colocaram à disposição em auxiliá-lo.

Após o início do tratamento medicamentoso e com todo o apoio da família e da escola, professores e, também, colegas da sala de aula foi possível perceber algumas mudanças, que até aquele momento não havia feito. Uma professora até relatou que ele se sentava ao lado da janela e, quando ventava, a cortina o cobria e ele assim ficava, a professora quem tirava a cortina, mas agora ele já começava a ter algumas reações na linguagem corporal. Já não ficava sozinho sentado no banco isolado no recreio.

No decorrer dos meses, foi possível perceber algum processo de mudança, pouco, mas estava no seu tempo, primeiramente na expressão facial e corporal. Cada reação nova do aluno deixava-me muito orgulhosa. Por tão mínima que fosse, mas, era um esforço muito grande para ele.



Em uma apresentação de seminário em grupo, ele montou todos os slides com muita eficiência e qualidade. Os seus colegas iriam apresentar oralmente e, A.B.C, por meio de mensagens pelo celular conversava com os integrantes do grupo. Era um avanço enorme essa forma de comunicação.

Pouco mais de um ano de convívio com aquela turma, que por sinal o tratava da melhor maneira possível e em nenhum momento o abandonou, ele começou se socializar com alguns colegas fora do ambiente da escola como por exemplo, ir ao cinema.

Segundo relato dos professores, o desenvolvimento do aluno estava acima dos colegas da sala, muito inteligente e com raciocínio rápido. O tratamento realizado mediante à junção de todos os elementos, seja através do apoio da escola e da família e a parte terapêutica colaboravam cada vez mais para o seu desenvolvimento e progresso.

Muito estudo subsidiou a prática de todos os profissionais da escola. Procedimentos psicossociais e psicoeducativos, indicados por especialistas foram inseridos na rotina escolar dentro das possibilidades. Aliado a isso, o uso de medicamentos e o apoio da família foram decisivos para o sucesso no tratamento do aluno.

Graças ao papel da Orientação e Apoio Educacional, juntamente com toda a equipe acadêmica, foi possível acompanhar o aluno e oferecer os métodos de aprendizagem diferenciados para que ele não tivesse nenhum prejuízo no seu processo de aprendizagem.

Fizeram parte do processo terapêutico: o paciente, seus familiares, amigos, coordenadores, professores da escola e psiquiatra. Os resultados evidenciaram que a intervenção terapêutica adequada, em parceria com a escola e a psiquiatria, foi eficaz para auxiliar o aluno na recuperação da fala como meio de comunicação.



## REFERÊNCIAS

DSM-IV-TR. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Trad. Cláudia Dornelles; - 4ªed. Rev. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

JOHNSON, M.; WINTGENS, A. (2017). **The selective mutism resource manual**. Routledge. 2017.

WEST, K. **Examining the Literature on Fluoxetine Treatment for Selective Mutism in Children**. 2017.

WONG, P. Selective mutism: a review of etiology, comorbidities, and treatment. **Psychiatry** (Edgmont), 7(3), 23, 2010.

MELO, Sara Isabel C. **Mutismo Seletivo**: Projeto Tagarela. Tese de Mestrado. ISPA – Instituto Universitário, 2016.

PEIXOTO, Ana Cláudia A.; CAROLI, Andréa Lúcia G.; MARIAMA, Silvia Regina. Mutismo Seletivo: estudo de caso com tratamento interdisciplinar. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. V. 13. 1 ed; 5-11, 2017

SELECTIVE MUTISM ASSOCIATION. **What is Selective Mutism?** Disponível em: <<https://www.selectivemutism.org/learn/what-is-selective-mutism/>>. Acesso em: 08 mai. 2020.







# UTOPIA SOCIAL: CULTO À MAGREZA

*Elane Conde da Silva* <sup>8</sup>

A beleza machuca A beleza dói  
Mostramos o que temos de pior A perfeição é a doença da nação A  
beleza dói  
Mostramos o que temos de pior Você tenta consertar algo  
Mas você não pode consertar o que não pode ver  
É a alma que precisa de cirurgia

(Composição: Sia Furler/Byoncé/Ammo)

Uma situação a ser compartilhada foi vivenciada durante minha experiência na orientação educacional. Estava atenta não só ao rendimento escolar e à frequência dos alunos, mas também, ao comportamento na escola e sala de aula.

Assim, é importante observar qualquer situação que não seja considerada normal, como por exemplo, ir ao banheiro e sair de lá com rosto choroso, olhos vermelhos, inchados, pedir para ir embora sem justificativas, estar agressivo com os colegas ou com os professores e funcionários, retrair-se espontaneamente, ficar eufórico, ter crises de risos sem motivos aparentes... Enfim, estes comportamentos, dentre outros, são visíveis e recorrentes.

8. Etec Santa Isabel

tes no pátio, corredores da escola, ou até mesmo em sala de aula, por meio de relatos de professores.

Um caso em especial chamou a atenção, uma vez que, não envolvia baixa frequência e baixo rendimento escolar, outrossim, a empatia dos alunos com o desempenho em ajudar uma colega de classe.

Comecei a perceber que a aluna sempre vinha à escola com uma blusa de frio e, vez por outra, entrava no banheiro para chorar. Seus colegas de classe por algumas vezes, relataram-me a situação. Na verdade, eles não sabiam o que fazer, mas, demonstravam preocupação. Quando era avisada ou percebia a aluna chorosa, ia até ela e buscava entendê-la.

A aluna, constantemente, parecia desmotivada, mas, não informava o motivo que justificasse aquele comportamento. Numa determinada situação pedi para que me descrevesse os pontos positivos e negativos dela. Ela informou-me apenas os pontos negativos, pois, não conseguia enxergar os positivos. E ainda disse que se sentia feia, gorda, não atraente e inútil.

Tentei ajudá-la, dando uma devolutiva dos pontos positivos que conseguia enxergar nela, por exemplo, o bom desempenho dela em sala de aula e o rendimento escolar satisfatório em todos os componentes, os olhos azuis e seus cabelos pretos e longos, que chamavam a atenção, o capricho com seus cadernos, a pontualidade em seus horários e as entregas das atividades, a amizade de seus colegas, porém, a aluna não concordava com nenhum, pois, para ela estes pontos positivos não faziam a diferença na vida dela.

Continuei intervindo junto à aluna, perguntando se gostava de sair, sobre as coisas que mais gostava de fazer, as músicas que mais gostava e as respostas eram sempre negativas, como por exemplo: “não gosto de sair”, “não gosto de fazer nada”, “não consigo alcançar nada”, “não gosto de nada em mim”.

Era visível a baixa estima da aluna. Suas colegas informaram-me que viram alguns cortes no braço dela, motivo pelo qual sempre usava blusas com mangas compridas. Parecia deprimida. Era nítido que esta atitude não era considerada normal e precisaria de ajuda. No entanto, eu não seria a profissional que deveria fazer um diagnóstico dessa situação.

A aluna, por vezes, parecia incomodada em falar sobre ela e queria se levantar para voltar à sala de aula, na tentativa de fugir da situação. Respeitar o momento dela foi importante para que ela se sentisse à vontade, para que fosse possível conversar comigo por outras vezes e também a aceitar a ajuda de um profissional psicólogo.

Nas lições de Assis e Avanci (2004), a autoestima aduz que:



A construção de uma boa autoestima surge como alicerce de força de vida. Está profundamente associada à resiliência, ou seja, à combinação entre flexibilidade e força para enfrentar obstáculos, à criatividade para encontrar saídas, à visão otimista, à esperança, à fé e ao cultivo da alegria pelas coisas simples (ASSIS; AVANCI, 2004, p.09).

Desse modo, Assis e Avanci (2004) trazem a ideia de que adolescentes com baixa autoestima são os mais frequentes a se desvalorizarem, dizendo-se insatisfeitos consigo mesmos; “que não prestam para nada”; não têm muito motivo para se orgulhar, ou seja, se sentem fracassados ou inúteis e têm menos firmeza quanto a possuir boas qualidades. São os que mais desejariam ser uma pessoa de valor, ter mais respeito e uma atitude positiva em relação a si próprios.

Nas conversas que tive com a aluna, sempre busquei criar um vínculo para que ficasse à vontade e expressar-se de forma verbal. Como diz Paulo Freire, “não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se “sabe com quem está falando” (FREIRE, 1999, p.38). Isso porque, o afeto não pode ser arrogante e torna-se fundamental para o diálogo do processo educativo.

Perguntei sobre os cortes e, nas primeiras conversas, a aluna ficou calada. Depois informou-me que se sentia bem quando se cortava. Perguntei se já havia lido alguma reportagem ou se conhecia alguém que também se cortava. Ela informou que sim e deu exemplo, de uma forma geral, de modelos que se cortavam e tinham bulimia. Perguntei também à aluna se identificava com estas modelos, quanto ao cenário de bulimia. Ela informou que sim, pois, quando se alimentava, ficava provocando vômitos.

Em seguida, fui perguntando aos poucos sobre a dinâmica familiar dela. Logo no início se mostrou resistente, mas começou a informar que não morava com os pais e sim com o avô. Perguntei se ela morava com o avô por opção ou porque este teria a guarda dela. Ela informou que foi por opção e quem tinha a sua guarda era a mãe.

Disse ainda, que sua mãe tomava medicamentos para tratar a depressão. Na ocasião, não entrei em detalhes sobre o relacionamento dela com a genitora, uma vez que, esta função seria de um profissional psicólogo, o qual a aluna procurou tempos depois.

A aluna tinha acabado de ganhar uma irmãzinha e não queria mais morar em casa com seus pais. Informou que, na casa do avô, ela tinha o quarto dela e a privacidade que não tinha em seu lar. O avô e a responsável eram presentes na escola, acompanhavam o rendimento da aluna e iam à escola sempre que solicitados. Tinha boas menções e frequência, conforme já foi informado. Embora o conflito interno estivesse causando sofrimento, a aluna parecia ser responsável com seus deveres escolares. Cobrava-se bastante quanto às suas menções, porém, tinha baixa autoestima, sentia-se feia, gorda e disse que só se sentia aliviada quando se cortava.



Diante desse quadro, a única saída seria uma intervenção psicológica e ou até mesmo psiquiátrica. Entrei em contato com o avô com sua mãe para informar sobre a situação e sugerir o encaminhamento psicológico. A família tinha consciência das ocorrências de automutilação, de choros constantes na escola e do isolamento social. Comecei a conversar mais com a aluna para que ela aceitasse o tratamento. A princípio, só o fato dela estar ali, conversando comigo, parecia ficar mais aliviada e com o passar do tempo, sentiu-se a necessidade de buscar ajuda psicológica.

Na devolutiva sobre o tratamento, a aluna disse que estava gostando muito da ajuda psicológica recebida, pois havia conseguido trabalhar com tudo o que se sentia mal e desmotivada. O resultado foi notório na escola, pois ela começou a ficar mais vaidosa com sua imagem pessoal e apresentação frente aos colegas. Houve uma mudança radical, porque sua autoestima aumentou. Também não tive mais informações dela no banheiro da escola chorando, e os cortes do seu braço começaram a cicatrizar. Ao concluir o Ensino Médio, a aluna foi cursar o ensino superior.

Assim, a instituição ao perceber o estado de vulnerabilidade do aluno precisa viabilizar juntamente com família as intervenções adequadas.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, SG; AVANCI, JQ. **Labirinto de espelhos: formação da autoestima na infância e na adolescência**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.





# A REALIDADE QUE NOS CERCA

*Iria Aparecida Martins<sup>9</sup>*

Todos os dias quando acordo,  
Não tenho mais O tempo que passou Mas tenho muito tempo  
Temos todo o tempo do mundo.

(Legião Urbana)

Ser Orientador Educacional é também ser o elo entre o aluno, os familiares e a escola. Isso, numa gestão democrática. A construção da proposta pedagógica deve contemplar todos os envolvidos nesse processo, a equipe pedagógica, professores e, sobretudo, o aluno. Dessa forma, nos Conselhos Intermediários, o “olhar” do Orientador Educacional vai além da construção pedagógica, está envolvido no aproveitamento do aluno de forma integral. E foi no Conselho de Classe Intermediário do segundo semestre de 2020, que observei algumas alterações nas menções.

Após a impressão das atas, tento e, digo tento porque nem sempre consigo conversar com os alunos do ETIM (via telefone). Um caso, no entanto, me exigia mais atenção. Uma aluna extremamente participativa e dedicada nas aulas presenciais precisava ser assistida.

8. Etec Ibitinga



Por mais que lembremos de todas as teorias, dizendo que a escola deve estar inserida na comunidade, observando seu entorno e dialogando com as diversidades ali encontradas, fico me questionando onde a escola pode chegar para não ferir os padrões morais de um contexto familiar instituído, enrijecido pelos caminhos que a economia tomou, obrigando as pessoas a buscarem alternativas para sobreviver, deixando a escola de mãos atadas, deixando-nos com aquela sensação de impotência.

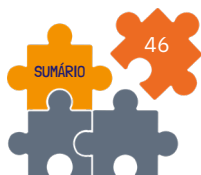
A Pandemia começou em março de 2020 e fomos obrigados a virar artistas, youtubers, mestre em informática (o que achei muito bom), a buscar alternativas para que pudessemos mostrar aos nossos alunos, que mesmo no ensino remoto, tínhamos algo bom para eles: o saber, o conhecimento e a disposição para ensinar. Sabíamos embora distantes de suas necessidades e da urgência do novo, estávamos fazendo um esforço para tornar nossas aulas interessantes e eficientes, conseguimos!! Somos sobreviventes. Somos professores e ainda em um ano e tanto de pandemia não nos cansamos de nos inventar com o único propósito de levar o nosso aluno a ir além.

No entanto, só o esforço da Equipe Pedagógica para manter a qualidade de ensino e a aprendizagem dos alunos não fora suficiente para enfrentar os desafios impostos pela pandemia na esfera educacional e, a partir daí, o caos se instalou e o choque de realidade nos fez enxergar que a desigualdade digital coexistia com toda essa vontade de aprender.

Os alunos entenderam que, o espaço escolar é muito mais que um espaço organizado para o aprendizado. É também para construir relações, resolver conflitos e que faz falta na vida deles mesmo diante de todas as suas dificuldades, também há o exercício de coexistir em tempo integral com a família e mais ainda de se fazer útil, sendo força de trabalho.

E assim, isso nos remete novamente a nossa aluna, que por necessidade teve de colocar a escola em segundo lugar das prioridades da sua vida de adolescente para ajudar em casa. Como sua mãe bem disse, a garota era necessária em casa para cuidar dos irmãos menores, enquanto ela e o marido saiam de casa para trabalhar e, nesse contexto econômico, a escola se torna impotente porque não tem condições de interferir.

No entanto, a aluna, dentro de todas as limitações impostas, continuava a receber suporte pedagógico da escola como exemplo, assistir as aulas de forma assíncrona, as atividades da semana eram impressas e ela as pegariam na escola uma vez por semana. Isso, para não permitir que ela ficasse fora da escola e ampliasse o leque de possibilidades para continuar estudando. Até mesmo agora, nesse ano 2022, a aluna continua na escola da mesma forma, pois, o problema não foi resolvido e conseqüentemente o padrão de comportamento não mudará, muito embora, os professores compreendam a situação de dificuldade, a aprendizagem dela estava sendo muito prejudicada.



A pandemia trouxe esse tipo de problema à tona que talvez já existisse e hoje com a mudança de olhar, desconstruindo paradigmas, estamos tendo tempo para enxergar além e com outros olhos, aguardando aqui uma reorganização da sociedade.

## REFERÊNCIAS

RUSSO, Renato, **Tempo perdido**, intérprete Legião Urbana, Disco dois, 1986.





## SOBRE O TEMPO E AS PALAVRAS

*Jose Roberto Medeiros de Faria<sup>10</sup>*

Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me! O que é preciso fazer? - perguntou o pequeno príncipe.

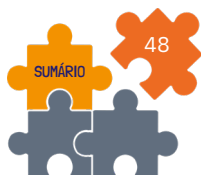
É preciso ser paciente - respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. E te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás um pouco mais perto...

**SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno príncipe.**

Dentro dos quatro muros de uma Etec várias histórias são construídas diariamente e com diversos personagens.

Sobre os personagens, é correto afirmar que eles são transitórios vem e vão todos os anos e, isso, inclui todos os atores desse espaço de intenso aprendizado. Transitoriedade esta, que inclui desde o pessoal terceirizado da limpeza e segurança, passando pelos professores e funcionários até chegarmos aos alunos.

10. Etec Jaraguá





Entretanto, apesar desta transitoriedade dentro desse espaço físico e fixo, algumas pessoas acabam permanecendo na memória e quem sabe talvez no imaginário das pessoas que lá ficam.

E uma dessas memórias que permanecem, temos um aluno tímido e inteligente chamado Fernando. A sua timidez era daquele tipo que conduz, aquele que a possui, a selecionar um número restrito de amigos. E este pequeno grupo proporciona uma dose de segurança diária, não tendo espaço para falar alto e usar roupas que possam atrair olhares ou muito menos comentários.

Os únicos comentários que seriam constantes para Fernando eram aqueles vindos dos professores e que chegavam recheados de elogios às atividades acadêmicas realizadas por ele. Por possuir estas características presentes nesse personagem, um aluno pode passar três anos despercebidos pela instituição porque ele “não dá trabalho”.

No caso aqui apresentado, Fernando, com o seu jeito de enfrentar o processo de escolarização, construiu a sua história com seus poucos amigos e chamou a atenção de alguns professores pela sua notável inteligência, como já citado.

Mas ele começou a “dar trabalho”... Inicialmente saiu da sala sem avisar ao professor, comportamento este que foi visto como fora do padrão de normalidade de Fernando. Por sair do seu normal, chamou a atenção. E este era seu objetivo, cometer um delito e, com isso, questionar o que a escola de fato representaria a ele.

Como ele pôde fazer isso, se perguntava o docente que o chamou para prestar esclarecimentos. Após receber uma resposta ríspida, a dúvida do docente foi somada ao sentimento de indignação. Agora ele se tornara um aluno elegível a receber a “atenção da escola”.

Dentro dos quatro muros de algumas instituições de ensino, certos professores ainda não compreendem que a inteligência acadêmica que um aluno possui proporciona uma segurança extra na escola, pois, este tipo de inteligência é o que se espera de um aluno “normal” na instituição, entretanto “[...] a inteligência acadêmica pouco tem a ver com a vida emocional. As pessoas mais brilhantes podem se afogar nos recifes de paixões e dos impulsos desenfreados [...]” (GOLEMAN, 2001, p.46).

Assim, é perfeitamente plausível que um aluno, até então rotulado como inteligente, possa fazer algo que o proporcione um repentino rótulo novo. Isto por estar ele envolto às questões emocionais que são invisíveis aos olhos e, daí, causar o espanto e a indignação a qualquer docente que só vê o aluno acadêmico. E obviamente há docentes que, mesmo não enxergando, intuitivamente percebem que um outro olhar, além do próprio, se faz necessário.



Inexoravelmente, então, o aluno foi convidado a conversar com o Orientador Educacional e, logo na primeira conversa, esquivou-se das questões propostas e buscou confundir o seu interlocutor com comentários e perguntas majoritariamente confusas e alheias ao assunto inicial.

O aluno foi relatando, pouco a pouco, seu descontentamento com Instituição de Ensino em que estaria matriculado. Disse que, sabia exatamente o que estaria fazendo quando tratou o professor rispidamente e estaria ciente de tal atitude, trazendo-lhe a uma punição se as coisas na escola fossem corretas mesmo; ele deveria ser advertido por sua atitude. Continuou dizendo, que tinha muita coisa errada na escola, pois, muitos alunos não deveriam estar lá por serem inaptos, assim como alguns professores. A imagem que tinha da escola, antes de estar nela, era bem diferente. Era um lugar onde as avaliações e o regimento interno da escola eram de fato observados, mas, a sua experiência até então só lhe mostrava o contrário.

Em uma análise mais fria e atual, é possível notar a necessidade do aluno de requerer uma postura mais autoritária ao que se refere às normas escolares, para que, deste modo, possa-se revelar um lugar onde só os melhores têm espaço, isso seria então válido para todos os alunos, professores, direção, coordenação, entre outros.

Não há espaço para tolerar as imperfeições e/ou debilidades dos atores que compartilham o espaço escolar de uma Etec? Mas quem criou nele tamanha expectativa? A experiência mostra que alguns compartilham tal visão, seria algo relacionado à realidade periférica de algumas das instituições de ensino que compartilham os locais onde algumas Etecs se inserem?

Entretanto, diante do contexto ali apresentado, em resposta, o Orientador Educacional disse que de fato a realidade da escola era diferente da imagem que ele teria. E que o sistema de avaliações e julgamentos que existiam na unidade eram fruto de um sistema intrincado de regimentos extra muros da unidade e com uma leve pitada de cultura própria da escola.

Não contente por ouvir essas pontuações, o aluno insistiu de que ele deveria ser punido e que a escola não poderia ser desta forma, pois, ao sair da sala, ele deveria ser punido, isso era o correto. Deste modo, a mãe do aluno foi convocada na unidade para poder tomar conhecimento do caso e sobre o atual descontentamento do filho.

Apesar desse contato inicial ter se mostrado distante do ideal, serviu para que um fosse inserido no mundo do outro.

No dia seguinte, a mãe compareceu à escola e informou que o filho já estaria fazendo acompanhamento psicológico por andar muito estressado. Mostrou-se perdida quanto às atitudes do filho e prontificou-se a ajudar no que fosse necessário.



Mesmo não havendo nenhuma intercorrência, o aluno foi convidado em outros momentos pelo Orientador Educacional para conversar sobre diversos assuntos, desde a existência ou não de Deus até sobre possíveis escolhas profissionais que o aluno poderia ter. Entretanto, os dias se passaram, e o aluno foi se tornando cada vez mais arredio e evitava o contato com o orientador, e, deste modo, não respondia nem aos cumprimentos de bom dia.

Poderia o Orientador Educacional tentar uma aproximação mais ativa, oferecendo-lhe indicação de filmes, textos e sites para que o aluno pudesse refletir sobre a sua escolha profissional ou sobre outro tema qualquer? Poderia até mesmo usar alguma outra estratégia que pudesse fazer com que o aluno se aproximasse, entretanto, este caminho pode mostrar-se não eficaz em algumas ocasiões. É comum que se espere que uma pessoa faça tais atitudes para conseguir cativar alguém, esquecendo-se, porém, que algumas vezes o distanciamento pode ser uma forma de demonstrar respeito pelo tempo alheio, uma espécie de distanciamento acolhedor, você está distante, mas a pessoa sabe que você se faz presente de alguma forma.

Como dizia o filósofo Sócrates “muito perdem os favores de preço quando precedem o desejo” (SÓCRATES, 1999, p. 212). Fazer um favor a uma pessoa quando ela não está desejando aquilo naquele momento, pode ser fonte de frustração e revolta para quem o fez. É comum se ouvir “Nossa! Escolhi (ou preparei) com tanto carinho pra você e é assim que você me agradece?” Exatamente, por mais dedicado que seja o favor, ele veio antes do desejo da pessoa que o recebe e, com isso, ele acaba perdendo muito seu valor, como afirmou Sócrates.

Desse modo, mesmo diante das negativas do aluno em responder aos cumprimentos, o profissional permanecia no cumprimento do seu dever e pouco se abalava com as vezes que foi “deixado no vácuo” pelo aluno, pois era o que optou por oferecer ao discente.

Apesar desse movimento por um longo período, ao final do ano, o Orientador, ao chegar à sua sala, se deparou com um presente e uma carta enviada por este mesmo aluno.

Já no início da carta, o aluno escreve que teria que fazer três coisas que ele teria muita dificuldade em fazer: se abrir, se despedir e se redimir. Continuou escrevendo que mantinha as pessoas longe por ter necessidade de manter tudo sob controle e evitava as pessoas também por medo. Ficava indignado por perceber que o Orientador Educacional ainda continuava tirando-lhe a paz ao querer manter o contato. Por vezes se perguntava “o que preciso fazer para que ele perceba que eu não gosto dele?” Continuou escrevendo que sentia muito por ter tratado o orientador mal e de como sentiria falta dele já que estaria se formando. Agradeceu por ele ter sido insistente nesse contato.

Assim, ficam aí estampadas algumas das facetas do papel do Orientador Educacional. Ele é aquele que tem de Saber Ser “deixado no vácuo” desprendendo-se de alguma



possível vaidade e ser persistente no contato humano e acolhedor, a mercê de um tempo que não é sempre dele, mesmo parecendo que “só cumprimentar” e perguntar se “você está bem” possa ser visto como pouco e um desperdício de tempo. “É preciso ser paciente - respondeu a raposa.” Pois, a “...linguagem é uma fonte de mal-entendidos...”.

## REFERÊNCIAS

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que re-define o que é ser inteligente**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 370 p.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009. 91, [2] p.

SÓCRATES. **Xenofonte**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).





# A ESCUTA DO CORAÇÃO

*Luciana Luna Furlan<sup>11</sup>*

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

**(Cora Coralina)**

Em tempos de pandemia, o uso da tecnologia tornou-se a principal ferramenta para a construção de um novo método de ensino-aprendizagem e, com isto, houve uma busca incessante de se redescobrir por trás de uma tela.

Uma vez que o medo, a insegurança, a falta de troca com o meio se fortalecem, criando assim, uma barreira muito grande entre aluno, família e, conseqüentemente, a escola, é necessário estabelecer novos modelos de ensino e aprendizagem para que as pessoas tenham oportunidade de solução ideal para unirmos forças em busca de ampliar o conhecimento e desenvolver competências e habilidades.

Jean Piaget, em 1964, discute sobre a educação disse que “o principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetiro que outras gerações fizeram”.

11. Etec Cidade do Livro



## JEAN PIAGET



Foi um renomado psicólogo e filósofo suíço que passou grande parte de sua carreira estudando e interagindo com crianças no campo da inteligência infantil. Defendia que o desenvolvimento do indivíduo que se dava a partir de sua interação sobre o meio que estava inserido e influenciado também pelos fatores biológicos em seu desenvolvimento mental. Os estudos de Piaget acerca do desenvolvimento mudaram a forma de se enxergar a infância e o desenvolvimento do sujeito, sendo considerados como umas das mais importantes contribuições para a Psicologia e Pedagogia na história.

Essa citação traz-nos uma reflexão que, com a pandemia, todos tivemos que reinventar a busca por um conhecimento desconhecido e assustador, pois, as relações interpessoais ficaram fechadas dentro das paredes da casa e atrás de uma tela. Muitos não conseguiram expressar todas suas angústias e absorver o conhecimento proposto pelo professor, impedindo muitos de desenvolver suas questões emocionais e limitando o ensino-aprendizagem. Mas, através desse novo método acabamos redescobrimos e entendendo como se faz necessário adaptarmos às situações impostas pelo meio e que somos capazes de desenvolver habilidades e competências.

A partir desse processo, a função de orientadores tornou-se ainda mais importante, pois, passamos a realizar de uma forma mais intensa a escuta ativa. Reinventamos esse processo para fortalecer a relação com o aluno e dar continuidade para superarem as dificuldades dos conflitos interpessoais e das relações pedagógicas, a fim de contribuir para o processo de desenvolvimento do indivíduo. Contudo, se destaca que a distância do aluno prejudicou a relação de confiança, por não existir o cotidiano escolar para os acompanhamentos próximos das situações problemas.

Percebemos que os alunos estão cheios de conflitos. Em busca do seu “Eu” perdido e, na tentativa de sua construção, desesperam-se e perdem a motivação para os estudos. É claro que essa imaturidade emocional gera conflitos em si. As demandas familiares (relações interpessoais e financeiras) quando negativas também afetam o aluno e podem prejudicar no seu desenvolvimento escolar.

Osório (1996, p.82), disse:

Costuma-se dizer que a família educa e que a escola ensina, ou seja, a família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência.



O fortalecimento do elo da escuta entre o orientador e o aluno reflete-se positivamente no meio familiar, com o crescimento do indivíduo apoiado pela escola e família e ultrapassando obstáculos que, até então, o medo e a insegurança não permitiam o seu crescimento. Esse comprometimento da escola com os alunos implica, evidentemente, em ações. Então, um dos caminhos para o respaldo aos alunos foi o contato telefônico.

Dentre tantas ligações realizadas, uma chamou a atenção. Uma mãe relatou-me quanto à dificuldade de sua filha para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem e na adaptação, pois, em meio à tantas dificuldades que a pandemia gerou como, a falta de trabalho, redução de salário, entre outros. A mãe demonstrava uma preocupação muito grande, quanto ao desenvolvimento e aprendizado da menina. Enfatizou o sentimento sobre o sucesso de sua filha ingressar na Etec, por considerar a melhor escola da cidade. Afirmou que, tinha a certeza que ela sairia dali com grandes chances para o mercado de trabalho.

A mãe, então, descreveu que havia adquirido um computador usado e estava no conserto para que a filha pudesse assistir às aulas com mais empenho e dedicação, amenizando a dificuldade de se adaptar a tal momento.

Sobre a importância da educação, Paulo Freire (2000, p.67) aponta: “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Isso, deixa claro que a educação é o único método transformador dentro da sociedade e na vida das pessoas, pois, sem educação é impossível ter mudança social. Ela é a base na formação de qualquer cidadão.

Ainda que exista a visão e responsabilidade dos pais de orientar na certeza que está fazendo o melhor, em contrapartida, se depara com o comportamento que a maior parte dos adolescentes tem de não conseguirem lidar com as mudanças e se perdem dentro do mundo de sonhos e fantasias. Não enxergam a escola como prioridade. Isso, complica neste momento em que estamos vivendo, a pandemia afastou o contato físico dificultando as relações interpessoais.

Diante desse cenário, a escola faz-se ainda mais necessária. Com responsabilidade não apenas pelo trabalho pedagógico, mas também, como lugar de apoio para alunos e pais, entendendo a importância sobre o fortalecimento da relação escola e família para chegarmos ao objetivo e contribuindo com o desenvolvimento do aluno.

A escola constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizado, isto é, o local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças (Mahoney,2002).



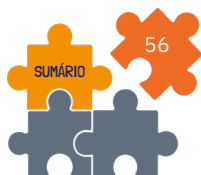
Mediante todas essas questões, a aluna com o computador em mãos conseguiu adaptar-se e ultrapassou as dificuldades do ensino remoto, assistindo às aulas, realizando as atividades e entendendo que, mesmo não estando no âmbito escolar de forma presencial, consegue interagir e contribuir para seu crescimento psíquico, social e emocional.

Portanto, dentro de toda essa dinâmica familiar é visível o entendimento em que nós educadores assumimos o papel da escuta ativa e olhamos “com os olhos do coração”, buscando a orientação sobre como o ensino é necessário para o crescimento intelectual, social e econômico de cada aluno. Tão importante para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem e o crescimento como ser humano, pois, a educação neste país é o que realmente possibilitará um futuro seguro. Guiada no fortalecimento, que se torna imprescindível na tentativa de colaborar para que essa aluna consiga vencer as barreiras que a impedem de crescer e sair vitoriosa, pautado na ética, valores e princípios norteando seu caráter para o convívio social.

## REFERÊNCIAS

DESSEN, M.A., POLONIA, A.C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**, Scielo, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCSTNbWg8JNGRcV9pN/?lang=pt>>. Acesso em: abril, 2021.

RUIZ, A.R., BELLINI, L.M. **Ética e educação: em busca de alguns elementos para reflexão pedagógica**, Unicamp, 1996. Disponível em: <[https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/1887/20\\_artigo\\_ruizaretal.pdf](https://fe-old.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/1887/20_artigo_ruizaretal.pdf)>. Acesso em: julho, 2021.







# UMA NOVA OPORTUNIDADE

*Luciana Santos Legnaioli Martins Cunha*<sup>12</sup>

Não importa que uma criança aprenda devagar. O que importa é que a encorajemos a nunca desistir.

(Robert John Meehan)

No início do ano de 2021, quando assumi a Orientação Educacional (OE) da unidade escolar, recebi a mensagem de uma mãe de aluno do 2º ano da turma Novotec, que mostrava muita preocupação, pois ele apresentava dificuldades de aprendizagem, principalmente nos componentes da parte técnica e conteúdo do primeiro ano. Em decorrência da pandemia Covid-19, o acesso à escola ficou proibido e a falta das aulas práticas prejudicaram a assimilação dos conteúdos aprendidos na teoria, por mais que existam outras formas de aprendizado.

É claro que os professores utilizaram outras formas para suprir a falta dos equipamentos, por exemplo, simuladores em suas aulas. Porém, mesmo assim, muitos não conseguiram acompanhar, seja por dificuldade no conteúdo ou mesmo por questões de equipamentos obsoletos em suas casas e que não suportaram os programas sugeridos pelos docentes.

12. Etec Aristóteles Ferreira



Nesta mensagem, a mãe relatou que no ano de 2020 recebeu muito suporte da OE da unidade escolar e, com a mudança de pessoa nesta função, ficou apreensiva, por isso, me procurou, pois gostaria que esse contato permanecesse comigo e eu a ajudasse nas dificuldades do filho. Até porque, dele estar com Progressões Parciais (PP) de disciplinas do primeiro ano, que acarretaria mais preocupação em função de precisar dar acompanhar as matérias regulares do ano corrente e das atividades que precisariam ser desenvolvidas na PP.

Dentro de nossa unidade escolar, contamos com um Projeto de Monitoria que dá apoio ao aluno, no sentido de reforçar seu aprendizado. Ou seja, o conteúdo não é somente trabalhado em sala de aula, mas pode ser revisado durante os plantões de dúvidas ocorridos semanalmente. Realizado por alunos voluntários, que retomam juntamente com os colegas aquilo que não foi compreendido durante as aulas. Desta forma, notamos que os participantes conseguem melhorar seu desempenho durante o período de avaliações e, conseqüentemente, suas menções.

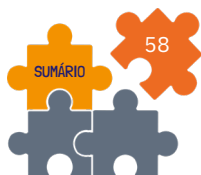
Conversando com a diretora da unidade, até mesmo por estar em início da função e desconhecer algumas possibilidades, ela sugeriu que entrasse em contato com o auxiliar docente do curso frequentado pelo aluno. Desta forma, poderia ver se ele conseguiria realizar monitorias com o discente, sanando suas dúvidas, apoiando em suas dificuldades para que conseguisse superá-las.

Quando conversei com o auxiliar docente de imediato aceitou o desafio e, então, criei uma equipe na Plataforma Teams para essa atividade. Marcamos uma reunião, em que apresentei ele ao aluno e, a partir deste momento, iniciaram a recuperação paralela.

Percebi o quão motivado o aluno ficou por ter essa possibilidade de retomar os estudos com o auxílio de um professor, tendo a oportunidade de rever os conteúdos que estavam fragilizados e, também, o apoio para o desenvolvimento das atividades de Progressão Parcial. A mãe do aluno também ficou muito satisfeita com a intervenção da escola para apoiar o discente no momento de dificuldade.

Ao considerar a escola um ambiente em que todos devem ser tratados com igualdade, o ideal é que os alunos tenham as mesmas oportunidades. Estas podem ser aplicadas de forma diferenciada dependendo do ritmo de cada um, como ocorre com o aluno em questão.

Continuo acompanhando todo o processo, conversando com todos para saber sobre o desenvolvimento dessas aulas e espero que os resultados sejam satisfatórios. Recentemente entrei em contato com a mãe do aluno e a mesma mostrou-se ainda preocupada, pois alega que o filho não sabe conceitos básicos relativos aos conteúdos técnicos do primeiro ano. Sugeri, então, que ele, juntamente comigo, converse com o auxiliar docente que o está apoiando para que retome esses conteúdos, pois dessa forma conseguirá dar continuidade na série que está cursando.



Ficou evidente, através do caso apresentado, como faz-se necessária a participação da escola no processo de auxiliar o discente para que possa sanar as dificuldades existentes. Por isso, é importante haver projetos internos seja com o apoio dos próprios alunos como monitores ou com os auxiliares docentes, de forma a que os resultados obtidos através das atividades desenvolvidas sejam satisfatórios.

## REFERÊNCIAS

OSTI, A. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais**: reflexões para a formação docente. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.





# LUZ DOS OLHOS: A VISÃO DO CORAÇÃO

*Lucimara Alves Aguiar Basso*<sup>13</sup>

A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades.

(Paulo Freire)

No entanto, em uma bela manhã de terça-feira, 16/02/2021, sentei-me próximo à janela de minha casa para dar início aos meus trabalhos da escola e comecei a observar os primeiros raios de sol que surgiam. Minutos depois, focada no desejo de trabalhar e compreender o mundo à minha volta, conheci uma menina muito especial e inteligente que acordava todas as manhãs com a sensibilidade de enxergar o mundo com o coração. Jade, filha da senhora Flora, que apesar de possuir uma deficiência física, 100% cega, jamais desistia de correr atrás de seus sonhos e conquistar sua independência.

A aluna Jade, embora muito determinada, sofria com as limitações que a cegueira trazia. Foi nesse momento que eu percebi o quanto meu primeiro contato com a aluna seria

13. Etec Amim Jundi Osvaldo Cruz



de extrema importância para a mudança de um cenário tão escuro e de grandes dificuldades, uma vez que grande parte das escolas foram feitas e construídas para uma sociedade que ainda possui marcas de preconceitos e desigualdades que dificultam fazer as adaptações necessárias para um verdadeiro processo de inclusão de alunos com necessidades especiais. Além do mais, a falta de uma formação especial dos professores, a falta de material especializado e a falta de equipamentos que possam suprir a deficiência apresentada são muitos dos empecilhos e paradigmas que precisam ser quebrados ou lapidados.

Sensibilizei-me como profissional e como pessoa. Tinha que me movimentar para promover um espaço verdadeiro de inclusão, pois, para fazer a inclusão de verdade e garantir a aprendizagem da aluna, é necessário fortalecer os envolvidos, sobretudo a Jade, e criar um canal de apoio entre os alunos, docentes, gestores e a família. Havia a necessidade da contratação de um profissional que atendesse as necessidades educacionais especiais da discente e, embora já solicitado, a escola ainda não havia recebido uma resposta desse pedido. A parceria entre escola e família seria mais do que nunca necessária para o respaldo a Jade.

Vasconcellos (1989) sobre isso, fala:

[...] o papel da família e da escola no que se refere ao processo educativo dos alunos com necessidades especiais são de importância para a educação e deve garantir que a aprendizagem dos alunos especiais aconteça de forma ética, democrática e cidadã. Portanto cabe aos profissionais da educação, ou seja, aos professores darem o primeiro passo para que a parceria entre a escola e a família possa acontecer de forma efetiva.

Foram dias de espera e de muitas dificuldades para a aluna Jade, já que a mesma não conseguia estudar sozinha, chorava e se sentia impossibilitada de realizar o estudo, as atividades, pois necessitava com urgência de uma interlocutora que a ajudasse com as atividades remotas da escola e com a utilização da plataforma online, pois as aulas iniciaram em um período de pandemia por conta da Covid-19 e continuava presente na vida de cada cidadão brasileiro, fazendo-os permanecerem isolados, dificultando ainda mais o convívio social da aluna com os professores e alunos.

Jade precisava do nosso respaldo imediato e, mesmo a interlocutora ser o melhor suporte, não poderíamos ficar de braços parados aguardando a sua aprovação. Então passei a acompanhar as atividades da aluna, disponibilizando-as por outros meios de acesso, tanto por intermédio da mãe, quanto por meio de arquivos *pdf* para o e-mail da aluna que tinha em seu computador um leitor de texto que a auxiliava na leitura das atividades. Sendo assim, todos os professores foram avisados e orientados para o envio do material de apoio e de todas as atividades oferecidas para a aluna, mediante o endereço de e-mail,



facilitando assim, o processo de ensino aprendizagem da discente, enquanto não fosse oficializada a contratação de um profissional capacitado para suprir suas necessidades.

Passados alguns dias de angústia e de ansiedade, no dia 01/03/2021, a profissional solicitada pela unidade de ensino, local onde a aluna Jade estudava, foi contratada. Dessa forma, o que era tão urgente aconteceu. E a aluna passou a ter uma ajuda especializada da interlocutora Geórgia, uma profissional que se dedicava a acompanhar a Jade durante todo o período de aulas remotas pela plataforma da Microsoft Teams.

Já de início, fica evidente o quanto o trabalho da profissional trouxe impactos significativos para o rendimento escolar da aluna, pois com o auxílio e apoio da mesma, a aluna pode acessar as aulas, interagir na plataforma tanto com os professores quanto com alunos, mostrando, assim, que o desenvolvimento de crianças e adolescentes com deficiências depende de estímulos e incentivos de pessoas que se encontram a sua volta. Contudo havia ainda situações de dificuldades para a aluna. Ela necessitava de uma máquina em braile e de papel em braile especializado para poder desenvolver suas atividades, desenvolvendo competências e habilidades por meio do conhecimento adquirido.

Conversei com a direção da escola e um contato com a supervisão responsável por fornecer a máquina para a aluna foi feito. E em alguns dias, o equipamento foi enviado para a nossa unidade de ensino: um pequeno município do interior de São Paulo. A chegada da máquina foi um momento muito gratificante tanto para nós da direção e funcionários, quanto para a própria família da aluna, que além da máquina, acabou ganhando todo o material das folhas em Braille doado por um professor, da própria unidade de ensino, que ficou muito sensibilizado com a situação da aluna Jade.

Para fechar com chave de ouro, outras coisas boas aconteceram. A aluna, na data agendada para a entrega da máquina e de todo material, completava mais um ano de vida. A chegada de Jade até a escola naquela manhã foi um grande acontecimento. Tínhamos duas comemorações: o aniversário de Jade e o envio de seu equipamento. Todos estavam muito felizes, pois as dificuldades enfrentadas devido à falta de equipamento ficariam para trás. Agora ela teria condições necessárias de ser incluída e passaria a ter acesso aos bens e serviços que é de direito de todo cidadão brasileiro.

O que a aluna não imaginava era que tanto o diretor quanto os funcionários da escola presentes, estavam sabendo de seu aniversário e que estavam preparando uma surpresa para ela. Assim que Jade foi encaminhada para a sala da direção para a retirada do material e da máquina, uma recepção calorosa foi feita para a aluna. Todos cantaram um feliz aniversário para a discente e a mesma se emocionou com toda a receptividade. Em



agradecimento a acolhida, Jade pediu uma folha do material em braile e escreveu que estava muito feliz de conhecer o diretor da escola fazendo uso da máquina.

Jade, como eu disse anteriormente, é uma aluna extremamente inteligente e que sonha em ser veterinária, mas por razões de sua deficiência, acredita que talvez não seja possível a realização desse sonho. Então a garota menciona que gostaria muito de se tornar uma professora de braile, para ajudar outras pessoas que passavam pelas mesmas dificuldades que ela, uma deficiência física 100% cega, mas que com muita luta e dedicação aos estudos e a persistência por uma inclusão, nunca desistiria de seus objetivos.

A importância das políticas públicas de inclusão e de acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência em nosso país ganhou forças ao longo desses últimos anos, conquistando determinados avanços sociais que acabam refletindo de forma efetiva em relação à participação de cidadãos com deficiência na definição de políticas públicas, ratificando, assim, uma maior sensatez e maturidade em relação a esse contexto tão grandioso e sensível. Segundo Mendes, 2010; Miranda, 2003; Mantoan, 2006; apud Nascimento.

[...] as pessoas com deficiência têm o direito de usufruir dos bens sociais, como a educação, assim como qualquer outro cidadão. Já que a educação é e deve ser vista como um direito de todos, um sistema educacional inclusivo deve garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os alunos. No entanto, para a real inserção das pessoas com deficiência e necessidades educacionais especiais, no contexto escolar, são necessárias a definição e a execução de políticas públicas que tragam regulamentações, ações, orientações e que garantam investimentos para a educação especial numa perspectiva inclusiva.

Portanto, nessa perspectiva, a inclusão social, em vez de ser somente uma aflição a ser dividida entre um pequeno grupo de pessoas com alguma diferença, alguma deficiência, como no caso da Jade, ou ainda apenas uma preocupação entre especialistas ou governantes, torna-se algo fundamental na sociedade brasileira. E como diz Mario Sergio Cortella: “Faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto você não tem condições melhores, para fazer melhor ainda”! Isso mostra o quanto a aluna Jade é um exemplo de luta, superação, que mesmo em meio a tantas dificuldades, nunca deixou de fazer o seu melhor enquanto ela não tinha condições de fazer melhor ainda.



## REFERÊNCIAS

**Educação especial:** as dificuldades encontradas no ambiente escolar para a Inclusão (página 2). SO Pedagogia, 2021. Disponível em: <<https://www.pedagogia.com.br/artigos/asdificuldadesdainclusao/?pagina=1>>. Acesso em: 23 mai. 2021.

NASCIMENTO, Suzete Viana. **Políticas públicas para educação especial na perspectiva da educação inclusiva no Brasil.** Disponível em <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17827\\_7668.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17827_7668.pdf)>. Acesso em: 23 mai. 2021

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Família X Escola na Inclusão.** Portal Educação. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/familia-x-escola-na-inclusao/56552>>. Acesso em: 23 mai. 2021.







## CASO HENRIQUE

*Lucimara de Souza Teixeira*<sup>14</sup>

Família, família. Papai, mamãe, tia. Família, família. Almoça junto todo dia. Nunca perde essa mania. Família êh! Família ah! Família! Família êh! Família ah! Família! Família, família. Vovô, vovó, sobrinha. Família, família. Janta junto todo dia. Nunca perde essa mania.

(Composição: Arnaldo Antunes / Toni Bellotto)

Dentro das instituições familiares que todas as pessoas estão inseridas, estas se desenvolvem, física e psicologicamente. É nesse modelo que se apresentam as essências de educar, os laços de afetos, de compreensão e de acolhimento, que se constroem as relações parentais que instauram os conceitos familiares.

É no âmbito familiar que os seres humanos têm suas primeiras experiências de convivências, valores morais, culturais, afetivos e expectativas, sendo a família uma referência para qualquer criança. O indivíduo passa a replicar atitudes, comportamentos e falas, como por exemplo, tratar pessoas, animais e plantas, construindo uma visão de mundo que é apresentada pela família.

14. Etec Albert Einstein



Para muitos alunos, esse é o modelo de família, mas, para Henrique Santos não era a sua realidade. Sua família era composta de forma determinada pela mãe, sra. Paula Santos, que foi para Europa quando ele ainda era pequeno, um pai com quem raramente tinha contato e por sua avó, sra. Maria S. Santos, que fez o papel de mãe e pai de Henrique desde os 8 meses. Foi ela quem apresentou a concepção de família, os conceitos de afetos, de compreensão e de acolhimento.

Henrique, embora recebesse todo o carinho da avó, aguardava sua mãe como alguém que iria dar fundamento à sua existência, ou melhor, como alguém que traria as explicações de suas aflições. Fernanda Young de Carvalho Machado comenta sobre a espera que:

*A verdade é que, enquanto você estiver assim, nessa interminável agonia, esperando notícias que nunca chegam, vai deixar passar várias possibilidades interessantes ao seu redor. Claro, ninguém se compara a quem você aguarda, mas quem você aguarda não está disponível no momento (MACHADO, 2019).*

A espera de Henrique por sua mãe parecia ter um fim. No 2º semestre de 2017, sua mãe retornou da Europa casada e com dois irmãos para Henrique, o que me fez pensar, como orientadora educacional, que ele ficaria feliz com o retorno da mãe. Porém, ele começou a apresentar um comportamento agressivo e depressivo, chorava todos os dias na escola e toda a semana parava na sala da coordenação por alguma ocorrência disciplinar. Era visível o pedido de socorro.

Muitas vezes Henrique Santos chorava na sala de aula e pedia para ficar no ambiente da orientação educacional, que era a minha sala. Alguns dias passava a manhã inteira lá e passou a querer fazer isso todos os dias, o que se tornou inviável, pois nesse momento a escola estava se desviando de sua função, que é a de trabalhar o crescimento intelectual e social do aluno, para atender quase que integralmente o aluno, naquele período.

Novamente me fez refletir sobre o texto de Fernanda Young. Seria essa a interminável agonia à espera por notícias que Henrique passava? Essa aflição o levaria a abandonar as oportunidades que vinham com aquele momento? Não conseguia enxergar que entrar em um curso novo possibilitaria ter novas amizades, conhecimentos e experiências distintas a serem vivenciadas. Seus horizontes estavam sendo ampliados para que o momento fosse mais leve.



### **FERNANDA MARIA YOUNG**

Fernanda Maria Young de Carvalho Machado (Niterói, 1 de maio de 1970 — Paraisópolis, 25 de agosto de 2019) foi uma roteirista, escritora, apresentadora, atriz, autora e diretora brasileira.



Passei a observar o comportamento do aluno que a cada dia era mais estranho. Levantei informações com a turma dele e um colega me informou que Henrique estava bem confuso. Então, chamei a avó para conversar, afinal, era o único contato que havia no prontuário do aluno. Informei à avó que a mudança no comportamento do seu neto era perceptível, que já havia conversado com ele e ela me comunicou que o aluno Henrique não tinha aceitado bem o retorno da mãe e que era muita mudança para sua vida. Antes era apenas ele e a avó, agora convivia em casa com a mãe, o padrasto e os irmãos. Acredito que ele teve que lidar com muitos sentimentos em um momento tão ímpar como a adolescência e, conseqüentemente, vieram diversos questionamentos referentes à mãe.

Henrique ficou sob a responsabilidade da avó desde bebê para que sua mãe tivesse a oportunidade de tentar melhores condições em outro país. A verdade é que o aguardo de Henrique foi longo: dos 8 meses até os 15 anos. Machado (2019), sobre isso, aponta que “ninguém se compara a quem você aguarda, mas quem você aguarda não está disponível no momento”, gerando muita tristeza em quem está à espera do outro.

Então, conversei com as pessoas envolvidas em seu meio familiar, com a avó Maria e com a mãe, solicitei que tanto a mãe como a avó procurassem ajuda especializada como um psicólogo, pois a terapia deveria ser familiar para lidar com esse turbilhão de emoções. Foi uma conversa difícil já que a família sempre negou a doença emocional do aluno.

Falei diversas vezes com a mãe, a avó e o padrasto, solicitei um laudo psicológico, e ainda, insisti para que a mãe procurasse uma ajuda especializada para Henrique. Posteriormente, li diversos laudos do Henrique em que o médico indicava que o aluno estava deprimido, com problemas para dormir. Falei com o psicólogo pessoalmente e este me informou que Henrique estava muito confuso, ansioso, e que a volta da mãe trouxera questionamentos que estavam adormecidos, principalmente o sentimento de abandono que ele carregava dentro dele há muitos anos. Sem dúvida era um problema familiar que a escola, por mais que tentasse, não tinha como resolver.

Com o passar do tempo, o aluno Henrique tentou o suicídio por diversas vezes em sua residência. Fato que sempre alertei para os responsáveis pela forma como analisava seu comportamento. Muitas vezes liguei para mãe dizendo que Henrique estava com uma conduta estranha. Ele ia à coordenação e mostrava seus desenhos. Alguns eram assustadores, pois sempre tinha uma pessoa triste e chorando, ou uma família chorando por um jovem. Havia muito sangue ou pessoas se enforcando, às vezes uma família toda morta. Era perturbadora aquela visão.

Os desenhos do aluno cultuavam a morte, a violência e o fato dele levar sua aflição até mim, a orientadora educacional, com certeza era um pedido de socorro. Para quem estava procurando ajudá-lo da melhor maneira possível, os desenhos eram muito sombrios e sinalizavam que ele iria atentar contra a própria vida.



Diversas vezes liguei para a mãe de Henrique, pois quando ele estava alterado não o deixava voltar sozinho para casa. Ele me dizia que ia se jogar debaixo de um carro, que pensava em fazer besteiras, porém toda a vez que eu ligava para a mãe percebia uma certa irritação da parte dela quando dizia: “estou trabalhando”. A negação da família em aceitar a doença emocional de Henrique comprometia a recuperação do aluno, o aprendizado, o desenvolvimento intelectual e social dele.

Ouvi diversas vezes da mãe que a avó e eu dávamos muita atenção para Henrique e, por isso, ele estava fazendo aquelas coisas. Segundo a mãe, tanto eu quanto a avó passamos a ser culpadas pelo desequilíbrio, pelo fato de acolher o aluno.

O apoio familiar e um acompanhamento especializado nos tratamentos de doenças emocionais são fundamentais para que as pessoas possam se reestabelecer. É um momento difícil, pois a maioria das pessoas se sentem perdidas, tristes, e o único caminho é procurar um psiquiatra, um psicólogo, enfim um especialista para esse momento.

Afinal, um tratamento de doenças emocionais não é uma obrigação da escola, é uma responsabilidade familiar. A instituição escolar pode auxiliar a identificar alguns sintomas, orientar os pais a procurarem profissionais específicos. Porém, não pode ultrapassar sua função que é a de garantir o aprendizado do conhecimento e a aquisição das habilidades que propiciem o desenvolvimento integral dos alunos.

## REFERÊNCIAS

SOUSA, Hiasmini Albuquerque Alves. **Abandono afetivo**: Responsabilidade civil pelo desamor. 2012. Disponível em: <<https://ibdfam.org.br/artigos/863/Abandono+afetivo:+Responsabilidade+civil+pelo+desamor>>. Acesso em: 08 maio 2021.

MACHADO, Fernanda Maria Young de Carvalho. **10 ensinamentos de vida por Fernanda Young**. 2019. Disponível em: <<https://www.revistaloficial.com.br/cultura/10-ensinamentos-de-vida-por-fernanda-young>>. Acesso em: 10 maio 2021.





# DEFICIÊNCIA VISUAL: TRANSPONDO MUROS, DERRUBANDO BARREIRAS

*Maria Antonieta Nardin Franca*<sup>15</sup>

Um menino caminha e caminhando chega no muro  
E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está  
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar  
Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar  
Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar.

(Toquinho/Vinícius de Moraes)

Era 2013, inaugurávamos em nossa escola o Programa Vence. Tudo era novo, sabíamos que o desafio estava implantado e bem ali, em pé no alto da escada, aguardávamos a chegada dos alunos que faziam o ensino médio na escola, a qual éramos parceiros.

Eles chegaram aos poucos, um pouco tímidos, mas ao mesmo tempo ansiosos e eufóricos. Falavam alto e alegravam-se por conhecer os laboratórios e as classes de aula. A maioria vinha de bairros distantes, cansados pela um longa caminhada, mas nada era mais importante do que estarem ali, deslumbrados pelo simples fato de pertencerem a

15. Etec Rosa Perrone Scavone



uma comunidade escolar bem avaliada na cidade. A alegria era contagiante. Para muitos, o sonho de estudar na Etec estava concretizando.

Em meio a toda aquela agitação de alunos, algo chamou minha atenção. Meus olhos depararam-se com um adolescente franzino, conduzido por sua mãe. Pude perceber sua timidez, como que se estivesse deslocado ou sem jeito por estar precisando de ajuda. Parecia não gostar do que estava acontecendo, mas pude perceber em sua postura que algo o impelia a continuar subindo a escada. Parecia que queria vencer a qualquer custo ou, talvez na procura por cada degrau, pudesse finalmente, enxergar o caminho que teria pela frente.

Ali parada no hall de acesso da Etec, a mãe encabulada e triste ainda segurando o braço de seu filho foi explicando que ele tinha perdido a visão há apenas um ano, devido a uma doença congênita. Ele fez tratamento em um hospital renomado da região, no entanto, acabou ficando cego.

Logo após ele ser conduzido para a aula inaugural, a senhora continuou explicando para mim, como Orientadora Educacional, quais eram as necessidades de seu filho, pois, ao contrário da filha, o adolescente estava muito revoltado com sua condição visual e recusava-se usar a bengala para auxiliar na sua locomoção. Não queria aprender braille ou aceitar qualquer tipo de ajuda e sugestão de sua irmã, também cega. Portanto, necessitava do auxílio das pessoas para ir e vir, dentro ou fora das dependências da escola.

Ela estava muito preocupada, pois essa atitude ranzinza de seu filho cansava os colegas e estes acabavam o abandonando, pois, se sentiam presos a uma pessoa que era muito desagradável na maior parte do tempo e, sabe-se o quanto custa para um adolescente ficar preso a uma rotina ou a uma obrigação, portanto, tínhamos mais um grande desafio a ser vencido: aprender o que fazer e como fazer.

Não possuíamos qualquer experiência, nunca tínhamos tido nenhum aluno com deficiência visual. Nossa maior vantagem era sermos uma equipe muito unida e sabíamos, também, que o sucesso profissional do nosso aluno, sua inclusão social e sua autonomia dependia de sua formação na Etec e, nesse dia, lembrando Jussara Hoffmann, reafirmamos nosso compromisso com a inclusão, no sentido real da palavra:

Sem dúvida, um sério compromisso irá mobilizar a escola brasileira deste século: formar e qualificar profissionais conscientes de sua responsabilidade ética frente à inclusão. Não é suficiente oferecer-se escola para todos, é essencial que o “todos” não perca a dimensão da individualidade, e que, uma vez na escola, esta ofereça a cada criança e jovem a oportunidade máxima possível de alcançar sua cidadania plena pelo respeito e pela aprendizagem (HOFFMANN, 2011, p. 35).



Então, a equipe gestora formada pelo diretor, coordenadores e orientador educacional promoveu uma intensa corrida em busca dos subsídios, que pudesse auxiliar o aprendizado do aluno e torná-lo, na medida do possível, mais autônomo; promover sua inserção social. Ele precisava ser aceito e aceitar seus colegas.

Mas, como nada nessa vida não é coincidência e sim providência, nesta mesma sala tinha um jovem e, ousou afirmar que era um grande homem. Ele também vinha de uma família pobre e com muitos problemas de saúde. Seu irmão, apesar de mais velho, estudava na mesma classe que ele, possuía Acondroplasia. Tinha muitos problemas de aprendizado e vivia grudado em seu irmão mais novo, como se fosse sua sombra. E, mais uma vez, ele abre o seu coração, abraça e traz para junto de si, aquele menino cego que ficava emburrado no canto da classe, mas que precisava muito de sua ajuda.

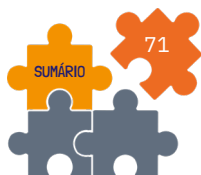
Enquanto, era acolhido por seu novo amigo, que junto com seu irmão o conduzia de lá para cá, fomos em busca de meios que promovessem de maneira eficaz o seu aprendizado. Até então, precisava que alguém fizesse as anotações ou emprestasse o caderno, para que depois em casa, sua mãe ou um dos irmãos fizesse a leitura para ele.

Essa dependência era, como ele mesmo descreveu, odiosa, pois, muitas vezes precisava esperar a boa vontade de seus irmãos para poder realizar a tarefa. Na outra escola, no fundamental, trataram-no como um incapaz e aprovaram-no sem nada exigir aumentando ainda mais sua revolta e o desejo de abandonar tudo.

## **ACONDROPLASIA**

De acordo com, a definição fornecida pelo Hospital Infantil Sabará, é o tipo mais comum de nanismo, em que os braços e pernas da criança são mais curtos em proporção ao comprimento do corpo. A cabeça é grande e, muitas vezes, o tronco é do tamanho normal. A altura média dos homens adultos com acondroplasia é de 150cm, e a altura média das mulheres adultas é de 140cm. Essa anomalia genética pode ser herdada de um dos pais, mas a maioria dos casos, cerca de 80%, é causada por uma nova mutação na família. Significando, que os pais são de estatura média e não têm o gene anormal.

Conseguimos na época, junto ao Centro Paula Souza, um leitor de livros digitais (aparelho capaz de reproduzir em voz alta as páginas colocadas diante do leitor ótico). Além disso, a comunidade escolar cotizou-se e adquirimos um notebook equipado com programas de acessibilidade para cegos possibilitando que a palavra ditada fosse transcrita e vice-versa, facilitando a realização das provas, trabalhos e estudos.



Graças ainda, a parceria que aconteceu entre o CPS e o Instituto Laramara, da Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual, foram realizadas muitas capacitações que nos ajudaram a nortear o aprendizado do adolescente e de muitos outros, que sucederam o nosso pequeno grande herói.

O Instituto Laramara (2021, online) tem como missão algo extremamente importante, sensível e humano: “promover o desenvolvimento integral da pessoa com deficiência visual, por meio de atendimento direto, ações de assessoramento e defesa e garantia de direitos, para a sua autonomia e inclusão social”. Contagiados pelos depoimentos e testemunhos de sucesso relatados nas qualificações oferecidas, os professores acolheram o desafio e se superaram. Nossas barreiras se derretiam diante da necessidade do outro.

O aluno, por sua vez, abraçou sua própria causa e se viu motivado a continuar aprendendo e a replicar seus conhecimentos. Aos poucos, vimos aquele garoto “enfestado” transformar-se, fazer amigos e sorrir. Ele tinha aprendido a saborear a vida.

Cora Coralina (1965), explica poeticamente esse sentimento de completude e de “Saber Viver”.

Não sei... Se a vida é curta/Ou longa demais pra nós,/Mas sei que nada do que vivemos/  
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas./Muitas vezes basta ser:/  
Colo que acolhe,/Braço que envolve,/Palavra que conforta,/Silêncio que respeita,/  
Alegria que contagia,/Lágrima que corre,/Olhar que acaricia,/Desejo que sacia,/  
Amor que promove./E isso não é coisa de outro mundo,/É o que dá sentido à vida./  
É o que faz com que ela/Não seja nem curta,/Nem longa demais,/Mas que seja intensa,/Verdadeira, pura... Enquanto durar.

Ele acabou indo para Campinas para aprender braile, motivado pelo trabalho de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que os formandos do curso modular em Eletrônica fizeram, pensando em nosso aluno. Montaram uma impressora de baixo custo, que transcrevia textos e imprimia em braile. Depois desse trabalho, durante os três anos que ele frequentou nossa escola, foi inspiração para projetos incríveis e inovadores, como, o colete com alarme de obstáculos, a bengala com sensor e de tantos outros projetos voltados para a inclusão social do deficiente físico.

Foi nosso primeiro caso de inclusão que movimentou duas comunidades escolares com duas realidades diferentes, mas, que se uniram em um mesmo propósito, o de transformar a existência de um adolescente que queria ser ouvido, ser visto e ser amado. A partir desse caso, tivemos muitos outros, todos desafiadores, mas independentemente dos demais, ele foi o nosso primeiro e marcou um caminho de desbravamento. Ainda que se fale e leia muito sobre inclusão, é na prática que o exercício maior da ação se consolida.





Nosso aluno herói, cego fisicamente, mas desperto em sua visão interior, formou-se e fez faculdade. Hoje, trabalha na área que escolheu. Soubemos que três de seus irmãos possuem a mesma patologia e que ele os tem ajudado a superar e enfrentar os desafios exigidos pela cegueira tardia.

Em 2013, quando nada sabíamos e nada tínhamos para suprir as suas necessidades, fomos à luta. Aprendemos, trouxemos a tecnologia necessária e a vitória se fez presente.

Muitos passaram, outros virão, mas uma coisa é certa, ainda hoje, quando olho para os corredores da escola, enxergo um adolescente grudado no braço de seu melhor amigo, rindo alto, com o rosto voltado para o alto, como quem olha para o futuro e sabendo que na Etec ele teria o seu próprio espaço.

Junto com ele vimos seu melhor amigo se formar e voltar muitas vezes para fazer diferentes cursos técnicos, incansável na sua busca por conhecimento e técnica. Por onde passa faz muitos amigos, seu carisma está na acolhida que dispensa aos que dele se aproximam.

## REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. **Saber Viver**: Poema de Cora Coralina Comentado. www. Culturagenial.com, 2010. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/saber-viver-poema-cora-coralina-comentado/>> Acesso em: 10 mai. 2021.

Instituto Laramara. **Missão**. Disponível em: <<https://laramara.org.br/sobre/>> Acesso em: 10 mai. 2021.

Letra da Música Aquarela de Toquinho e Vinícius de Moraes. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/toquinho/aquarela-original.html>>. Acesso em: 13 mai. 2021.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. 14ª ed. PortoAlegre: Mediação, 2011.





# MAIS UMA HISTÓRIA DE CISTO

*Patrícia Helena Cardoso Buim*<sup>16</sup>

É exatamente disso que a vida é feita, de momentos. Momentos que temos que passar, sendo bons ou ruins, para o nosso próprio aprendizado. Nunca se esquecendo do mais importante: Nada nessa vida é por acaso. Absolutamente nada. Por isso, temos que nos preocupar em fazer a nossa parte, da melhor forma possível. A vida nem sempre segue a nossa vontade, mas ela é perfeita naquilo que tem que ser.

(Chico Xavier)

Quando eu nasci, há 55 anos, as histórias de cistos eram muito corriqueiras e vinham envoltas em uma justificativa para amenizar os efeitos sociais, diga-se “fofocas”, de uma gravidez não planejada. A da minha gravidez foi mais uma dessas. Minha mãe grávida pela oitava vez, meu pai doente, em fase terminal de câncer, era quase inacreditável e muito improvável uma gestação. Então, no terceiro mês o médico acreditou que eu fosse um cisto. Sem ultrassom e sem meios para confirmar, abriu a barriga da minha mãe, quando viu o bebê, fechou novamente, trazendo como consequência, uma gravidez muito difícil.

É uma história que depois de muito tempo, se mistura com disse-que-disse e fantasias da própria família e a gente não consegue ter certeza do que é fato e o que é fantasia,

16. Etec Paulo Guerreiro Franco



mas enfim, minha história de vida começou assim e, hoje, estou aqui como Orientadora Educacional de uma Etec para relatar uma história dos tempos modernos, porém, com uma pitadinha de crendices populares sobre o mito de confundir gravidez com cisto.

Há 11 anos, o Centro Paula Souza instituiu a função de Orientador Educacional (OE) para as Etecs Agrícolas por ter o sistema de internato que requer um acompanhamento sócio psicopedagógico mais intensificado, devido às suas peculiaridades. Assim, o OE é o responsável pelo acompanhamento do desenvolvimento pessoal dos alunos, dando suporte à sua formação como cidadão, à reflexão sobre valores morais e éticos e à resolução de conflitos.

Mas, para quem vive na pele essa função, nem tudo são flores, em muitas ocasiões, vivemos histórias tão contraditórias que, se formos contar, há quem duvide, pois, lidar com adolescentes é viver uma aventura nova e improvável a cada dia, o que faz com que passemos a fazer parte de suas histórias de vida, quase sem querer, pois não tem como, não se envolver.

A orientação educacional é um processo organizado e permanente que busca a formação integral dos educandos, através de metodologia científica e conhecimentos técnicos. No seu conceito amplo, propõe-se a levar o educando a opções conscientes baseadas no conhecimento racional dos fatos e situações, bem como na avaliação objetiva de seu próprio potencial, num processo de conscientização caminhando gradativamente para a maturação individual e social.

Como a interação do OE com os orientados caracteriza-se pelo seu caráter de relação de ajuda, ou seja, tanto o aluno pode expor espontaneamente fatos ou situações de cunho pessoal ou familiar como o orientador pode necessitar fazer indagações sobre a problemática em questão. Esses dados, por serem de fato sigilosos ou confidenciais, não devem ser alvos de comentários com outras pessoas, quaisquer que sejam as circunstâncias. Esse cuidado é vital importância porque a condição básica para o estabelecimento de uma relação de ajuda eficiente é a confiança.

Porém, existem casos em que o OE é visto pelo aluno como a pessoa que quer se “intrometer” na sua vida e, principalmente, que vai contar aos pais o que for relatado em atendimento. Ou ainda, que o OE é uma espécie de “diretor disfarçado”, pronto para aplicar uma advertência e o caso relatado a seguir tem esses traços.

O ano era 2012 mês de agosto, início das aulas do 2º semestre e chegada de novos alunos para o curso modular em Agroindústria noturno que se iniciava nesta época. A turma deste curso sempre era formada por alunos residentes, que já faziam o curso Ensino Técnico Integrado ao Médio (ETIM) diurno e alunos da cidade que vinham todos os dias trazidos pelo ônibus da prefeitura. Mas nesta turma, veio uma aluna com uma situação diferente, pois, morava em uma cidade mais distante, cerca de uns 70 km da Etec. Ela faria



apenas o curso noturno na Etec para terminar o ensino médio concomitantemente e foi matriculada pelos pais em uma escola estadual da cidade.

A nossa escola é uma Etec Agrícola, localiza-se na zona rural, a 3Km do município do qual faz parte, sendo seu caminho marcado por uma serra muito íngreme, cheia de curvas, porém, bem pavimentada até a entrada da Etec. Mesmo diante dessas dificuldades geográficas, os alunos não veem dificuldade alguma para subirem a serra até a cidade para passeios e compras.

A paisagem do entorno é exuberante, incluindo Áreas de Proteção Permanente (APPs), nascentes, muitas árvores; temos um espelho d'água logo na entrada, que dá um charme todo especial e encanta logo de cara os visitantes. A aproximadamente 100m da entrada passa um rio, onde tem uma ponte e é um dos pontos favoritos dos alunos, embora seja proibida pelo Estatuto, a ida ao lugar.

A propriedade está encravada numa encosta de montanha, então, as edificações ficam distribuídas em vários patamares, interligados por pequenos lances de escadas, devido ao terreno acidentado e, em meio às árvores e muitos jardins quase sempre floridos; costumamos dizer que trabalhamos no “Paraíso”.

O alojamento feminino com 5 apartamentos para 30 meninas fica em um desses patamares e o masculino com 20 apartamentos para 120 meninos, um patamar acima. Porém, com o aumento da demanda de meninas que querem residir na Etec, os 3 apartamentos da frente dos blocos masculinos foram destinados para elas.

No mesmo patamar da praça, temos as salas de aula e um caminho que leva à biblioteca, passando pela sala do SOE que fica em frente a um pequeno bosque, um lugar estratégico onde se escuta o burburinho e o trânsito intenso dos alunos nos intervalos e nas incansáveis idas à biblioteca ou a uma pequena cachoeira, que fica aos fundos da sala.

É neste cenário bucólico e cheio de encantos, que ocorre a nossa história com uma situação totalmente inusitada e desafiadora.

Para preservar a identidade da nossa personagem, a chamaremos de Ana. À época tinha 16 anos, dona de um sorriso largo mostrado através de dentes grandes e muito brancos; era muito magra e o que tinha de magreza tinha de falante. Tinha enorme facilidade para se relacionar e fazer amizades.

Naquele tempo, eu era responsável pelo alojamento e logo que ela chegou, trazida pelos pais, alojei-a num apartamento que ficava logo na entrada do bloco masculino. Era a primeira porta à direita de quem entra e tinha sido adaptado para receber alunos com necessidades especiais, mas, na falta deles, colocamos 6 meninas, entre elas, a Ana.



Como ia estudar de manhã e à noite, o período da tarde era livre. Assim, foi pedir estágio na diretoria, sendo colocada na “padaria”, que consistia numa grande cozinha, com mesas, fornos, fogão industrial, pia e utensílios. Ali eram preparados e servido nos recreios, os lanches, bolos, café, etc.

Era um dos lugares mais queridos pelos alunos, pois era de lá que saiam as guloseimas e os alunos que estagiam neste setor são sempre muito prestigiados, devido aos favorecimentos que podem oferecer. Em pouco tempo, Ana já era conhecida carinhosamente por todos como Aninha e transitava o tempo todo conversando com todo mundo; era a queridinha das tias da limpeza, dos vigilantes, das cozinheiras da terceirizada, mas isso não quer dizer que era muito florzinha não, é porque era comunicativa.

Aliás, tinha um temperamento muito difícil, caso algo não a agradasse, ia de zero a cem em 2 segundos, principalmente com professores. Não gostava que palpitassem sobre sua vida, suas roupas e suas atitudes e se algo não a agradava já soltava o verbo, dizendo logo o que achava da situação, colocando um ponto final na discussão.

Sua adaptação ao apartamento e às amigas de quarto foi imediata, era o melhor quarto da Etec, as meninas muito organizadas e estudiosas nunca causavam problemas.

Nossa convivência era normal, ela vinha sempre à minha sala para papear e sempre que tinha alguma reclamação de alguma coisa vinha pedir providências. De sexta-feira, seus pais vinham buscá-la de carro e vinham até minha sala para perguntar se estava tudo bem com a filha, como ela estava se comportando, coisas da rotina que os pais perguntam mesmo e, nesses momentos, às vezes conversávamos sobre a vida, os filhos, e em um desses dias, me disseram que haviam perdido um filho recentemente e sobre como sofriam por isso.

Em uma dessas conversas relataram-me o sofrimento de Ana, em relação à perda repentina e recente do irmão e que a escola estava fazendo muito bem pra ela pelo fato de estar longe de casa e, conseqüentemente, do cenário que lhe trazia mais lembranças. Os meses foram passando, um dia notei como a Ana tinha engordado um pouco e fiz uma brincadeira com ela no passeio, e falei que a coisa na padaria deveria estar boa, pois ela tinha ganhado uns quilinhos, foi o bastante para ela virar um “bicho”, ficou enrubescida, olhos arregalados e narinas dilatadas, se tornando agressiva, com uma fisionomia transtornada, palavras de baixo calão, me respondeu rispidamente me deixando um tanto assustada com sua reação. Foi difícil explicar que não era uma ofensa, apenas uma constatação até boa, já que ela era muito magra, mas, naquele momento não teve como adoçar a menina, pedi desculpas e encerrei o assunto para não ter conseqüências piores além de ânimos exaltados.

Lá pelo final do mês de setembro, uma das faxineiras veio conversar comigo e perguntou se eu não achava que a aluna estava grávida, pois estava engordando e tinha ouvido



de outras pessoas que a menina comia muito e vivia cheia de vontades pedia pizza e lanche à noite em estabelecimentos da cidade e a essa informação foram se juntando outras vindas da bibliotecária, de professoras, vigilantes, todos notando as transformações, mas, me sentia de mãos atadas, por medo da reação que a menina tivera tempo atrás.

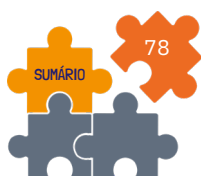
Mesmo com todo receio me vi novamente na necessidade de chamar a aluna para uma nova conversa e foi assim que ela veio até minha sala, calma, desarmada, pois inclusive já tinha passado algum tempo da primeira discussão e já havíamos refeito os laços da boa convivência e camaradagem. Comecei falando sobre a confiança que deveríamos ter uma na outra e, se caso ela precisasse de mim, que poderia contar. Enfim, para não ir direto ao ponto disse que vieram me falar da possibilidade de ela estar grávida e, claro, foi um barulho só. Ela queria saber quem foi, que iria tirar satisfação, etc. Acalmei-a e falei sobre as dificuldades da gravidez na adolescência, da necessidade de fazer um acompanhamento pré-natal, mas ela negou veementemente estar grávida.

Segundo a coordenadora do Núcleo de Atenção à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente do Conselho nacional de Secretários de Saúde - CONASS (2020), Vanessa Vieira, a gravidez na adolescência é um problema de saúde pública. “Os riscos à saúde da mãe e bebê são muitos, como prematuridade, anemia, aborto espontâneo, eclampsia, depressão pós-parto, entre outros”. É um problema de saúde pública, pois os riscos à saúde da mãe e bebê são muitos, como prematuridade, anemia, aborto espontâneo, eclampsia, depressão pós-parto, entre outros. Geralmente diante de uma gravidez na adolescência há perda de liberdade, o abandono dos estudos, a rejeição, o distanciamento dos amigos como também uma mudança no estilo de vida relacionada a essa idade. Existem algumas transformações devido à gravidez na adolescência tanto de forma individual como familiar e social.

Passado mais um mês, chamei-a novamente, pois notava que ela tinha mudado o tipo de roupa, usando camisetas mais largas. Mais uma vez ela negou e disse que iria me provar que não estava grávida e que se eu continuasse com essa conversa iria me processar.

Diante dos fatos, liguei para sua mãe, falei sobre a minha suspeita, ela falou para eu ficar tranquila que achava que estava tudo normal, não havia gravidez e que, nas férias, a levaria ao médico. Em final de novembro, Ana foi para casa, de férias, pois já tinha fechado todas as notas.

A gravidez é um período de grandes transformações para a mulher. Seu corpo se modifica, os níveis hormonais se alteram para a manutenção do feto. Com tantas novidades, essa fase pode acabar gerando dúvidas e sentimentos de fragilidade, insegurança e ansiedade na futura mamãe. Alguns dos principais temores são alterações do corpo, o medo de não ter uma criança saudável. Outros temores são relacionados ao feto e à função



de gerar, nutrir e parir. Tais temores podem desencadear fases de irritabilidade e de instabilidade de humor na grávida. Durante os nove meses de gestação, a mulher passa por mudanças fisiopsicológicas e requerem maior necessidade de afeto, carinho, cuidado e proteção.

Acredito que todas as suas necessidades afetivas foram canalizadas para as colegas de alojamento, que, sem dúvida nenhuma foram eleitas as guardiãs do segredo de Ana. Pelas movimentações das meninas em volta dela, eu sabia que estava sendo acolhida e isso me aliviava um pouco das preocupações. Por diversas vezes tentei falar com elas, mas, nenhuma me abriu o assunto.

Quando retornou das férias, nos primeiros dias de fevereiro, foi direto à minha sala com um atestado médico, afirmando ter ido ao médico e que era um cisto e ali estava a prova, não estava grávida. No entanto, o atestado comprovava somente que ela tinha passado por uma consulta médica, não a existência de um cisto, pois não constava nada disso no documento. Nesse momento, tive a certeza da sua gravidez negada com tanta veemência, mas que as evidências de seu corpo diziam totalmente o contrário: seu quadril mais largo, as mamas cheias, o nariz com as abas inchadas de final de gravidez, a barriga aparecia um pouco mais do que quando foi embora, mas o umbigo estufado por baixo da malha da blusa mostrava o que ela tanto queria esconder.

Diante do esforço de Ana para me convencer, peguei o atestado e coloquei no prontuário.

O burburinho na Etec era grande, os comentários fervilhavam para todo lado. As companheiras de quarto de Ana, fiéis à amiga e até certo ponto, privilegiadas por saberem a verdade e terem a certeza, que todo mundo queria ter em relação aos fatos, “se fechavam em copas”, sempre que indagadas sobre o assunto, sustentavam assim o “segredo”. Mal sabiam que estavam contribuindo para um desfecho desfavorável para a situação, pois as incertezas levavam a uma extrema falta de planejamento em relação à chegada de um bebê sem o preparo pré-natal para mãe e filho, falta de preparo para a família que iria recebê-los em casa sem ter providenciado tudo o que uma mamãe e um bebê precisam e também para nós da Etec, que teríamos que ter um mínimo de suporte para encaminhar um possível parto a qualquer momento.

No mesmo dia, falei com a diretora sobre o ocorrido e que eu achava que ela estava prestes a ter o bebê, pois os sinais evidenciavam isso. Combinamos de ficar alertas, mas sem invadir o espaço dela. Avisei os vigilantes sobre um possível socorro, caso ela viesse a precisar em horário que eu não estivesse em horário de trabalho. E ficamos todos apreensivos aguardando o momento dela.

No dia 22 de fevereiro, ao chegar à Etec por volta das 7h30min me deparo com uma Ana apavorada, pálida, de frente para o estacionamento, grudada com as duas mãos, em



um corrimão da rampa para deficientes, com um olhar de dor que não precisava falar mais nada. Eu olhei para ela e nem deixei que falasse nada, pedi que pegassem os seus documentos e que ela entrasse no meu carro. Só desci para avisar a diretora que a hora havia chegado.

Neste momento, tive uma mistura de sentimentos, raiva por ela ter escondido de mim e não ter confiado, nervoso pela situação dolorosa de Ana e, apesar de tudo, me senti extremamente necessária o que me fez brotar uma determinação monstra para conduzir a situação, com a certeza de que mais ninguém o faria. Entrei no carro e durante alguns minutos elevei meu pensamento a Deus e orei pedindo que me ajudasse a conduzir a situação da melhor maneira possível.

. As contrações eram muito fortes e Ana urrava de dor e se dobrava em direção ao chão do carro segurando o ventre e dizendo: - Ai Patrícia, eu vou morrer e eu tentava acalmá-la dizendo que logo tudo passaria.

No Pronto Atendimento, ao fazer sua ficha, falei que estava em trabalho de parto e ela retrucou mais uma vez. Entramos na enfermaria e foi pedido a ela que se deitasse na maca para consulta, neste momento o umbigo apareceu bem saliente na “batinha” branca que ela usava e, para sua surpresa e desespero, o enfermeiro levantou a dita roupa, o que fez que ela olhasse imediatamente para mim em desespero, com os olhos arregalados num misto de dor e vergonha, como se o seu segredo, com tanto esforço guardado, tivesse sido “desnudado” naquele exato momento. Ainda assim, mais uma vez, ao ser perguntada sobre o que sentia, falou do estômago novamente, aí eu falei para o enfermeiro que ela estava em trabalho de parto e que eu só precisava de um encaminhamento para levá-la ao Hospital da cidade vizinha, mas ele falou que não podia, pois tinha que ter certeza da gravidez, pedi então que ele fizesse um teste rápido, mas ele disse que não tinha o dispositivo ali e que se eu quisesse poderia comprar, então fui até uma farmácia e comprei o teste. De volta com o exame em mãos, ela relutou em ir ao banheiro comigo, mas tive que ser muito enérgica, dando uma bronca e quase a arrastando para o banheiro. Em poucos minutos estávamos diante do teste, com duas linhas bem- marcadas e o resultado tanto esperado: GRAVIDEZ CONFIRMADA. Diante da prova, o enfermeiro forneceu, enfim, o encaminhamento.

Assim, partimos para cidade vizinha, na qual moro, rumo ao Hospital Materno Infantil. Ao chegarmos, tentei pela primeira vez ligar para seu pai, pois ela havia me falado que a mãe tinha problema de coração e, se recebesse uma notícia dessas, de repente, poderia passar mal e morrer. O celular do pai estava fora de área e, por isso, ele não atendia. Ana disse que o pai, por ser motorista, poderia estar na estrada. Tentei muitas vezes, para que ele percebesse que era urgente.





No caminho, perguntei para ela sobre o pai da criança e sobre como os seus pais reagiriam ao fato. Nesse momento, ela ainda tentava negar a gravidez, mesmo diante dos fatos, meio às contrações e muita dor, disse que o pai da criança era casado e não podia dizer quem era; quanto a seus pais disse que iriam matá-la e que realmente não sabiam de nada até aquele momento

Chegando ao hospital, fomos encaminhadas ao consultório ginecológico e, quando a médica perguntou o que ela tinha, voltou a falar em dor de estômago, mas eu intervi e relatei resumidamente os fatos e o resultado do teste de gravidez. Durante a consulta, a médica fez um exame de toque vaginal, constatou que Ana já estava com 5 dedos de dilatação e a cabeça do bebê estava encaixada para sair. Neste momento Ana começou a chorar e disse que não poderia ter aquela criança, que os pais iriam matá-la e que ela não queria ser mãe, que não queria a criança e que queria deixar lá no hospital. A médica, piscando para mim em sinal de cumplicidade, disse que se ela quisesse mesmo abrir mão do bebê, que sua família poderia assinar um papel antes do parto ser feito, já que ela era menor de idade, deixando a criança para ser adotada por uma família que estivesse na fila de espera e que pudesse acolher e amar, como uma criança merecia.

A médica então nos encaminhou para a sala de ultrassom e ao passar o sonar pela sua barriga, disse que era um menino e que estava com aproximadamente 3,5 Kg, o coraçãozinho dele batia como um chicote, forte e ritmado. Neste momento de tanta emoção, dei uma piscadinha para a médica e falei do desejo de Ana de doar o bebê, e, para minha surpresa, Ana se expressou como uma leoa que defende a sua cria e disse com muita raiva, numa voz embargada, num misto de tomada de consciência e ternura, mas sem perder a peculiaridade arredia: “- Que vai dar filho, que nada. O filho é meu, quero ver quem vai tirar ele de mim. Quem quiser filho, que faça!” Foi uma emoção muito forte para todos e num misto de riso e choro, meus olhos marejaram de tanta emoção, era tudo que eu precisava ouvir naquele momento. Era o amor falando mais alto, era ternura do sentimento mais sublime da maternidade se sobrepondo o medo das consequências.

Ao sairmos do ultrassom, meu celular tocou, era o pai de Ana. Sem muito protocolo, falei para ele o que estava acontecendo e pedi que avisasse a mãe dela e que os dois viessem imediatamente para o hospital, pois seu netinho estava nascendo. Ele ficou surpreso, disse que eles realmente não sabiam e começou a chorar. Expliquei sobre os trâmites burocráticos que eles precisavam tomar conhecimento, mas que eu já havia adiantado tudo diante da urgência da situação. Aproveitei também para ligar para a Etec, passar os informes e solicitar que fizessem uma arrecadação de dinheiro para que pudessemos ajudar na compra de roupas e fraldas.

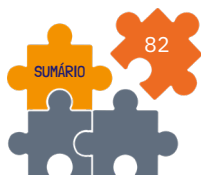


Assim, de ultrassom em mãos, que mostrava a posição da criança no ventre da mãe, o tamanho, etc, fomos encaminhadas para a sala de pré-parto. Ana deu início à preparação para um parto normal, segundo a médica, as condições da mãe e do bebê estavam propícias para esta prática; assim, foram instalados os aparelhos de monitoramento para a mãe e para a criança e foi aplicada uma injeção para estimular as contrações uterinas e acelerar o parto. Intirei-me de toda a situação com as enfermeiras e fiquei ao lado de Ana observando tudo e amparando-a com palavras de conforto e motivação para que suportasse a dor, pois eu sabia como eram intensas e o quanto era importante ter alguém do lado. As contrações eram cada vez mais fortes e faziam com que ela se contorcesse e urrasse de dor. Conforme a dor apertava, ela apertava a minha mão com tanta força a ponto de torcer meu braço, me levando para junto dela.

Em um momento de silêncio, entre uma contração e outra, chegaram os pais de Ana. O pai, com olhos inchados de tanto chorar, mas compreensivo da situação, trazia a mãe pela mão, muito nervosa, também com os olhos de choro, mas enfurecida por ter sido enganada. Ela perguntava: “- minha filha, como você fez uma coisa dessas com a gente? Como essa criança vai nascer sem nada? Não tem uma fralda, uma roupinha, nada. Eu poderia ter comprado tudo e você me escondeu isso?” Eu tentei acalmá-la e disse que naquele momento o mais importante era manter a serenidade e aguardar a chegada da criança e, depois, veríamos a questão do que seria necessário adquirir. Disse ainda que o pessoal da escola iria fazer uma coleta de dinheiro, para ajudar na aquisição do necessário para o bebê. Sugeri que a mãe ficasse com a menina ali. Mas ela estava muito nervosa e pediu que eu ficasse. Assim, pai e mãe saíram e eu continuei ali, naquela tarefa, tão difícil, mas ao mesmo tempo tão sublime, de amparar um ser a trazer outro à vida.

As contrações aumentavam, e eu orientava Ana a fazer mais força neste momento para que o bebê saísse, mas em meio a tanta dor ela apenas chorava e nem sinal de um de evolução do parto. Em um determinado momento, após uma contração muito forte, o monitor do coração do bebê deu uma acelerada muito forte. Neste momento, olhei por baixo do lençol, vi uma mancha escura, esverdeada, eu sabia se tratar de mecônio e que indicava que o feto estava em sofrimento. Chamei imediatamente a técnica de enfermagem responsável pelo setor e mostrei a mancha, pedi que ela escutasse o batimento cardíaco do bebê, mas ela disse que era normal. Eu, no entanto sabia que não era, saí pelo corredor e fui até a médica que havia encaminhado o parto, ela veio, olhou e pediu que chamassem o anestesista, pois iam fazer uma cesariana de emergência.

Foram minutos que pareciam horas. Muito sofrimento e dor, só nos restava orar e esperar. Eu segurando a mão de Ana a cada contração e escutando os batimentos sofridos do coraçãozinho do bebê, foi uma experiência muito dolorida, mas a minha fé não me



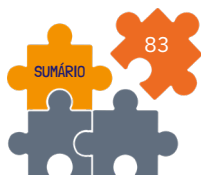
abandonou um momento sequer. Mais uma vez roguei a Deus pela vida de Ana e do Bebê. Pedi que iluminasse as ações dos médicos e enfermeiros para que tudo tivesse um desfecho rápido, pois, com a demora, temia muito pela vida dos dois.

Em determinado momento, o médico que faria o parto entrou no quarto e perguntou quem iria acompanhar Ana na sala de cirurgia, então desci correndo e fui perguntar para a mãe dela, se queria acompanhar, pois era permitido, mas a mãe não quis e pediu para eu ir.

Avisei ao médico que eu seria a acompanhante. Enquanto Ana era anestesiada, a enfermeira me ajudava na paramentação. Foi um momento de alívio, pois a anestesia acalmou Ana e retiraram o monitoramento do bebê. Eu fiquei na cabeceira da cama segurando e acariciando a mão dela, passando a segurança que ela precisava ter naquele momento, e ela, não me soltava por nada. Era a primeira vez que participava de um parto que não era o meu. Fiquei fascinada com toda a condução da equipe e pude prestar atenção e entender cada detalhe do processo. Uma música suave foi colocada bem baixinho e nela dava para ouvir um canto de passarinho. De onde eu estava, visualizava o rosto de toda a equipe, pois eu estava em pé na cabeceira da cama e a equipe nas duas laterais e nos pés da parturiente. Ana não via nada, só a mim. Um “biombo” de lençóis impedia sua visão. Eu pedia calma e falava que estava tudo bem e logo o bebê nasceria. A equipe médica conversava sobre pescaria, rio, barco e sobre o canto do passarinho na música, e no meio de tudo, os pedidos de instrumentos: “passa isso, passa aquilo.”

De repente o semblante de toda equipe mudou e todos olharam para mim. O médico tirou o bebê e passou para as mãos da enfermeira, que o levou para outra mesa e foi seguida por outras pessoas. Eu não conseguia visualizar o que ocorria lá, nenhum barulho foi ouvido, nem o tradicional choro, um silêncio total pairou na sala de cirurgia. Os médicos de cabeça baixa encerrando os procedimentos, costurando a cirurgia. Meu coração já se preparava para o pior, continuei segurando a mão de Ana e rezava baixinho pedindo a Deus pela vida da criança. Passaram-se uns cinco minutos, quando, de repente, ecoou um grito de bebê que inundou toda a sala. Um suspiro em uníssono escapou embaixo das máscaras de toda a equipe, os olhos deles sorriram e as brincadeiras continuaram, agora, perguntando sobre o nome que a mamãe daria ao bebê, que time que iria torcer e amenidades do tipo.

Ao final do parto, me encaminharam para conversar com a assistente social do hospital. A essa altura todos já sabiam das peculiaridades que envolveram aquela gravidez e o parto. Conteí a história e as circunstâncias da chegada do bebê, e o fato de a mãe não ter nenhuma roupinha, nada mesmo para colocar no bebê. Ela então disse que o hospital dispunha de um roupeiro para essas eventualidades e que eu poderia ir lá e escolher o que eu quisesse para ele. Tinham de tudo, desde fraldas, macacões, sapatinhos, tudo mesmo, coisas novas e usadas. Escolhi o que tinha de melhor e levei para que o bebê fosse vestido.



Quando voltei, Ana já estava no quarto, com o bebê enroladinho e os avós babões papricando a filha e o neto. Me despedi temporariamente deles e retornei para Etec, pois já tinham me avisado que realizaram a arrecadação.

Com o dinheiro da arrecadação fui até uma grande loja e comprei um pouco de tudo que uma criança precisa, inclusive o carrinho. No hospital, foi um momento muito emocionante, ao entregar os presentes para Ana e o bebê, fui convidada para ser madrinha. E claro, aceitei. Os pais me agradeceram muito pelo que fiz pela filha deles e agora, mais calmos, conversamos sobre os acontecimentos anteriores ao desfecho presenciado por eles.

Alguns dias depois, chegaram à escola a Ana com o bebê, seus pais, e o pai do bebê, tinham acabado de ir registrá-lo. Ao contrário do que tinha me falado na hora do desespero, o pai era mocinho novo, como ela, solteiro e muito bonito. Me contou que eles tiveram um namorico, mas que ela escondeu a gravidez dele também, mas que já haviam conversado e que ele e sua família aceitaram o bebê e que iriam ficar juntos. Foi um desfecho melhor do que o esperado. Os pais de Ana estavam apaixonados pelo menino e agradecidos a Deus por ter enviado um presente para eles após tanto sofrimento com a perda do filho, anos antes.

Realmente, esta não é a melhor maneira de se trazer alguém à vida. Sem planejamento, sem acompanhamento, sem apoio. Em muitos momentos eu me perguntava como foi todo esse processo para Ana, quanta solidão ela sentiu, a falta de ser apoiada, acarinhada, atendida nos seus sintomas de grávida. Quantos medos ela passou. Seus pais sempre se mostraram pessoas compreensivas e, principalmente, amorosas. Ela era a filha caçula, única menina, muito amada por eles, e, por isso, eu não entendia o porquê de ela ter escondido a gravidez, mas o meu papel na história não era de buscar explicações, era de apoiar, de estar ali, presente para o que acontecesse e acho que fiz o que tinha que ser feito.

## REFERÊNCIAS

VIEIRA, Vanessa. **Saúde alerta para riscos da gravidez na adolescência.** CONASS – Conselho nacional de Secretários de saúde - 10 de fevereiro de 2020. Disponível em <https://www.conass.org.br/saude-alerta-para-riscos-da-gravidez-na-adolescencia/> . Acesso em: 04 jun. 2020.





# A VIDA REFLETIDA NA ESCOLA

*Regiane Moraes Silva*<sup>17</sup>

Amor de pai e de mãe não se resume em gerar,  
Quem gera nem sempre cuida, Mas quem ama vai cuidar...

(Bráulio Bessa)

Em 2019, no mês de fevereiro, assumi a função de Orientadora Educacional na Etec de São José dos Campos. Esta função era intrigante e desafiadora. Depois de 9 anos na função de coordenadora de projetos na supervisão regional havia desejado retornar à escola com o objetivo de atender e orientar os alunos em geral, desenvolver práticas integradoras e dinâmicas gerais, apoiando o desenvolvimento dos discentes em diversos aspectos, acompanhando e dando o suporte necessário aos problemas vivenciados por eles.

Resolvi contar esta história porque causou grande comoção em todos os envolvidos. Mas o motivo principal foi demonstrar observações realizadas sobre a influência das relações familiares no desempenho escolar dos alunos, pois cada aluno traz consigo para a sala de aula as angústias, tristezas e frustrações, principalmente neste caso que envolve a relação de pai e filha.

17. Etec Profª Ilza Nascimento Pintus



Essas observações já realizava desde a época em que era professora e coordenadora do ensino médio.

Maria Cecília era uma excelente aluna no primeiro ano do curso integrado em Automação Industrial no qual estava matriculada na Etec. No segundo ano, ajudava-nos em projetos realizados pela escola, desempenhava um excelente trabalho nos componentes curriculares do seu curso e participava de um projeto de monitoria de classe em alguns componentes curriculares em que os colegas tinham dificuldade com Matemática, Física e Química. Apoiava sempre a escola, colocava-se à disposição para ajudar sempre nos horários que tinha livre.

No segundo ano que cursava, em 2019, nos deu a notícia da separação dos pais; descreveu que eles não estavam bem juntos, parecia que o pai não se interessava mais por ela e seus problemas; tinha sempre muito trabalho e, às vezes em que ficava em casa, bebia um pouco e não dava atenção para a família.

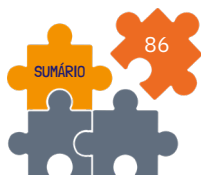
A aluna dizia que se sentia muito triste por tudo que estava acontecendo. Nós já não sentíamos nela aquela animação e alegria que lhe era típica, aquela preocupação em ajudar a todos e outros traços marcantes da sua personalidade super amigável e colaborativa. Quando conversávamos, ela descrevia os acontecimentos com muita dor no olhar. E sempre emocionava-se com muitas lágrimas ao contar o convívio familiar em decadência.

Chegou a um ponto de não conseguir apresentar um trabalho, no qual havia realizado sua parte com muito esforço, devido à fragilidade emocional para fazê-lo. Conversei com a professora sobre o ocorrido, para que ela recebesse uma nova oportunidade. A apresentação do trabalho ocorreu na semana seguinte após conversarmos longamente.

A minha intenção era confortá-la e fazê-la refletir sobre a sua situação neste contexto. Até que, Maria Cecília concluiu que seria melhor segurar as emoções porque não tinha mais o que ela pudesse fazer, se continuasse assim seria muito prejudicada. Com isso, a aluna conseguiu concluir o seminário.

Ela continuou com um bom desempenho naquele ano, mas com um olhar entristecido desde o momento que nos deu a notícia da separação dos pais. Conversávamos muito, a aluna contava-me sobre as dificuldades que tinham em casa; sobre sua mãe procurar por trabalho e tentar recomeçar a vida profissional.

Logo no início de 2020, a aluna já estava no seu terceiro ano do curso na Etec, quando tivemos uma visita de um oficial de justiça que pediu para falar com Maria Cecília. Conversei com ele para me informar sobre o que se tratava, ele disse que trazia um documento que precisava ser assinado pela aluna Maria Cecília.



No dia em que recebemos a visita do oficial de justiça estávamos com muito receio sobre o assunto, pois ele disse que trouxera uma intimação para entregar à aluna. Ficamos em dúvida como proceder porque este caso nunca havia acontecido na escola. Conversamos com a Diretora de Serviços Administrativos que é advogada, para nos auxiliar com relação ao procedimento. E ela orientou a chamar a discente na sala de aula para receber a intimação, pois ela era maior e poderia receber o documento.

Fui até a sala dela com muita discrição para não constranger a aluna. Maria Cecília desceu comigo as escadas e fui explicando sobre o oficial de justiça, chamei os dois para a sala da Orientação Educacional, onde conversaram por alguns minutos na minha presença. O oficial declarou, como a aluna descreveu, que estava acompanhado por um policial caso ela se recusasse a assinar. Em seguida, a aluna assinou o documento e começou a chorar muito, pois o pai tinha a intenção de retirar a pensão devido à sua maioridade.

Foi um momento traumático para ela, pois não conseguia controlar suas emoções. A mãe foi informada na hora sobre o ocorrido e a aluna ficou comigo até se acalmar e se recompor. Retornou para a aula depois de 2 horas aproximadamente. Preferiu continuar na escola até o término das aulas daquele período.

Após a conversa, a aluna emocionou-se bastante e depois contou que se sentiu constrangida, pois os colegas ficaram perguntando o que havia acontecido. Foi um dia muito tenso, causando preocupação em toda a equipe escolar.

Consultando a legislação vigente sobre o assunto, as decisões não são tão simples, pois, quando falamos de pensão alimentícia paga aos filhos, é muito comum ouvirmos comentários de que a pensão deve ser paga até o filho completar a maioridade, ou seja, 18 anos. No entanto, não é bem assim. Esta pensão deve continuar aos filhos maiores e capazes que estão em formação escolar ou em faculdade (BARONE, CABRAL e CARVALHO, 2016).

No início da pandemia, o desempenho de Maria Cecília manteve-se estável. A aluna mantinha boas notas. Mas, na medida em que o tempo foi passando e o isolamento social afetando profundamente as relações interpessoais, houve uma queda vertiginosa no desempenho escolar. Segundo a mãe, ela não conseguia manter-se atenta nas aulas on-line; ficava dispersa.

Devido aos sintomas que ela apresentava, como, tristeza, choro constante, falta de apetite e apatia, a mãe levou Maria Cecília ao médico e ela foi diagnosticada com depressão e ansiedade.



F41.2 Transtorno misto de ansiedade e depressão Estado em que o sujeito apresenta, ao mesmo tempo, sintomas ansiosos e sintomas depressivos, sem predominância nítida de uns ou de outros, e sem que a intensidade de uns ou de outros seja suficiente para justificar um diagnóstico isolado. Quando os sintomas ansiosos e depressivos estão presentes simultaneamente com uma intensidade suficiente para justificar diagnósticos isolados, os dois diagnósticos devem ser anotados e não se faz um diagnóstico de transtorno misto ansioso e depressivo. É sinônimo de depressão ansiosa (leve ou não-persistente) (CID-10, 2014).

Por muitas vezes tentei conversar com ela, mas, Maria Cecília tentava evitar conversas. Eu não conseguia reconhecer aquela menina alegre, criativa, sempre pronta a ajudar, que agora tentava evitar a todos; inclusive suas amigas. Aquela aluna, que muitas vezes me procurava para conversar, agora evitava responder às minhas mensagens.

Com a ajuda de medicação, ela começou a melhorar sensivelmente e desta forma foi possível apoiá-la em muitos pontos. Conversamos com coordenador de curso e professores sobre o caso dela e foi possível toda a equipe ajudá-la, no sentido de motivar para a realização das atividades e acompanhar passo a passo seu progresso, lento, mas importante.

Após muitas conversas e um acompanhamento da escola em conjunto com a família (mãe), Maria Cecília conseguiu recuperar e concluir o Curso Técnico em Automação.

Segundo a mãe, Maria Cecília agora está fazendo cursinho numa entidade organizada pelo ITA, na cidade de São José dos Campos.

Fica muito claro a influência da família e dos conflitos familiares no desempenho escolar do aluno. E, neste momento de pandemia, com aulas on-line, tudo se intensificou ainda mais, pois, os integrantes da família precisam conviver dia após dia juntos.

A música Trem Bala (2016), da compositora e intérprete Ana Vilela Costa, de forma muito sensível esboça a importância de se sentir querida e protegida:

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si.

É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti. Não é sobre chegar no topo do mundo, saber que venceu. É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu...

A gente não pode ter tudo.

Qual seria a graça do mundo se fosse assim?...

Com toda essa adversidade familiar, com certeza Maria Cecília sairá fortalecida e, no futuro, entenderá melhor tudo que está passando agora.





Já sabíamos a importância e relevância do bom convívio familiar dos alunos, mas não imaginávamos o quanto isso influenciaria no bem-estar físico e mental dos mesmos. O caso de Maria Cecília foi mais um diante de muitos, que temos presenciado nas escolas, pois quando bons alunos, sem motivos aparentes, começam a mudar de conduta, em grande parte dos casos, ao fazer uma breve investigação junto à família, percebemos a ocorrência de problemas familiares.

O papel da escola neste momento será sempre apoiar o aluno com a atenção e o carinho necessários, para que ele consiga superar este período turbulento da sua vida, sem maiores prejuízos.

## REFERÊNCIAS

BARONI, Arethusa Baroni; CABRAL, Flávia Kirilos Beckert; CARVALHO, Laura Roncaglio. **Filho(a) maior de 18 anos pode continuar a receber os alimentos?** 2016. Disponível em: <<https://direitofamiliar.com.br/>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

BESSA, Bráulio. **Dar à luz.** 2019. Disponível em: <<https://www.tudoepoema.com.br/braulio-bessa-dar-a-luz/>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

**Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento:** CID-10. Porto Alegre: Artmed, 2014.

COSTA, Ana Carolina Vilela. **Trem Bala.** Rio de Janeiro: Gravadora SLAP da Som Livre (3,0 Min.), 2017.





# INCLUSÃO: APRENDIZADO PARA TODA A COMUNIDADE ESCOLAR

*Renata Aparecida Rodrigues Ferreira Dias*<sup>18</sup>

A inclusão é uma construção, um aprendizado contínuo, que requer formação, informação e comprometimento de todos para com essa proposta. Nesse sentido, é sempre bom ter em mente, a partir desta investigação, que não há formação e prática definitivas: há um processo de criação constante e infindável, necessariamente refletido e questionado, reconfigurado.

(SANTOS)

Meu nome é Renata Aparecida Rodrigues Ferreira Dias, leciono há 15 anos e atuo como Orientadora Educacional há 7 anos em uma Etec numa cidade do interior de São Paulo. Essa função me trouxe muitos aprendizados e desafios dos quais escolhi um, dentre vários especiais que vivenciei, para relatar aqui.

A inclusão de alunos deficientes foi a vivência que me trouxe mais aprendizados no campo profissional e pessoal, pois me transportou para o lugar do aluno e me fez entender suas dificuldades e vontades. Esse exercício de empatia é muito importante para o crescimento e evolução do ser humano.

18. Etec Professor Rodolfo José Del Guerra



A empatia faz parte da nossa evolução. E não se trata de um comportamento recente, mas de uma capacidade inata e muito antiga. Valendo-se de sua sensibilidade automática para as expressões faciais, corporais e vocais, os humanos empatizam desde o primeiro dia de vida (DE WAAL, 2010 p. 289).

E esse exercício de empatia, de colocar-se no lugar do outro, que torna o caso narrado aqui tão especial. Trata-se da inclusão de dois alunos deficientes visuais. O primeiro discente matriculado mostrou que a inclusão estava sendo significativa e influenciou para que o segundo viesse para nossa escola.

O primeiro, Ricardo, é deficiente visual total. Ele foi perdendo a visão aos poucos durante seu desenvolvimento, até que ficou sem a visão por completo aos 21 anos. Ricardo tinha miopia, depois apareceu o glaucoma que gerou um derrame e resultou na cegueira. Porém, trata-se de um rapaz praticamente independente nas suas ações. Participa de programas oferecidos pela prefeitura da cidade, que estimulam a inserção do indivíduo deficiente em várias ações no seu dia a dia, por exemplo, esportes, estudos etc. Ele pratica esporte e participa de vários campeonatos regionais e nacionais. Essa prática lhe trouxe muita autonomia.

Para a inclusão desse primeiro discente, coloquei em prática alguns ensinamentos que recebi das capacitações oferecidas pelo Centro Paula Souza (CPS) sobre o tema inclusão. Também recebi algumas indicações de leituras, por exemplo, como me direcionar ao aluno deficiente visual, quais os termos utilizados hoje em dia e a melhor maneira para auxiliá-lo a caminhar pela escola. Inclusive a questão do “caminhar pela escola” me preocupava muito, pois estou falando de uma Etec colossal. Da portaria até a entrada da escola, existe uma área externa bem ampla com um caminho central, muitos bancos e área verde. Na parte interna, além do térreo, contamos com mais 3 andares com vários lances de escada. Mas possuímos o elevador que, com toda a certeza, foi importantíssimo para facilitar a locomoção do aluno que estudava no 2º andar.

Assim que recebi Ricardo na escola, no curso de Administração, fiz uma entrevista para que ele pudesse me relatar suas necessidades enquanto aluno. Na minha opinião, esse procedimento que conheci em uma das capacitações é um dos momentos mais eficientes e importantes da inclusão, pois é quando o aluno se abre para relatar suas angústias, seguranças e inseguranças, certezas e incertezas. Ricardo explicou com detalhes quais eram suas deficiências e experiências vivenciadas e se haviam dado certo ou errado em outras situações de aprendizados anteriores à Etec.

Relatou que a bengala utilizada também o ajudava muito e que as pessoas não precisavam pegá-lo pela mão ou braço para conduzi-lo pela escola, simplesmente bastava avisá-lo e projetar o braço para que ele próprio segurasse. Isso eu já havia aprendido e foi reforçado por ele.



Outra informação muito importante foi a autodescrição. Trata-se da prática de dar muitas informações minuciosas ao que se está falando e descrever com detalhes a imagem que está sendo apresentada. Inclusive é muito importante e necessário que essa entrevista seja refeita algumas vezes para verificarmos o que está dando certo e o que precisa de ajustes. O feedback do aluno sempre foi muito importante.

Mediante a entrevista com o aluno, identifiquei alguns pontos relevantes e solicitei à coordenadora de Inclusão do CPS tecnologia assistiva. Depois de algum tempo, a escola recebeu um escâner maravilhoso. Uma de suas várias funções, depois da folha escaneada, era emitir um áudio de todo o conteúdo. Então o aluno poderia escutar toda a história de um livro ali na hora ou, ainda, através de um pendrive salvar o arquivo e escutar em qualquer hora ou lugar, por exemplo.

Eu realizei um treinamento com o aluno com o intuito que ele tivesse autonomia para utilizar o equipamento sozinho. Combinamos um horário na biblioteca, lugar onde o equipamento estava instalado, e fui explicando cada detalhe. Primeiro ele identificou o espaço em que o escâner ficava. Depois pôde sentir cada parte do equipamento: o controle remoto, o painel de controle no equipamento, o espaço para colocar o pen drive etc. Depois que identificou cada detalhe físico, comecei a explicar o processo para o escaneamento. Repassei algumas vezes para que ele mesmo pudesse fazer sozinho. Ele aprendeu muito rápido.

Certa vez, Ricardo participou de um evento da cidade e citou a escola de uma forma muito carinhosa e o trabalho de inclusão que era feito e o equipamento que foi disponibilizado a ele. Também falou da relação respeitosa e produtiva entre professores e alunos. Através dessa ação ficou claro que o aluno se sentia acolhido e que a inclusão realmente acontecia na Unidade Escolar.

Depois de alguns semestres, matriculou-se no mesmo curso de Ricardo, o Fabiano. Ele é deficiente visual e enxerga muito pouco, apenas vultos. Consegue andar sozinho sem o uso de bengala, por exemplo, mas não consegue enxergar a escrita na lousa e nos livros.

Nesse caso, o processo de inclusão foi mais tranquilo, pois um dos aparelhos que Ricardo utilizava, o escâner, também era adequado ao Fabiano. Mesmo assim solicitei mais uma tecnologia assistiva, a Lupa Eletrônica. Trata-se de um aparelho que possibilita ao discente tirar fotos da lousa, de livros e imagens e, em seguida, ampliar ou mudar as cores, o contraste, adequando o material da aula as suas necessidades visuais.

Ambos os alunos cursavam o Ensino Técnico à noite e, por diversas vezes, o aluno Fabiano se dirigia à escola durante o período da manhã ou da tarde para fazer uso do escâner e do computador. Ficava na biblioteca por horas.



A grande realização que eu tive foi saber que a passagem do aluno Ricardo pela Etec estava sendo satisfatória, já que ele foi exemplo e incentivou para que o Fabiano também viesse estudar em nossa escola. Fabiano também participava dos eventos esportivos e esteve presente na apresentação em que Ricardo falou sobre sua inclusão escolar. Fabiano e Ricardo comentaram com um professor da Etec que antes não se sentiam motivados a estudar, já que suas experiências em outras escolas não haviam sido boas e não existia inclusão. Em muitos momentos se sentiam deixados de lado. Assim Fabiano se sentiu motivado a estudar na Etec também. Ambos tinham um sentimento de pertencimento à escola.

Depois de formado no curso Técnico em Administração, tive a alegria de receber a visita de Fabiano na Etec, mas agora como estudante da Faculdade de Administração. Ele me procurou para saber detalhes sobre o processo de inclusão que aplicamos a ele. Ele estava pensando em conseguir aplicá-lo na faculdade, já que os aparelhos que ele havia utilizado realmente foram essenciais em sua passagem pela escola para um efetivo ensino-aprendizagem. Hoje ele já está terminando a faculdade em Administração.

Toda essa história demonstra que podemos fazer a diferença nas vidas das pessoas, de forma positiva ou negativa. Espero que todos que passem pela Etec possam vivenciar pontos positivos. Este é um legado que temos que deixar quando verdadeiramente trabalhamos com uma educação inclusiva.

## REFERÊNCIAS

DE WAAL, F. **A era da Empatia**: Lições da natureza para uma sociedade mais gentil. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, T. C. C. **Educação Inclusiva**: Práticas de professores frente a Deficiência Intelectual. 2012. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14539/1/TeresaCCS DISSERT. pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2021.





# LIDANDO COM A DIVERSIDADE

*Rita de Cassia Padula*<sup>19</sup>

O conhecimento está sempre se transformando. Isto é, o ato de saber tem historicidade, então o conhecimento de hoje sobre alguma coisa não é necessariamente o mesmo amanhã. O conhecimento transforma-se à medida que a realidade também se movimenta e se transforma. Então a teoria também faz o mesmo. Não é algo estável, imobilizado.

(Paulo Freire)

O exercício da Orientação Educacional traz muitas vezes situações para as quais não estamos preparados, não temos informações no momento em que a situação ocorre, e ainda nos traz o desafio de corrermos atrás das informações e adequarmos as práticas da escola à situação surgida.

E foi em um cenário desses, de situações desafiadoras, que apareceu em minha sala um aluno muito nervoso, quase chorando, falando alto e gesticulando nervosamente, dizendo que era trans, que queria mudar seu nome civil, Janaína, para o nome social Vítor. Disse ainda que foi à Secretaria da escola e os funcionários que o atenderam falaram que isso não era possível. Conforme gritava, sua face enrubescida indicava que ele estava bem

19. Etec Conselheiro Antônio Prado



próximo do que costumamos chamar de descontrole emocional. Ele exigia que a mudança de nome fosse feita na mesma hora. Eu disse para ele que não sabia se isto era possível, que nunca tinha tido contato com essa situação, o que serviu para deixá-lo ainda mais irritado e isso fez com que o adolescente me dissesse que eu já deveria saber sobre os direitos dos transexuais.

## NOMES NESTE TEXTO

Nomes civil e social fictícios visando preservar a identidade do aluno.

A situação era tensa, mas aos poucos consegui acalmá-lo, acolhendo-o e mostrando minha vulnerabilidade. Contei para ele que nunca tinha passado por aquela situação na escola e que, embora fosse um assunto muito importante, eu não sabia nada mesmo sobre essa questão de mudança de nome civil para social em escolas, pois isto era ligado ao setor jurídico e não ao pedagógico. Acabei por dizer, ainda, que não me sentia na obrigação de saber sobre tudo, que meu cargo envolve aprendizado contínuo e que iria pesquisar, buscar mais informações para orientá-lo e tentar resolver a situação. Falei também que eu era solidária a ele e solicitei que me desse uns dias para tentar resolver a demanda. Vítor percebeu minha sinceridade e que realmente estava com muita vontade de ajudá-lo e acabou saindo mais calmo de minha sala.

Busquei respaldo em documentos legais para dar suporte à demanda do aluno e encontrei o Decreto Federal nº. 8.272/2016 de 28 de abril de 2016, o qual transcreverei parcialmente aqui:

Art. 1º Este Decreto dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

Parágrafo único. Para os fins deste Decreto, considera-se:

I - nome social - designação pela qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida; e

Art. 2º Os órgãos e as entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, em seus atos e procedimentos, deverão adotar o nome social da pessoa travesti ou transexual, de acordo com seu requerimento e com o disposto neste Decreto.

Art. 3º Os registros dos sistemas de informação, de cadastros, de programas, de serviços, de fichas, de formulários, de prontuários e congêneres dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional deverão conter o campo “nome social” em destaque, acompanhado do nome civil, que será utilizado apenas para fins administrativos internos.



Art. 4º Constará nos documentos oficiais o nome social da pessoa travesti ou transexual, se requerido expressamente pelo interessado, acompanhado do nome civil.

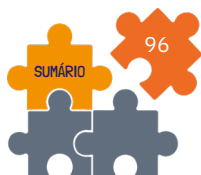
Art. 6º A pessoa travesti ou transexual poderá requerer, a qualquer tempo, a inclusão de seu nome social em documentos oficiais e nos registros dos sistemas de informação, de cadastros, de programas, de serviços, de fichas, de formulários, de prontuários e congêneres dos órgãos e das entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

De posse destas informações, fui conversar com o Diretor da Unidade Escolar, para que ele me ajudasse a resolver a situação. Ele aceitou a demanda e autorizou que a Secretaria da escola trocasse o nome do aluno de Janaína para Vítor. Comuniquei o aluno, que ficou feliz com a notícia e foi à secretaria providenciar a mudança de nome.

Convém dizer que Vítor tinha o apoio dos responsáveis para a mudança de nome, mas, por ser menor de idade, ele não tinha, na época da solicitação feita à escola, a documentação civil com a alteração de seu nome e, devido a isto, expliquei para ele que toda a documentação oficial emitida pela escola sairia com o nome civil dele e que a mudança de nome constaria apenas nos documentos internos da Unidade Escolar. Porém, poucos dias depois, ele procurou novamente a Secretaria da escola, dizendo que queria mudar o nome de Vítor para Vih. Alegou ser um nome neutro, porque, naquele momento, ele se via não binário e queria um nome que correspondesse às suas necessidades. O pessoal da Secretaria ficou muito irritado, porque em pouco mais de uma semana teria que mudar o nome dele mais uma vez e recusou-se a fazer a mudança. Isto gerou uma grande discussão entre o aluno e os funcionários envolvidos, e fui chamada para mediar a situação.

Consegui convencer o aluno a ir a minha sala para podermos conversar com calma, já que ele estava extremamente nervoso e agressivo devido à frustração com a negativa dos funcionários envolvidos. Acho importante salientar que nunca houve má fé de nenhum funcionário ou ainda qualquer tentativa de humilhar o aluno, o que havia é falta de conhecimento para lidar com a situação. Assim como eu, nossos funcionários também não tinham informações sobre os direitos dos transexuais. O Centro Paula Souza, à época, até onde eu tenho conhecimento, não havia dado capacitações para nos ajudar a lidar com essa temática tão importante. Esta é uma típica situação em que nos damos conta da importância da capacitação continuada de professores e funcionários administrativos sobre temas de relevância para a comunidade escolar.

Enfim, mais uma vez acolhi o aluno e falei que iria atrás de resolver a situação. Tive que conversar novamente com o diretor e coordenadores. Fui até a Secretaria, com a anuência da direção, falar para que o nome do aluno fosse mudado novamente, desta vez para





Vih, como solicitado por ele. Claro que os funcionários da Secretaria não gostaram muito disso, mas a gestão escolar, ouvindo minhas argumentações, acabou concordando por priorizar o direito e o bem-estar do aluno.

Foi um processo de intensos debates, idas e vindas da sala da direção, da Secretaria, porém, graças a isso, o jovem percebeu que poderia confiar em mim, entendeu que eu estava acessível, com vontade de aprender mais sobre esta temática buscando soluções que acolhessem a diversidade.

Após o episódio aqui relatado, recebemos outros alunos trans na escola, conseguimos acolhê-los e, já de imediato, trocar seus nomes civis para nomes sociais. Hoje em dia, a mudança de nome civil para nome social deixou de ser encarada como um “problema” e passou a ser uma prática corriqueira, que atende às necessidades de nossos alunos, integrando-os à comunidade escolar com acolhimento e respeito à diversidade.

Paulo Bessa (2017), cordelista brasileiro, expressa com sua linguagem simples a importância de aceitar a diversidade:

DIVERSIDADE: Seja menos preconceito, seja mais amor no peito  
Seja amor, seja muito amor. E se mesmo assim for difícil ser  
Não precisa ser perfeito Se não der pra ser amor, seja pelo menos respeito.

Em um mundo de tantos conflitos, com tantas necessidades a serem atendidas, certamente muito já se faz quando respeitamos o outro. Melhor faríamos se, além de respeitar, fôssemos empáticos e solidários e tivéssemos mais amor pelo próximo.

## REFERÊNCIAS

BESSA, B. **Diversidade**. In: CURITIBA. DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS. Semana Pedagógica 2018. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem\\_pedagogica/julho\\_2018/anexo1\\_poema\\_diversidade\\_v2.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2018/anexo1_poema_diversidade_v2.pdf)>. Acesso em: 02 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto nº. 8.272** de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. 2016. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm)>. Acesso em: 02 jul. 2021.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.





# UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO

*Roseli Fernandes Rocha*<sup>20</sup>

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

(Madre Teresa de Calcutá)

Várias foram as histórias de alunos e professores que acompanhei na função de Orientadora Educacional durante esse momento pandêmico que estamos vivendo. No ensino remoto, o professor demonstrou que o seu papel é mais do que ensinar, é possibilitar aos alunos acesso aos recursos tecnológicos e utilizá-los como ferramentas para troca de ideias e experiências.

Foi preciso enxergar novas possibilidades de como compartilhar o conhecimento, quais tecnologias utilizar, o que substituiria o quadro de giz, os livros impressos, cartazes e o projetor. Assim como para o aluno foi necessário aprender a estudar de uma outra maneira, resultando para todos diversos desafios a serem vencidos. Essa relação professor e aluno retrata o pensamento de Freire (1996), “o professor além de ensinar, passa a aprender, o aluno além de aprender, passa a ensinar”.

20. Etec Dr<sup>a</sup> Ruth Cardoso



O ensino digital que a pandemia impôs acentuou a diferença entre aqueles que tinham mais dificuldades de aprender, exigiu um novo educador e um novo educando, que precisou se reinventar, se adaptar a novas tecnologias, novas metodologias, transformando-se. De acordo com Formiga (2009), o uso das Tecnologia de Informação e Comunicação denomina um novo paradigma de aprendizagem:

A utilização e a aplicação das tecnologias de informação e comunicação se expande abrangendo todos os campos de aprendizagem da atividade humana ao longo de toda a vida, ou seja, de forma permanente e continuada. Por meio dessas tecnologias, os modelos de aprendizagem finalmente ultrapassam o universo limitado dos educadores e invadem as células da vida social e econômica (FORMIGA, 2009, p. 43).

Para elaborar novas práticas pedagógicas significativas e atrativas, o professor precisa ir além, não pode mais ficar restrito ao quadro, giz e livros didáticos. Parafraseando Paulo Freire (1996), vemos que um momento fundamental da prática do professor é o momento da reflexão crítica sobre a práxis, pois é aí que se vê a possibilidade de melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

Esse novo formato de ensino, o qual alunos e professores precisaram se adaptar, indicava um novo momento: a era digital é um caminho sem volta, mesmo com todos os desafios de inclusão em que ficaram claramente destacadas as desigualdades. Sobre desigualdade, Campello (2017, p.19) afirma que “a manutenção da desigualdade em educação é um dos fatores que mais determina a dinâmica da exclusão e a perpetuação da pobreza”. Portanto, se faz necessária uma reflexão sobre o que contempla realmente o acesso digital. Seria somente um sinal de internet a verdadeira inclusão digital ?

E essa tecnologia imposta repentinamente não é uma novidade na área da educação. Ela vinha seguindo a passos lentos, e a pandemia exigiu uma aceleração, deixando de ser uma opção para ser transformar em necessidade, trazendo consigo um assunto a se discutir: a inclusão digital para refletirmos não somente sobre o acesso do aluno, mas assim como a sua permanência.

Para a escrita dessa narrativa, não foi tarefa fácil escolher uma única história de vitória de um aluno para compartilhar, dentro de várias com trajetórias diferentes e finais diferentes. Mas a história da D. Isabel (nome fictício) foi a escolhida porque, além de ser uma aluna que carrega na sua trajetória no curso a dificuldade no lidar com tecnologia, também tocou o meu coração e trouxe-me vários ensinamentos. O principal deles, o verdadeiro sentido da palavra “superação”.



E por que superação ?

Primeiramente, sinto que preciso explicar o porquê de ter selecionado a trajetória da Dona Isabel e não simplesmente Isabel. D. Isabel é uma jovem aluna de 71 anos com muita disposição, que já iniciou o curso superando as adversidades da convivência entre indivíduos de faixa etária tão diferentes.

Aluna do Curso Técnico em Logística, D. Isabel é uma pessoa entusiasmada com a vida e cheia de planos. Iniciou o curso em fevereiro de 2020, um mês antes do fechamento das escolas devido à pandemia e, no pouco tempo que estudou de maneira presencial, sempre foi muito participativa, praticamente 100% de presença.

Se precisasse escolher uma melodia para representar D. Isabel, escolheria aquela que retrata a experiência que somente os anos vividos nos trazem.

Ando devagar porque já tive pressa, E levo esse sorriso, porque já chorei demais,  
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe, Só levo a certeza de que muito pouco eu sei,  
Ou nada sei... Penso que cumprir a vida, Seja simplesmente compreender a marcha,  
Ir tocando em frente, Como um velho boiadeiro, levando a boiada Eu vou tocando os dias pela longa estrada,  
Eu vou, estrada eu sou [...] Cada um de nós compõe a sua história, Cada ser em si carrega o dom de ser capaz, E ser feliz [...]  
(Almir Sater e Renato Teixeira).

D. Isabel chegou no curso com traços de vidas, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos muito diferentes dos demais. Inicialmente demonstrou dificuldade principalmente com o uso de tecnologias e com algumas metodologias, mas era possuidora de um saber sensível e, na maioria das vezes, receptiva para novas aprendizagens. A convivência com os outros alunos sempre foi favorável, pois a sua sabedoria e as experiências vividas serviam de exemplo para a maioria.

D. Isabel era fonte de inspiração, ela construiu sua própria história, percebo nela um indivíduo ciente da sua ação mesmo que sob uma ideologia, às vezes, até imposta culturalmente. Um ser que nos encoraja a seguir em frente e ensina que não precisamos ter pressa e que a maturidade revela força. Essa força está relacionada com segurança, calma e complacência, contrariando a juventude prognostica a necessidade imediata, a falta de paciência típica dessa fase da vida.

Quando reiniciamos as aulas no formato remoto, D. Isabel deparou-se com o desconhecido: a tecnologia. A falta de acesso à internet e a pouca habilidade com recursos tecnológicos podiam tê-la feito desistir, mas D. Isabel não pensou nessa possibilidade, foi resiliente e procurou motivação para continuar. Pediu ajuda aos professores, aos amigos e, durante todo o período de aulas remotas, deslocava-se para a casa de uma colega de



classe para usufruir do acesso à internet e do auxílio dessa colega para utilizar as novas ferramentas tecnológicas que precisava para acompanhar as aulas, faltava apenas em casos de absoluta inviabilidade para o deslocamento.

No que se refere à aprendizagem, sempre revisava os conceitos tratados em sala de aula. Tinha por hábito copiar o conteúdo do material das apresentações das aulas como uma estratégia para compreender melhor os temas apresentados e sempre compartilhava com os professores foto do seu caderno e até com anotações de aulas. Com essas atitudes, D. Isabel me ensinou que nesse momento em que a tecnologia se fez tão necessária nas aulas remotas, não anula o uso de recursos mais simples para adquirir conhecimento. Práticas diversas de leitura em material impresso ou digital, escritas no caderno, anotações com a boa e tradicional caneta, anotações em livros didáticos, tudo isso favoreceu a aprendizagem de D. Isabel.

Nas aulas, era frequente D. Isabel questionar quanto aos temas tratados, parecendo não compreender as demandas do mercado no que diz respeito às habilidades profissionais em que seja necessária a autonomia, talvez porque, no decorrer da sua trajetória de vida, com o seu jeito simples, não tenha sido preciso exercer a sua autonomia ou a tenha exercido sem que a notasse. Em relação ao conteúdo e atividades a serem cumpridos, foi sempre muito comprometida e passou a organizar a sua rotina de estudos de acordo com a nova realidade educacional pela pandemia. D. Isabel, sempre disposta, mobilizou saberes para lidar com a plataforma de ensino e todas as possibilidades pedagógicas que a tecnologia oferecia.

Sempre praticou a empatia com os outros alunos. Era cuidadosa e acolhedora com os mais jovens, preocupando-se, muitas vezes, com a postura descomprometida dos adolescentes. Nunca se furtou de aconselhá-los sobre o quanto importante é ter comprometimento com o que se dispôs a fazer. Manifestou também algumas vezes insatisfação com as propostas de aulas que tinham uma maior utilização de recursos tecnológicos, mas, ainda assim, não as deixava de cumprir e, para isso, procurava o apoio da sua neta que cursava o mesmo curso e a mesma turma.

Manifestava significativa obediência a orientações e comandos baseados em hierarquia, tanto do professor quanto dos subgrupos dos quais fazia parte, ou seja, independentemente de onde viesse a ordem, o cumprimento dela era inquestionável. Isso era um reflexo da reverência que ela trazia em seu perfil em obedecer a regras fielmente. Essa atitude retrata o afeto e respeito tanto aos professores quanto aos colegas.

Não tive a oportunidade de conviver com a D. Isabel como sua professora, mas, a função exercida de Orientadora Educacional, sempre tive a percepção do quanto a sua determinação em conseguir concluir o curso com louvor esteve presente.



Na sua trajetória pelo curso, ela tinha como objetivo principal buscar o conhecimento na sua mais plena excelência, porém, mesmo sem pretensão, proporcionou com a sua experiência de vida o conhecimento e valores que somente os anos vividos nos proporcionam.

O crescimento foi para todos, inclusive para D. Isabel. Essa sua experiência a ensinou que desistir de um objetivo não fazia parte do seu roteiro. É claro que algumas vezes demonstrou cansaço da rotina que o curso exige. Com bravura e um sorriso, enfrentou os desafios da elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso, desde o seu planejamento até as questões das relações interpessoais que esse tipo de ação exige. Construiu a sua identidade ao longo do curso e a cada instante estava de braços abertos para receber um novo conhecimento.

Atualmente está cursando o último módulo do curso, e quando perguntei em um momento de escuta individual o que a fez não desistir, ela respondeu: “o meu sonho de fazer algo e de lutar por ele, pois ninguém lutaria por mim, e quando eu cansei, eu descansei, mas nunca desisti. Acreditei sempre que podia e merecia e o mais importante foi fazer o que precisava ser feito, superar os desafios”.

## REFERÊNCIAS

CAMPELLO, Tereza (coord. ger.). **Faces da desigualdade no Brasil**: um olhar para os que ficam para trás. Brasília: Faculdade Latino-America de Ciências Sociais; Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, 2017.

FORMIGA, Marcos. **A Terminologia da EaD**. In LITTO, M. Frederic. Educação a Distância: estado da Arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 18ª edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1996.

SATER, Almir Eduardo Sater; OLIVEIRA, Renato Teixeira de. **Tocando em Frente**. PHILIPS: 1990 (3:21).





# CAFÉ + PROSA, FALA E ESCUTA ACOLHEDORA

*Samanta Regina Sales Pianta Raviccini*<sup>21</sup>

Cessa o teu canto!/ Cessa, que, enquanto/ O ouvi, ouvia/ Uma outra voz/ Com que vindo/ Nos interstícios/ Do brando encanto/ Com que o teu canto/ Vinha até nós./ Ouvi-te e ouvi-a/ No mesmo tempo/ E diferentes/ Juntas cantar./ E a melodia/ Que não havia./ Se agora a lembro,/ Faz-me chorar.

(Fernando Pessoa)

Quando o assunto é ensinar/educar, cabe aos profissionais da educação a responsabilidade de desenvolver a capacidade de escutar o aluno e o que ele diz, o significado deste dizer, para poder ajudá-lo e apoiá-lo na compreensão de seus próprios sentimentos e tomada de decisão.

O poder da escuta vai muito além do ouvir literal, é o ouvir nas entrelinhas; é o ouvir com o coração, quando o outro está em silêncio, mas, está dizendo muito; é entender a mensagem por trás dele, escutar além do ato físico.

21. Etec Dr. Nelson Alves Vianna



Assim, será possível diferenciar o ouvir de escutar por se tratar de uma habilidade construída com o tempo, podendo ser aperfeiçoada ou perdida. Isso, dependerá da nossa dedicação, ou seja, escutar significa dar atenção, sentir, perceber e estar atento ao outro, para que assim a sensibilidade seja despertada e possamos compreender o que está sendo dito.

Paulo Freire já dizia:

Não podemos deixar de lado, desprezando como algo imprestável, o que os educandos, sejam crianças, chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão de mundo nas mais variadas dimensões de sua aplicação na prática social. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros (FREIRE, 1998, p. 85-86).

Ser Orientador Educacional é estar encarregado em articular situações entre a escola e a família, intermediar conflitos, auxiliar nas dificuldades oriundas do processo ensino aprendizagem, manter o relacionamento com outras instâncias responsáveis pelo desenvolvimento do educando e envolver a família/escola/comunidade em prol do bem comum, o aluno.

Agora, imagine desempenhar esse papel em meio a uma pandemia, os desafios são muito maiores. As variáveis são inúmeras e o equilíbrio emocional tem que ser mantido e sustentado.

Frente a todas as inseguranças, percebi que ao passar do tempo os alunos estavam cada vez menos dispostos ao ensino remoto. Seus problemas pessoais tornaram-se ainda maiores; não conseguiam mais concentrarem-se, planejar o tempo e nem tinham o apoio ou amparo familiar para fazê-lo acontecer.

Diante de tudo isso, sentia a necessidade de uma estratégia para demonstrar aos nossos alunos que aquele momento era passageiro, que era necessário resiliência, aprender com ele e fazer com que as dificuldades fossem amenizadas.

Assim, surgiu a ideia de abrir um espaço de discussões aleatórias, fora do âmbito acadêmico, onde nós todos, professores e alunos, pudéssemos conversar sobre sentimento, dores, alegrias, assuntos em alta no momento, de tudo um pouco, mas, sem julgamento, sem certo ou errado, apenas, pontos de vistas diferentes e respeitados. Os encontros aconteciam uma vez na semana, na plataforma *Teams*, dentro da sala da Biblioteca criamos um canal chamado “Café + Prosa”, nos contraturnos.







## PAULO REGLUS NEVES FREIRE

(Recife, 1921 - 1997) foi educador e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. É também o Patrono da Educação Brasileira.

Nas palavras de Walter Benjamin e seus estudos literários,

[...] quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1994, p. 197-98).

Como as reuniões aconteciam às sextas feiras no final da tarde, eram comuns algumas reclamações sobre cansaço intelectual ou que estavam ali para encerrar bem a semana, de forma leve e divertida. Mas, numa das nossas conversas surgiu o assunto animais de estimação e foi muito bacana. Pode parecer estranho, mas, descobrimos os mais diversos tipos de animais, além dos tradicionais cães e gatos, como, foi o caso da Ana que cuidava de uma cobra.

Sim, uma cobra! E detalhe, ela nos contou sobre o dia em que a “Catarina” fugiu do seu aquário, mas, no final a encontraram e deu tudo certo! Teve ainda o carneiro “Shaun”, um filhote que desfilava pela casa e era amamentado na mamadeira, porque sua mãe o abandonou; uma porquinha rosada, muito fofa que adorava a câmera; a galinha “Gertrudes”, que conhece até o carro dos seus donos e vai esperá-los em cima do muro; a maritaca que nasceu no telhado e foi adotada, porque nasceu sem uma asa.

É cada história que, se contar parece história de pescador. Mas tudo isso, foi apresentado ao vivo, na plataforma *Teams*, com a interação e comoção de todos que participaram; esse foi um dos “assuntos” mais marcantes que tivemos.



## WALTER BENEDIX SCHÖNFLIES BENJAMIN

(Berlim, 1892 - 1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico de Gershom Scholem.

Em outro momento discutimos as interferências da pandemia na vida de cada um, a mudança na rotina, nos hábitos, na saúde e como cada um estava lidando com as mudanças,



de forma que um pudesse contribuir com o outro, oferecendo novas ideias e possibilidades de superação. Foi um momento de contornar as adversidades e, com o compartilhamento das experiências, absorver o que é bom. Nesse encontro, alguns participantes trocaram contatos pessoais para que no dia a dia pudessem se comunicar e dividir suas experiências.

Relatando um pouco mais sobre os demais temas abordados nos encontros: hobby, aquilo que nos faz bem fora do âmbito acadêmico, o que fazemos para relaxar, descontrair e sair da rotina; música, sobre os estilos musicais que cada participante prefere e suas características, e esse tema teve a participação de um colega professor e violinista relatando sua experiência com a música clássica, foi demais; TV, filmes, séries e tudo que a telinha tem para nos oferecer, as preferências e um breve relato do porquê escolher aquele estilo; alimentação saudável, estilos como o vegano e o vegetariano foram muito abordados; fatos e acontecimentos marcantes, onde foi possível expor momentos de alegrias, diversão e saudades, só coisas boas, enfim, nossas reuniões sempre foram marcadas por conversas saudáveis e animadas, evitando falar do que faz mal ou causa tristeza, a ideia é sempre se divertir e relaxar. E como já dizia Paulo Freire,

[...] o processo da fala e da escrita, a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e há seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um 'sine qua' da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável de expressá-la (FREIRE,1998 p.131).

E o resultado disso tudo, são pessoas mais animadas e dispostas que melhoraram seus conceitos e a participação nas aulas, se animavam a cada semana, propondo temas e convidando novos membros a participar.

O feedback ao final do ano foi muito positivo e hoje transformamos a ideia num projeto permanente, ele acontece quinzenalmente, ainda na plataforma virtual *Teams*, e continua levandoleveza e boa conversa!



## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura; trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PESSOA, F. **Cessa o teu canto**. Portal da Literatura. Disponível em: <<https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=151>>. Acesso em: 10 mai. 2021.





# O DIÁLOGO COMO CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO

*Paula Fabiana da Silva Aguiar<sup>22</sup>*

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

(Paulo Freire)

Ensinar e aprender: duas palavras que fazem parte do cotidiano escolar, mas o aprendizado nem sempre acontece de maneira convencional, pois a escola é um espaço de muitas vias e todos dentro dela passam por esse processo todos os dias, sejam alunos, docentes ou funcionários. É desse processo que a sociedade precisa para mudar as oportunidades em realidade para todos.

Mas renova-se a esperança / Nova aurora a cada dia / E há que se cuidar do broto / Pra que a vida nos dê flor e fruto. Coração de estudante / Há que se cuidar da vida / Há que se cuidar do mundo / Tomar conta da amizade. Alegria e muito sonho / Espalhados no caminho / Verdes planta e sentimento. Folhas, coração, juventude e fé (NASCIMENTO, Milton. 1983).

22. Etec Armando Pannunzio

A letra dessa clássica canção, sempre atual, me faz refletir muito no que diz respeito ao meu trabalho na orientação educacional. Todos os dias renovar a esperança com um respiro e olhar jovial para os desafios, focando nos brotos e saber que, embora a semeadura seja lenta e árdua, novos ramos, folhas e frutos estarão constantemente a me presentear.

No dia 04 de dezembro de 2019, os alunos estavam descontraídos e muito eufóricos por causa da gincana cultural da escola, pois seria o fechamento dessa competição, que acontece anualmente. Foi então que a aluna Carolina, do último ano de um dos cursos integrados, me procurou para informar o sumiço de R\$40,00 de dentro da sua bolsa, que estava em uma das mesas do refeitório, por volta das 10h.

No mesmo dia, horas depois, outra aluna, a Débora, do mesmo curso, porém no 2º ano, também me procurou para fazer uma queixa semelhante, mas dessa vez havia sumido de sua bolsa a quantia de R\$135,00, na quadra de esportes.

Fiquei preocupada e apreensiva com a situação, mas ao mesmo tempo pensei em como poderia solucionar esse caso para que a rotina escolar não fosse afetada ou que as partes envolvidas não ficassem expostas negativamente na escola.

Logo após esses ocorridos, novamente a aluna Carolina, que parecia mais nervosa e indignada dessa vez, veio até a sala da Orientação Educacional para dizer que suspeitava de um aluno que estava devendo dinheiro para uma colega de sala há vários dias e, coincidentemente, ele acabara de fazer o pagamento poucos minutos depois do sumiço do dinheiro e estava comprando lanche na cantina da escola.

Na conversa com as duas alunas que fizeram tais denúncias, expliquei sobre como cada um deveria cuidar de seus pertences pessoais e que, apesar da escola não ter responsabilidades sobre o ressarcimento desses valores, faríamos o possível para solucionar o problema sem prejuízo para ninguém. Também pedi discrição e que, se possível, não comentassem sobre o caso com os demais colegas para não alarmar a comunidade escolar.

É importante dizer que faço um exercício de escuta ativa, colocando-me em posição empática e analisando a situação; e, dessa forma, na confiança, é que os alunos conseguem se abrir e demonstrar suas dificuldades.

Como nossa Equipe de Gestão escolar sempre prezou pela segurança e bem-estar dos alunos e funcionários dentro da escola, temos algumas câmeras instaladas em locais estratégicos que nos permitem assistir aos vídeos das gravações, facilitando o monitoramento dos espaços no cotidiano.

Gastei um tempo considerável para assistir às gravações daquele dia, com muita cautela para não acusar ninguém injustamente. Infelizmente, uma das câmeras do refei-



tório não estava gravando e era precisamente aquela que veria com maior clareza. Porém, com outra câmera um pouco mais distante, consegui visualizar a roupa do garoto que mexera na bolsa da Carolina e, depois, com a câmera da quadra, visualizei exatamente no espaço de tempo e horário que a Débora havia dito, que o aluno suspeito era o mesmo nas duas ocasiões. Chamei o Professor Coordenador do Ensino Médio de nossa escola para que ele assistisse igualmente às gravações. Retiramos dos filmes os cortes que realmente interessavam e provavam o envolvimento do garoto nos dois casos, assim, poderia não apenas encontrar o responsável, como também, orientá-lo que tal conduta não era adequada e não poderia se repetir.

Em seguida, conversei com a equipe de Gestão Escolar e Direção e, como se tratava de um caso delicado, decidimos que as sanções seriam aplicadas, observando sempre com cuidado a posição dos envolvidos, principalmente do garoto, que não poderíamos expô-lo de forma alguma, tanto por ser menor, quanto por ser igualmente nosso aluno. Além disso, nossa escola preza o acolhimento, o diálogo e a educação integral dos discentes, para que se conscientizem e isso não diz respeito a punições extremas ou apontamentos vexatórios.

E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”, nada de conviver com as pessoas e depois, descobrir que não tem amizade a ninguém. Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só (FREIRE, 2003).

Acreditando na educação como o caminho e diálogo, contatei a mãe do menino pelo telefone e pedi que comparecesse à escola para conversarmos sobre o comportamento do seu filho. No dia seguinte pela manhã, a mãe, muito solícita e preocupada, estava lá. Como era um caso que não sabíamos como iria se desdobrar, pedi que a Coordenadora Pedagógica da escola estivesse comigo durante a conversa para um eventual suporte e até a Diretora Administrativa esteve presente também, apoiando com solidariedade. Expliquei toda a situação para a mãe e mostrei os vídeos. A situação era muito constrangedora. É difícil explicar para uma mãe quando o filho se envolve em situações indisciplinadas tão sérias como essa. Então fomos o mais empáticos e delicados possíveis. O clima de decepção e o silêncio tomaram conta da sala e, apesar de cabisbaixa e triste, ela sinalizou que o filho não estava com boas companhias fora da escola e desconfiava de algumas atitudes suspeitas que ele vinha tendo nos últimos tempos. Ela chegou a dizer que já deveria ter tomado uma atitude com seu filho para que não chegasse ao ponto de acontecer algo na escola.

Sugeri que ela conversasse com o filho sobre tais atitudes e que tentassem descobrir juntos, de uma forma tranquila, o que o levava a esse estilo de vida que estava trilhando, pois pelo que a mãe disse, apesar de terem uma vida financeiramente difícil, já que a mãe cuidava da casa e do filho sozinha, trabalhando muito por isso, ela faria o que fosse



preciso para ajudá-lo com dinheiro em seus gastos pessoais, não havendo necessidade do filho cometer atitudes inadequadas.

Embora tivéssemos tomado todos os cuidados para que essas informações não saíssem da Gestão Escolar, a mãe decidiu que o melhor para o seu filho seria a transferência para outra escola. Dessa forma não haveria nenhuma chance de que seus colegas descobrissem o fato e, ao mesmo tempo, segundo ela, serviria de lição para seu filho. Inicialmente tentamos argumentar que o filho perderia a oportunidade de estudar numa boa escola, já que havia passado no vestibulinho e que isso poderia interferir no futuro dele, mas ela estava realmente decidida e, nesse caso, a escola não tinha mais como interferir.

O dinheiro foi devolvido às alunas, e o caso resolvido de forma que o menor não tenha sido exposto nem as alunas tivessem prejuízo.

Desse caso fica a reflexão de que o diálogo é sempre o melhor caminho para qualquer tipo de dificuldade, seja ela em família, na escola, na empresa ou na comunidade, pois conversando as decisões e soluções surgem e muitas atitudes podem ser evitadas ou, ao menos, amenizadas.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. A escola. **Revista Nova Escola**, n. 163, Jun-Jul, 2003.

NASCIMENTO, Milton. **1983**. Disponível em: <[www.lettras.mus.br/milton-nascimento](http://www.lettras.mus.br/milton-nascimento)>. Acesso em: 25 jun. 2021.





# SUPERANDO ADVERSIDADES

*Renata Nascimento Ribeiro*<sup>23</sup>

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar a possibilidade para sua própria produção ou a sua construção.

(Paulo Freire)

O ano de 2020 foi, com certeza, um ano atípico, capaz de nos fazer refletir sobre nosso lugar e nossas responsabilidades com a sociedade. Foi um período de difícil adaptação para todos nós. Tivemos de aprender a lidar com a dor do outro e com tantas outras dificuldades. No contexto escolar do qual fazemos parte, vivemos situações inimagináveis que maximizaram o papel fundamental da escola com a sociedade fazendo-se indispensável este contato com a comunidade escolar.

A escola exerce vários papéis fundamentais. Estes papéis são indispensáveis na construção e formação do indivíduo que será inserido na sociedade.

Como destaca Paro, (1992, p. 255),

23. Etec Dr. Celso Giglio





[...] a instituição de ensino deve usar todos os métodos de aproximação direta com a família, pois dessa forma podem compartilhar informações significativas em relação aos seus objetivos, recursos, problemas, além de questões pedagógicas. Somente dessa maneira, os pais poderão participar efetivamente do aumento do nível educacional, bem como o desenvolvimento de seu filho.

Muitos de nossos alunos sofreram e ainda sofrem com a adaptação ao ensino remoto, mas as dificuldades vão além da adaptação. Muitos deles vivenciam a falta de equipamentos para realizar suas atividades ou quantidade de equipamentos que não conseguem suprir a todos os componentes da família e ainda a falta de pacotes de dados ou pacotes insuficientes para os estudos. Outras adversidades ocorrem no âmbito pedagógico, como a metodologia utilizada pelos professores, o ambiente físico em que estão inseridos, a falta de concentração e outros motivos relacionados com o próprio aluno e todo o seu contexto de vida.

Por volta do mês de setembro de 2020, recebi e-mail de uma mãe aflita, pedindo ajuda. A mãe relatou no e-mail estar desempregada e pediu que eu a contatasse pelo aplicativo Whatsapp, e eu assim o fiz. A mãe se mostrou grata pelo meu contato e trocamos neste dia diversas mensagens relacionadas a toda dificuldade que vinham vivendo: falta de recursos financeiros, apatia da filha em relação aos estudos, dificuldade de acesso às aulas. Nestas conversas coloquei-me à disposição para solucionar as questões que diziam respeito ao acompanhamento das aulas por parte da aluna Y.B. Minha intenção era tranquilizá-la, acolhê-la e dar respaldo pedagógico. Acredito ter tido êxito.

O desemprego trouxe outras consequências a esta mulher forte e batalhadora. Ouvir esta mãe me fez refletir sobre uma realidade que vivemos em nosso país. Mulheres à frente de seus lares, responsáveis pelo sustento, pela educação dos filhos e capazes de se mostrarem fortes diante dos obstáculos que a vida impõe.

A pobreza e a extrema pobreza alcançaram em 2020 na América Latina níveis que não foram observados nos últimos 12 e 20 anos, respectivamente, bem como uma piora dos índices de desigualdade na região e nas taxas de ocupação e participação no mercado de trabalho, sobretudo das mulheres, devido à pandemia da COVID-19.(CEPAL, 2021).

A pandemia de Covid-19 intensificou ainda mais este cenário de desigualdade na educação.

Neste período, houve a necessidade desta família mudar-se para uma casa com aluguel mais acessível e que coubesse na atual realidade. Para agravar a situação, faltavam para os estudos da filha, computador e internet. A mãe relatou viver sozinha com duas filhas e arcar com todas as necessidades da casa.



Segundo a mãe, havia na casa um único aparelho celular, aonde a aluna vinha tentando acessar as aulas, mas sem êxito já que por se tratar de um aparelho antigo, não havia memória suficiente para o acesso.

## **CEPAL**

Comissão Econômica para América Latina e Caribe.

Depois de falar com a mãe busquei conhecer o potencial desta aluna. Ao pesquisar o boletim, ficou claro que se tratava de uma aluna assídua, com notas e frequência satisfatórias nos componentes.

O próximo passo foi procurar o representante de sala e alguns professores que relataram que a aluna não estava participando das aulas recentemente e tinha alguma dificuldade.

A partir daí criamos um elo: Orientador educacional, professores, representante de sala e aluna.

Para ajudá-la, o representante de sala, enviava para mim as atividades e conteúdos que os professores postavam em suas aulas e, eu as transmitia para a aluna pelo aplicativo Whatsapp e e-mail. A aluna Y.B recebia o material e sempre enviava mensagem pelo aplicativo Whatsapp confirmando o recebimento e agradecendo gentilmente o envio. Os conteúdos eram retornados por e-mail aos professores, sob meu acompanhamento.

Tenho muito orgulho deste caso em específico, pois a aluna realmente realizou suas atividades e concluiu o ano. Estender as mãos a quem precisa é algo grandioso. Para quem necessita pode ser a esperança de um futuro melhor e com mais perspectivas.

Este tipo de relato nos leva a refletir sobre o importante papel da escola para que os alunos dêem continuidade aos estudos. A cada ano nos deparamos com percentuais alarmantes de evasão nos diversos cursos e estamos em constante busca de respostas para minimizar tais perdas. Trata-se de um conjunto de ações e, em especial este contexto no qual estamos vivendo, deparamo-nos com a importância da atenção a quem precisa.

A maioria de nós imaginava que o ano de 2021 superaria o cenário catastrófico do ano de 2020, mas tais mudanças não aconteceram, embora nos trouxeram experiência para lidar com este cenário. Iniciamos o ano com dificuldades que já havíamos vivenciado: pais e responsáveis inseguros e professores lutando incansavelmente para aprimorar seu trabalho a cada dia.

Como forma de detectar alunos com dificuldades de acesso, realizamos em nossa escola uma pesquisa no suporte digital Forms que auxiliou a detectar os casos com maiores conflitos.



De um total de 995 alunos, participaram da pesquisa 563 alunos (56,6%). Destes 125 alunos (22,3%) relataram possuir pacote insuficiente de internet para o estudo e 43 (7,7%) não possuir pacote de dados.

Esta realidade é um tanto quanto assustadora, mas sabemos que com dedicação da equipe gestora, professores e auxílio dos nossos alunos, como é o caso dos representantes de sala que têm sido um elo para chegarmos a estes alunos com dificuldade, alcançaremos mais uma vez nosso objetivo de dar as mãos a quem necessita neste momento.

Seguimos firmes, perseverantes e com fé de que em breve poderemos olhar para trás e perceber que passamos por momentos difíceis, mas os superamos distribuindo amor ao próximo e abrandando os corações aflitos.

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo, e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo (FREIRE, 1992).

Seja no ensino remoto, híbrido ou presencial, saibamos olhar sempre ao nosso redor.

## REFERÊNCIAS

PARO, V.H. Gestão da escola pública: a participação da comunidade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 73, n. 174, p. 255-290, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, editora Paz e Terra, p. 5, 1992.

**COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL)**. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-provoca-aumento-niveis-pobreza-sem-precedentes-ultimas-decadas-tem-forte>. Acessado em 01 jul. de 2021.





# DESAFIO FAÇA ACONTECER

*Yara Therezinha de Almeida Lozano<sup>24</sup>*

Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo e nem ensino. A educação necessita tanto de formação técnica e científica como de sonhos e utopias.

(Paulo Freire)

No dia 1º de novembro de 2019, foi a grande final do “Desafio Faça Acontecer”, que estimulou as escolas de Lençóis Paulista e jovens da região a desenvolverem ações para mudar o mundo ao seu redor. Esse desafio é um concurso que incentiva essas pessoas a ampliarem sua visão de mundo e atuarem de forma positiva na comunidade e escola por meio de ações altruístas. É promovido pelo Instituto Lidera Jovem e tem como mantenedores as empresas Bracell e Lwart Lubrificantes.

As finais foram realizadas no Estádio Municipal Archangelo Brega Primo (CSEC), onde 12 times vencedores foram anunciados, caracterizados nas seguintes áreas:

23. Etec Dr. Domingos Minicucci Filho



- Mobilização,
- Visão de mundo,
- Inovação,
- Assuntos relevantes.

Além destas 4 áreas, o maior prêmio é o “Faça Acontecer” e neste ano foi ganho pela Etec Cidade do Livro com o projeto “Dona de mim”, cujo tema era o assassinato de mulheres e seu status na sociedade, feminicídio. Eu, como Orientadora Educacional (OE), abracei a causa e fui para o campo com esses alunos. Nossa escola estava participando com 4 equipes, sendo cada uma delas orientadas por um professor-facilitador.

Os projetos de trabalho permitem ao professor partir de um problema geral ou particular e formar conjuntos de perguntas interrelacionadas, que em geral vão além dos limites de uma única matéria (CARVALHO, 2017).

Para que esses projetos fossem realizados, houve uma grande mobilidade de toda a unidade escolar, foram pedidos de patrocínios, venda de rifas, entre outros. Os lugares por onde passamos e, diga-se de passagem não foram poucos para a coleta de informações fomos recebidos sempre com grandes e largos sorrisos e isso foi muito valioso para nós.

A educação é extremamente desafiadora e para que os discentes, cada vez mais envolvidos com a tecnologia, sintam-se atraídos pelo aprendizado, não precisamos só motivá-los e sim mobilizá-los, trazer metodologias diferenciadas para o dia a dia da sala de aula. Foi assim que conseguimos grande êxito neste evento, criando vínculos entre toda a UE e a comunidade.

Conseguimos de forma muito ampla alinhar uma comunicação entre vias de mão dupla, em situações dentro (teoria) e fora (prática) da escola, pois é fato que é por meio de experiências que conseguimos aprender de maneira mais clara e fácil, se relacionando com o mundo. Criar esse desejo impulsiona as pessoas ao direcionamento do saber, movimentando-os com embasamento.

De acordo com Carvalho (2017), a função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares. É relacionar os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seu próprio conhecimento. E foi exatamente isso que fizemos contemplando a interdisciplinaridade, com metodologias ativas para resolver os problemas encontrados perante os 4 projetos apresentados no Desafio, despertando nos discentes grande interesse pelo processo de aprendizagem.

Abreu apud Nikitiuk (2020) diz que, é importante promover uma prática pedagógica aberta e dinâmica, preocupada fundamentalmente com a questão da cidadania. Tal questão nos remete à necessidade das Unidades de Ensino (UE) que se preocupam com a formação discente, capacitá-lo para o agir e transformar, e não apenas para atuar e reproduzir.



Como salientado acima, no Desafio, os alunos colocaram em prática o aprendizado por meio das ações do projeto e fomos muito além da sala de aula, através de valores como: trabalho em equipe, gestão do tempo, planejamento, metas e marketing. É um aprendizado que eles levarão para a vida toda.

Esse tipo de desafio é um meio de mobilizar os jovens a olharem os problemas da sua comunidade e se envolverem através de ações concretas, com resultados que solucionem ou melhorem a problemática observada.

A UE, Cidade do Livro abraçou esse projeto no sentido de atender às necessidades dos discentes através da união de competências técnicas e emocionais, para o amadurecimento de sua integridade e autonomia – desenvolvimento pessoal. Foi muito importante assistir esses alunos neste processo de ensino-aprendizagem, pois atualmente verifica-se também a importância de provermos o aluno de forma integral, não só pedagógica, mas também emocionalmente para que ele esteja mais preparado para enfrentar desafios. Para que isso aconteça, precisamos desenvolver novas estratégias de aprendizagem baseadas nas competências socioemocionais.

Assim sendo, esse projeto foi muito importante para o crescimento das relações humanas, onde pude atuar como elo entre a escola e o estudante, através de diálogos, acompanhamento e atenção, para o cumprimento do projeto.

O intuito sempre será construir o saber baseado em valores, por isso a instituição convidou a família a participar de forma coletiva em reuniões caracterizando muitas novas e boas ideias, além de uma gestão democrática e participativa.

**Figura 1:** Fotos da premiação.



**Fonte:** Os próprios autores (2019).

A final contou com mais de 200 jovens que mostraram realmente fazer a diferença dentro de suas comunidades tratando de muitos temas relevantes. As ações promovidas por eles impactaram cerca de 20 mil pessoas e sentir essa energia foi emocionante. Foram 4 troféus que tive a honra de receber em nome da nossa instituição.

Ao total, 36 equipes se inscreveram para o Desafio, o que somou mais de 250 jovens. Destes, 200 chegaram à final, distribuídos em 24 equipes representantes de 12 escolas das cidades de Lençóis Paulista e Borebi.

Os vídeos produzidos pelas equipes com os resultados das ações desenvolvidas nas comunidades envolvidas estão disponíveis no site [www.desafiofaçaacontecer.com.br](http://www.desafiofaçaacontecer.com.br) e nas páginas do Youtube e Facebook do concurso. A partir deste evento conclui-se que esse tipo de metodologia aliada a projetos consiste em mudanças nas práticas pedagógicas, transformando a UE em um espaço aberto, compartilhado onde seus atores constroem significativas aprendizagens para todos os envolvidos.

Perante isso, fica claro que a relação comprometida e saudável do OE com os alunos é fundamental para o desenvolvimento destes discentes em sua totalidade. Tais ações irão refletir no autorrespeito e no respeito pelo outro, fortalecendo as relações humanas em uma convivência harmoniosa.

### **Escolas e projetos vencedores do desafio faça acontecer**

#### **Prêmio Faça Acontecer**

Etec Cidade do Livro, com o projeto “Dona de mim”

#### **Destaque Inovação**

1º lugar – Prof.<sup>a</sup> Idalina Canova de Barros, com o projeto “Escreva seus Padrões”;

2º lugar – Cooperelp com o projeto “Diferentes gerações, mesma tecnologia”.

#### **Destaque Assunto Relevante**

1º lugar – Prof.<sup>a</sup> Idalina Canova de Barros, com o projeto “Não há cura para o que não é doença”;

2º lugar – Etec Cidade do Livro, com o projeto “Conhece-te a ti mesmo”;

3º lugar – Etec Cidade do Livro, com o projeto “Violência infantil: a origem dos transtornos”.



### Destaque Visão de Mundo

1º lugar – Etec Cidade do Livro, com o projeto “A História que os livros não contam”;

2º lugar – Iracema Leite e Silva (Borebi), com o projeto “O que fazemos para ajudar o mundo”;

3º lugar – Leonina Alves Coneglian, com o projeto “O segredo é cuidar de si”.

### Destaque Mobilização

1º lugar – Colégio São José, com o projeto “Elas por Elas”;

2º lugar – Rubens Pietraroia, com o projeto “Projetando nosso Futuro”;

3º lugar – Philomena Briquesi Boso com o projeto “A juventude que nunca morrerá!”

### Torcida organizada mais animada

Rubens Pietraroia

## REFERÊNCIAS

ABREU, Iane Margareth. **A pedagogia de projetos: o novo olhar na aprendizagem.** 2020. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-pedagogiaprojetos-novo-olhar-na-aprendizagem.htm>>. Acesso em: 9 mai. 2020.

CARVALHO, Márcia. **A importância de se trabalhar com projetos.** 2017. Disponível em: <<https://www.dm.jor.br/opiniao/2017/11/a-importancia-de-se-trabalhar-com-projetos/>>. Acesso em: 11 mai. 2021.







## AUTORES



### Adriana Araujo da Silva

Graduada em Artes Visuais pela Universidade Santa Cecília (1996). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Plásticas. Realizou outros estudos na área acadêmica direcionando para a Educação. Se vinculou ao Centro Paula Souza em 2003, atuando como docente na disciplina de Arte e Patrimônio Artístico e Histórico do Estado de São Paulo, atuou nas coordenações de área do Ensino Médio, Ensino médio Integrado com curso Técnico, Modelagem do Vestuário, Desenho da Construção Civil e Turismo Receptivo, a partir de 2009 concomitantemente assumiu a coordenação pedagógica e atuou como Orientadora Educacional até 2022, neste período de experiência profissional se formou em Pedagogia. Realizou pesquisas e projetos na área da tecnologia da informação inseridas na educação. Está desenvolvendo pesquisa na área da gestão escolar com relação aos desafios educacionais da gestão escolar em acompanhar os discentes no seu retorno a escola após dois anos de estudos remotos durante a pandemia do COVID 19, acompanhando os elementos socioemocionais que podem interferir no desenvolvimento no espaço escolar no momento atual. Projeto de pesquisa que está sendo realizado no curso de MBA em Gestão Escolar na Instituição, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz Universidade de São Paulo. Título do projeto: “Travessias de adolescentes entre o ensino remoto e o retorno ao ensino presencial: desafios à gestão escolar no Ensino Médio e Técnico”.



### Alzira de Barros

Licenciada em Geografia pela Faculdade de Ciências e Letras de Avaré/SP e em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Itararé/SP. É especializada em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Leciona há mais de 25 anos e atualmente ocupa o cargo de Coordenador de Projetos responsável pela Orientação Educacional no Centro Paula Souza, unidade de Itapeva/SP.



### Ana Paula Haiek Martinez

Formada em Arquitetura e Urbanismo, ingressou no Centro Paula Souza como professora do Curso Técnico em Edificações. Posteriormente se formou em Pedagogia e especializou-se em Gestão Escolar e em Metodologias Ativas e Neurociência. Nas Etecs do Centro Paula Souza, além de professora e Coordenadora Pedagógica, exerceu as funções de Coordenadora de Curso, Diretora Acadêmica, Coordenadora de Classe Descentralizada e Orientadora Educacional. Com experiência de quatorze anos em atividades técnico pedagógicas no CEETEPS desenvolve projetos envolvendo a utilização de Metodologias Ativas e a construção de competências socioemocionais.



### Cibele Ramos Rocha

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e graduação em Pedagogia pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de São Roque. Coursou um ano e meio da graduação em Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação na Universidade Anhembi-Morumbi, interrompendo o curso para a realização do curso de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Ensino de Biologia, concluído em 2022. Atualmente é professora do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, atuando na Coordenação Pedagógica da Etec Prof. Elias Miguel Jr. - Votorantim. Leciona a disciplina de Biologia na Etec Prof. Elias Miguel Jr., em Votorantim, e na Etec Fernando Prestes, em Sorocaba. Além de ter realizado um curso de MBA em Gestão de Projetos, concluiu um curso de Aperfeiçoamento em Ensino Aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos. Atuou como Coordenadora do Ensino Técnico Integrado ao Médio por três anos e coordenou o Projeto Gincana da Integração do Ensino Médio em ambas Etecs em que lecionou, contando com apoio da equipe gestora e de docentes. Já atuou por 3 anos como Orientadora de Apoio Educacional na mesma Etec em que atualmente é Coordenadora Pedagógica, bem como Coordenadora de Classe Descentralizada.



### Deise Maria Marques da Silva Ramos

Mestre em Psicologia e Saúde pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP (2022); Especialista em Psicologia Clínica: Terapia Cognitiva Comportamental pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto - FAMERP (2011); Especialista em Formação em Educação à Distância pela Universidade Paulista - UNIP - campus São José do Rio Preto - SP (2011); Especialista em Administração na área de concentração em MBA Executivo em Recursos Humanos pelo Centro Universitário de Rio Preto - UNIRP (2015); Bacharel e Licenciada em Psicologia pela Universidade Paulista - UNIP (campus São José do Rio Preto - SP) 2009; Graduada em Pedagogia pelo Centro

Universitário de Rio Preto - UNIRP (2021); Graduada em Letras - Licenciatura Plena (Português/Inglês/Espanhol) pelo Centro Universitário do Norte Paulista - UNORP (2003). Professora (desde 2009) e Coordenadora de Projetos Responsável pela Orientação e Apoio Educacional (desde 2014) na Etec Philadelpho Gouvêa Netto em São José do Rio Preto - SP; Experiência como Psicóloga Clínica – CERDAP (2009 – 2012); Professora Universitária na União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO (2013-2014).



### Elane Conde da Silva

Formada em Psicologia pela Universidade Salesianas de São Paulo e, em Lorena, Pedagogia pela Universidade Faveni de Guarulhos. Pós-graduada na área da Psicologia em Terapia Cognitiva Comportamental pela Universidade Salesianas de São Paulo e, em Lorena, na área da Educação em Orientação Educacional pela Universidade AVM de Brasília. Experiência, pelo Centro Paula Souza, na Etec de Santa Isabel há 12 anos como docente nas disciplinas de Administração de Recursos Humanos, Gestão de Pessoas, Ética e Cidadania Organizacional e Sociologia. Possui experiência na área da Gestão como Coordenadora de Projetos de Apoio e orientação Educacional. Além de, experiência acadêmica na área clínica e avaliação psicológica na aplicação e correção de testes de inteligência e personalidade como monitora no Laboratório de Testes Psicológicos na Universidade Salesianas de São Paulo, em Lorena.



### Iria Aparecida Martins

Enfermeira, formada pela Universidade do Sagrado Coração em 1.989, especialista em UTI e Enfermagem do trabalho, trabalhou por 14 anos na Rede Pública Municipal, boa parte desse período atuou na gestão pública como Secretária Municipal de Saúde; em 2004 entrou no Centro Paula Souza como docente no Curso Técnico em enfermagem na ETEC 019 – Dr. Adail Nunes da Silva, durante toda a trajetória de docente foi Coordenadora do Curso Técnico em Enfermagem, Coordenadora Pedagógica, em 2008 começou a trabalhar na EJ Escola de Aviação Civil – ministrando aulas de medicina aeroespacial para os curso de Piloto Civil e Agrícola, onde permanece até o momento dando aulas na Faculdade de Tecnologia de Pilotagem Profissional, em 2020 foi convidada para ocupar a vaga de Professora Coordenadora Responsável pela Orientação Educacional na ETEC de Ibitinga, continuando até o momento, formou se em pedagogia no mesmo ano e em 2021 fez especialização em Gestão Escolar com ênfase em Supervisão Escolar



### José Roberto Medeiros de Faria

Técnico em Mecânica Geral, Fresagem e Ferramentaria pelo SENAI, tendo experiência por quinze anos na área Metalúrgica. Graduado em Psicologia e Tecnólogo em Processo Gerenciais, com pós em Gestão Escolar e em Neuropsicologia. Possui experiência de onze anos com Atendimento Psicológico Clínico e nos últimos doze anos atua como Professor nos cursos Técnicos de Administração e Logística, sendo os últimos sete anos como Orientador Educacional da ETEC Jaraguá.



### Luciana Luna Furlan

Licenciada Plena em Educação Física pela Faculdade Educação Física de Barra Bonita (2002). Especialização em Educação Especial e Inclusão (2018). Atualmente é docente de Ensino Médio e Técnico em Educação Física na Etec Cidade do Livro.



### Luciana Santos Legnaioli Martins Cunha

Possui Superior em Letras – Licenciatura, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos/Universidade Católica de Santos (2001); Pós-Graduação Lato Sensu (Especialização) em Psicopedagogia pela Universidade Santa Cecília (2003); Pós-Graduação Lato Sensu (Especialização) em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela Universidade de São Paulo (Programa UNIVESP – Universidade Virtual do Estado de São Paulo) (2012); Pós-Graduação Lato Sensu (Aperfeiçoamento) em Ensino e Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos pelo Centro Paula Souza (2014); Superior em Pedagogia pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba (2016); Pós-Graduação Lato Sensu (Especialização) em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Língua Espanhola pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (2021). Tem experiência docente nos ensinamentos Fundamental, Médio e Técnico desde 1998. Atualmente é – Professora de Espanhol, Professora de Língua e Literatura Portuguesa, Professora de LTT (Linguagem, Tecnologia e Trabalho) e Orientadora Educacional na Etec Aristóteles Ferreira.



### Lucimara Alves Aguiar Basso

Licenciada Plena em Letras (Português/Inglês) pela Faculdades Adamantinenses Integradas (1995). Possui Especialização em Metodologia da Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Cesumar (2016) e em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade de Educação São Luís (2016), além de Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário de Jales (2017). Realizou os cursos de Aperfeiçoamento em Inglês Avançado II, Língua Portuguesa, Advanced

(Level 2), Metodologia de Pesquisa e Formação para Gestores Educacionais. Atualmente é docente das Etecs Amin Jundi e Professor Eudécio Luiz Vicente.



## Lucimara de Sousa Teixeira

Doutoranda e Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE-SP), Graduada em Processamento de Dados pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1999), Licenciada em Informática - FATEC - Faculdade de Tecnologia de São Paulo (2008), Lato Sensu em Ensino da Matemática pela Faculdade Oswaldo Cruz (2003) e Lato Sensu em Formação de Orientadores de Aprendizagem Para Educação A Distância pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC (2010), Graduada em Pedagogia Plena pela Faculdade São José de Ensino Superior(2013). Atuando como Orientadora Educacional e docente da ETEC - Albert Einstein pertencente ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, atua também como professora na ETEC - Albert Einstein nas matérias específicas do curso de Desenvolvimento de Sistemas. Possui experiência na área de Educação, Ciência da Computação, com ênfase em Sistemas de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem de programação, lógica de programação, metodologias ativas, trabalho com projetos em especial aprendizagem baseada em projetos, docentes, concursos para docentes e trabalho semana do industrial e projetos de laboratório de informática. Desde 2014 atuo como Orientadora Educacional, orientando os alunos em seu desenvolvimento pessoal, preocupando-se com a formação de seus valores, atitudes, emoções e sentimentos, dialogando com alunos, professores, gestores e responsáveis e com a comunidade. observando o comportamento dos alunos e orientando professores, alunos e pais auxiliando no desenvolvimento do aluno de suas habilidades e competências Atuou de 2008 a 2010 como Coordenadora de Orientadores de Aprendizagem , atuando como coordenadora, mediadora, preparação de treinamentos (planejamentos, capacitações, metodologias, utilizações das novas TICS utilizadas no EAD e materiais didáticos do no projeto TELECURSO TEC - Curso Gestão Pequenas Empresas (parceria do Centro Paula Souza, Secretaria da Educação e Fundação Roberto Marinho), atual GEAD Grupo de Estudo de Educação a Distância, da Coordenadoria de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza. Apresentação de trabalhos e resumos para Simpósios e Colóquios no Centro Paula Souza (CPS), Universidade de Campinas Unicamp (UNICAMP), Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), todos com argumentações referente as competências e habilidades para o universo da Educação. Atua no Conselho Estadual de Educação para Reconhecimento de Cursos da Secretaria da Educação e pelo Conselho de Reconhecimento de Curso Técnico de Informática do Centro Paula Souza. Colaboradora voluntária desde 2018 para avaliar artigos que serão publicados na Revista Educação e Cultura Contemporânea (REEDUC) mantida a pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá desde 2004



### Maria Antonieta Nardin França

Graduada e Licenciada Plena em Ciências, com Habilitação em Biologia (1978), pela Universidade de São Carlos e Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Possui Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (2009); Pós-graduação lato sensu Especialização em Gestão Educacional pelo Centro Universitário Claretiano (2011); Pós-graduação lato sensu Especialização em Psicopedagogia Hospitalar e Clínica pelo Instituto de Educação Alvorada Plús (2013); Pós-graduação lato sensu Especialização em Neurociências Aplicadas à Educação pela Faculdade Campos Elíseos (2014); Pós-graduação lato sensu Aperfeiçoamento em Ensino e Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (2015). Possui experiência como Escriturária no Banco do Estado de São Paulo, Coordenação Pedagógica e Coordenação de Área na Etec Rosa Perrone Scavone. Atualmente é Professora do Ensino Médio e Técnico, Coordenadora de Área e Apoio Educacional na Etec Rosa Perrone Scavone.



### Patrícia Helena Cardoso Buim

Licenciada e Graduada em Ciências Sociais pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1996-7). Atuou como Cientista Social/Pesquisadora em: líder de grupo do CPEA - Centro de Pesquisas e Estudos Agrários da UNESP de 1994 a 2005, com experiência na elaboração e implantação de projetos de pesquisa, intervenção social e extensão universitária – Bolsista IC-PIBIC e Aperfeiçoamento do CNPq e CAPES; Analista Técnica em Comissão para o Comitê Gestor de Segurança e Qualidade de Vida da Prefeitura de Marília, quando atuou como Coordenadora da área de “Qualidade de Vida” do Plano Diretor Participativo Municipal de Marília em 2006. De 2006 a 2008, atuou como Gerente Administrativa da ONG - APAC - Associação de Proteção à Cidadania de Marília, em parceria com a Secretaria da Administração Penitenciária para gestão do CR - Centro de Ressocialização de Presos de Marília. Professora de Educação básica II, nas áreas de sociologia, história e geografia, a partir de 1999. Desde 2010 é Orientadora Educacional do CEETEPS - na ETEC Paulo Guerreiro Franco, de Vera Cruz, com especialização em “Ensino e aprendizagem na Educação de jovens e adultos” pelo convênio CPS/FNDE (2016), Capacitação em Psicopedagogia das emoções e comportamentos dos adolescentes (2014).



### Paula Fabiana da Silva Agüero

Graduada em Análise de Sistemas. Licenciada em Informática. Especializada em Gestão da Educação. Atuou como Gerente de Projetos em Conecto Sistemas (2005-7). Publicou o artigo “Rimas que produzem conhecimento”, na Revista Pátio, em 2018. É docente de ensino técnico desde 2003. Atualmente é professora responsável pelo projeto de Coordenação Pedagógica na Etec Armando Pannunzio, em Sorocada.



### Regiane Moraes Silva

Mestre em Ciências Ambientais. Possui Pós-graduação em Gestão Escolar. Graduada e Licenciada em Química. Tem experiência na área industrial e na área educacional como Coordenadora Pedagógica e Coordenadora de Projetos na Supervisão Regional Vale do Paraíba e Litoral Norte do Centro Paula Souza. Atualmente é Orientadora Educacional na Etec de São José dos Campos.



### Renata Aparecida Rodrigues Ferreira Dias

Graduada em Artes pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Pardo (2003). Especialização em Metodologia do Ensino de Artes pela Faculdade Internacional de Curitiba (2009). Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Casa Branca (2017). Cursando Mestrado Profissional em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara. Possui experiência em docência na educação básica desde 2006. Atua na educação de nível médio e técnico desde 2013 Etec Etec Prof. Rodolpho José Del Guerra. Atualmente é docente na área de Artes na Fundação Educacional de São José do Rio Pardo, Docente em Artes e Orientadora Educacional na Etec Etec Prof. Rodolpho José Del Guerra.



### Renata Nascimento Ribeiro

Técnica em Nutrição e dietética pela ETEC Carlos de Campos (2001), Nutricionista graduada pela Universidade de Guarulhos (2006) e pós-graduada em Docência no ensino superior, possui experiência profissional em refeições coletivas, catering, nutrição hospitalar e controle de qualidade. Desde 2014, atua como professora de ensino médio e técnico pelo Centro Paula Souza. Participou do programa especial de formação pedagógica de professores para educação profissional em nível médio (Licenciatura Centro Paula Souza, 2016). Em 2019 atuou como coordenadora do curso técnico de Nutrição na ETEC Dr. Celso Gíglío (Osasco) e desde 2020, atua na orientação educacional desta mesma instituição, desenvolvendo diversas habilidades. Graduada em Pedagogia pelo Instituto de educação e pesquisa em práticas pedagógicas (UNESP) e aluna especial na graduação “Gestão Empresarial”, na FATEC de Osasco.



### Rita de Cássia Pádula

Bacharel em Química pela Universidade Estadual de Campinas (1985), Licenciada em Produtos Químicos pela Fatec de Americana (2008), Especializada em Ensino de Química pela Universidade Cruzeiro do Sul (2012), Licenciada em Pedagogia pela

Faculdade da Aldeia de Carapicuíba (2015). Possui formação de Facilitadores de Círculos Restaurativos e de Paz pelo CEFORTE-PE Campinas (2019) e Introdução à Justiça Restaurativa pela Escola Paulista da Magistratura EPM (2020). É docente da área de Química na Etec Conselheiro Antônio Prado. Possui experiência como Coordenadora do Ensino Médio, Coordenadora do Curso Técnico em Nível Médio de Bioquímica e Coordenadora da Base Nacional Comum do ETIM em Química. Atualmente é Coordenadora de Projetos de Apoio e Orientação Educacional na Etec Conselheiro Antônio Prado.



### Roseli Fernandes Rocha

Mestre em Educação (2021) - Universidade Católica de Santos (Unisantos) com bolsa taxa CAPES/PROSUP; Pós Graduação Lato Sensu Especialização em Docência para Educação Profissional e Tecnológica - Instituto Federal Espírito Santo- (2021); Formação Pedagógica em Pedagogia - Faculdade Intervale - (2021); Pós Graduação Lato Sensu Especialização em Orientação Educacional e Gestão Escolar - Faculdade Intervale (2021); Licenciatura Plena em Educação Profissional em Nível Médio - Centro de Paula Souza (2016); Pós Graduação Lato Sensu EJA Ensino Jovens e Adultos - Centro de Paula Souza (2015); Pós Graduação Lato Sensu Sistemas de Informações - Universidade Santa Cecília (2005); Graduação em Processamento De Dados - Centro Universitário Lusíada (1998); Técnico Contábil - Escola João Octávio dos Santos (1993); Proficiência de Inglês Instrumental, Senac Matarazzo (2017); Professora de ensino técnico e médio do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CPS; Orientadora Educacional na Etec Dr<sup>a</sup> Ruth Cardoso. Experiência de 20 anos na área de Educação como professora de Ensino Técnico e Ensino Médio e 16 anos de experiência na área de Tecnologia da Informação exercendo a função de Analista de Sistemas.



### Samanta Regina Sales Pianta Raviccini

Engenheira de Produção Mecânica, Licenciada em Matemática e Pedagogia, docente do Centro Paula Souza e, também, especialista em Segurança e Higiene do Trabalho e Gestão de Pessoas. Em sua experiência profissional e, nos mais de 10 anos de docência, já atuou em diversos cargos, sendo a Orientação Educacional o qual a inspirou e instigou para a escrita e o diálogo.





## Yara Therezinha de Almeida Lozano

Autora do livro “Configurações de linguagens e seus efeitos em cartazes de propaganda” e Avaliadora de Cursos de Graduação e Pós Graduação no Ministério da Educação (MEC). Possui 4 graduações, Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, Administração, Licenciatura Plena e Pedagogia; MBA em Marketing; MBA em Gestão Empresarial, MBA em Administração com ênfase em Meio Ambiente (cursando), Especialização em Mediação de Conflitos, MBA em Gestão de Pessoas e especialização na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Mestre em Comunicação e Doutora em Ciências Empresariais. Professora de Ensino Técnico, Graduação, Pós-graduação e Mestrado (também no exterior), além de inúmeros cursos e mini cursos, apresentações de trabalhos, colóquios, palestras, fóruns, simpósios, convenções e jornadas acadêmicas. Orientadora de Estágio/TCC, participando em bancas de aprovações. Ministra cursos e palestras, além de participar de grupos de estudos como o GEL (Grupo de Estudos Linguísticos) e do Grupo de Pesquisa: Texto e Imagem. Coordenadora de Classe Descentralizada, Coordenadora de Projetos e Orientadora Educacional no Centro Paula Souza (CPS); consultora empresarial na mesma instituição. Sócia proprietária na empresa de consultoria Y&TAL, especializada em marketing e pesquisa de mercado. Consultora no SEBRAE e IBS. Atua principalmente nos seguintes temas: Gestão de Marcas e Produtos, Gestão de Serviços, Comunicação Integrada de Marketing (CIM), Customer Relationship Management (CRM), Marketing Digital, Inovação e Criatividade, Estratégia Empresarial, Empreendedorismo e Educação à distância.

# RESPONSÁVEL DO CURSO DE CAPACITAÇÃO EM 2021

Projeto 4.3.01.09 (2021)

Orientador Educacional:  
Vivências e Práticas

*Rosemeire de Fatima Ferraz*



Professora nas Etecs de Poá, Ferraz de Vasconcelos e Mogi das Cruzes, Formada em Psicologia pela Universidade Braz Cubas em 2003, especialista em Pedagogia Empresarial pela Uninter em 2015 e Mestra em Psicogerontologia pela Educatie Hoog em 2021 e Psicóloga Clínica em consultório particular.

O Orientador Educacional zela pela formação dos alunos como cidadãos, ajuda os professores a compreender os comportamentos das estudantes e cuida das relações com a comunidade. Na escola, o orientador educacional é um dos membros da equipe gestora, ao lado do diretor e do coordenador pedagógico. Ele é o principal responsável pelo desenvolvimento pessoal de cada aluno, dando suporte a sua formação como cidadão, à reflexão sobre valores morais e éticos e à resolução de conflitos. Ao lado do professor, esse profissional zela pelo processo de aprendizagem e formação dos estudantes por meio do auxílio ao docente na compreensão dos comportamentos dos estudantes. Por tratar diretamente das relações humanas, o orientador educacional pode ter suas funções confundidas com as de um psicólogo. Essa confusão, no entanto, deve ser evitada, porque, embora também lide com problemas de convivência e com dificuldades de aprendizagem dos estudantes, a função do orientador se aproxima mais do aspecto pedagógico e não da dimensão terapêutica do atendimento. Portanto, esse profissional viveu experiência com os estudantes tendo um bom desfecho ou não no final de cada acompanhamento, escrever as boas práticas sobre essa função será muito importante para que os próximos Orientadores Educacionais possam se basear nas experiências apresentadas.





**Cetec**  
Unidade do Ensino  
Médio e Técnico

[cetec.cps.sp.gov.br](http://cetec.cps.sp.gov.br)



**Cetec Capacitações**  
Conta comercial do WhatsApp



Escaneie esse código para iniciar uma conversa com a Cetec Capacitações no WhatsApp.